



PUC-SP

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**Karina Babuch Kris**

**Mestrado em Ciência da Religião**

**ESPIRITUALIDADE FEMININA E TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO  
RELIGIOSO: UM ESTUDO SOBRE CÍRCULOS DE MULHERES NO BRASIL  
SOB A INFLUÊNCIA DO FEMINISMO E DA NOVA ERA**

**São Paulo**

**2023**

Karina Babuch Kris

**Espiritualidade Feminina e Transformações no Campo Religioso: Um Estudo Sobre**  
Círculos de Mulheres no Brasil Sob a Influência do Feminismo e da Nova Era

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em cumprimento à exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciência da Religião, sob a orientação da Prof. Dr. Everton de Oliveira Maraldi.

São Paulo

2023

## **Folha de aprovação**

## **Ficha Catalográfica**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP).

O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil) – Código de Financiamento 88887.675658/2022-00

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu orientador Everton de Oliveira Maraldi. Sua presença, apoio e ensinamentos foram fundamentais para a realização deste trabalho.

As professoras Patrícia Rodrigues de Souza, Maria José Fontelas Rosado Nunes (Zeca) e a todos os educadores que tive contato durante essa jornada acadêmica, agradeço por cada ensinamento.

À minha família, especialmente aos meus pais, Esther Myriam Babuch e Edgar Daniel Kris Soifer, obrigada pelo incentivo, apoio e amor. Amo vocês incondicionalmente.

Gostaria de estender meus agradecimentos às minhas amigas Priscilla Chabbouh, Daniela Butrico, Jackeline Lissoni e Fernanda Chequer. Vocês foram meu porto nos momentos desafiadores. Amo vocês.

Aos meus amigos e colegas Matheus Martinez Donia e Manoel Pedreira Lobo, sua amizade e apoio foram muito importantes nessa jornada.

Não posso deixar de mencionar meu psicólogo Edilson O. Braga, que tem sido um parceiro fundamental no processo de autoconhecimento ao longo de oito anos. Este trabalho mútuo foi fundamental para minha saúde mental e bem-estar ao longo deste percurso.

Às mulheres que contribuíram para a produção desta dissertação, meu respeito e admiração. Dedico este trabalho a todas as mulheres, em reconhecimento da importância de suas contribuições em todos os aspectos da sociedade.

“Há alguém que passa aqui  
E deixa o amor entrar  
Há alguém que passa aqui  
E deixa o amor entrar

Mãos dadas, unindo  
Coração à coração  
O círculo girando  
Alegria e união

Todos reunidos  
Na luz e no calor  
É a promessa da tribo  
Encontro do amor”

MELISSAS, Viagem Xamânica. Disponível em  
<https://www.youtube.com/watch?v=A3kt0oFiOAA>

## **Resumo**

As práticas religiosas e seus estudos, principalmente a partir do final do século XX, foram fortemente afetados por movimentos como o Feminismo e a Nova Era, trazendo significativas concepções e possibilidades que transformaram condutas e alguns modelos de pesquisa, enfatizando e centralizando o impacto dessas transições para as perspectivas das mulheres. Como resultado, no Ocidente, novos movimentos religiosos emergiram, preconizando as mulheres e o feminino. Em específico, um grupo denominado como Círculo de Mulheres, percebido hoje como um movimento mundial e que vem crescendo no Brasil, carrega em seu cerne concepções da sacralidade do feminino imbricadas a questões políticas, sociais e psicológicas. Busca-se através desta pesquisa, traçar o contexto histórico desse grupo e compreender, com aporte do Feminismo e da Nova Era, quais são as estimativas futuras deste movimento no Brasil. Além disso, foram realizadas entrevistas com protagonistas do movimento e observações etnográficas com o propósito de explorar os resultados que surgiram a partir da pesquisa. Os resultados da pesquisa indicam a intersecção entre o feminismo e aspectos da Nova Era no movimento. Além disso, demonstram que essa construção oferece às mulheres um espaço espiritual identitário que utiliza deidades femininas e as coloca em uma posição central. O estudo é concluído com algumas considerações sobre suas limitações, bem como com recomendações para pesquisas futuras.

Palavras-chave: Feminismo, Nova Era, Espiritualidade, Gênero, Círculo de Mulheres.

## **Summary**

Religious practices and their studies, particularly from the late 20th century onwards, have been strongly influenced by movements such as Feminism and the New Age, bringing significant conceptual shifts and possibilities that have transformed behaviors and some research models, with a focus on the impact of these transitions from women's perspectives. As a result, in the West, new religious movements emerged advocating for women and the feminine. Specifically, a group known as the Women's Circles, perceived today as a global movement that is growing in Brazil, carries at its core conceptions of the sacredness of the feminine intertwined with political, social, and psychological issues. This research aims to trace the historical context of this group and understand, with the contribution of Feminism and the New Age, the prospects of this movement in Brazil. Additionally, interviews were conducted with key figures in the movement, and ethnographic observations were carried out to explore the results that emerged from the research. The research results indicate the intersection of feminism and aspects of the New Age in the movement. Furthermore, they demonstrate that this construct provides women with an identity-based spiritual space that utilizes female deities and positions them at a central place. The study is concluded with some considerations about its limitations, as well as recommendations for future research.

Keywords: Feminism, New Age, Spirituality, Gender, Women's Circle.

## Sumário

Introdução.....	12
<b>Problema de Pesquisa</b> .....	12
<b>Justificativa</b> .....	12
<b>Objetivo Geral</b> .....	14
<b>Objetivos Específicos</b> .....	14
<b>Hipótese</b> .....	15
<b>Método</b> .....	15
<b>Estrutura dos Capítulos</b> .....	16
<b>1. Trajetória do Feminismo: Das Origens à Segunda Onda</b> .....	18
<b>1.1. Feminismo e Religião</b> .....	34
<b>1.2 Raízes Patriarcais na Religião</b> .....	35
<b>1.3 Conceito de Teologia Feminista e sua Importância</b> .....	37
<b>1.4 Teologia e o Movimento da Deusa</b> .....	44
<b>1.5 Feminismo no Brasil: Uma Jornada de Luta e Conquistas</b> .....	54
<b>2 Nova Era</b> .....	59
<b>2.1 Transcendentalismo</b> .....	60
<b>2.2 Espiritismo</b> .....	63
<b>2.3 Teosofia</b> .....	67
<b>2.4 Christian Science (Ciência Cristã)</b> .....	69
<b>2.5 O Movimento Nova Era</b> .....	71
<b>2.6 Mulheres na Jornada Espiritual: Uma Perspectiva da Nova Era</b> .....	76
<b>2.7 A Influência da Nova Era na Sociedade Brasileira</b> .....	81
<b>3 Origens dos Círculos de Mulheres</b> .....	86
<b>3.1 Estrutura dos Círculos de Mulheres</b> .....	96
<b>4. Análise dos resultados</b> .....	101
<b>4.1 Espiritualidade e Espiritualidade Feminina</b> .....	103
<b>4.2 Jornada Pessoal do Círculos de Mulheres</b> .....	107
<b>4.3 Origens dos Círculos de Mulheres no Brasil</b> .....	111
<b>4.4 Aspectos Políticos e Sociais</b> .....	116
<b>4.5 Feminismo</b> .....	117
<b>4.6 Nova Era</b> .....	120
<b>5 Conclusão</b> .....	123
<b>6 Referências</b> .....	125
<b>Apêndice A</b> .....	133

## **Introdução**

Esta pesquisa busca compreender as influências do feminismo e da Nova Era nas espiritualidades centradas nas mulheres e no feminino. O objetivo é contribuir para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, culturais e espirituais contemporâneas. Além disso, pretendemos explorar como esses movimentos afetam as práticas e crenças religiosas no contexto brasileiro e como essas influências se desenvolveram ao longo do tempo.

Nossos resultados, obtidos por meio de entrevistas e pesquisa de campo com protagonistas do movimento dos círculos de mulheres no Brasil, revelam as motivações, transformações e desafios enfrentados por essas mulheres na busca por uma espiritualidade centrada nas mulheres, bem como seus questionamentos das estruturas patriarcais em um contexto cultural e religioso. Também analisamos as perspectivas feministas e as abordagens holísticas da Nova Era, considerando seus impactos nas práticas e concepções espirituais contemporâneas. Espera-se que este estudo contribua para uma compreensão mais abrangente das mudanças em curso na esfera religiosa e espiritual.

## **Problema de Pesquisa**

Como os movimentos feministas influenciaram o surgimento e o desenvolvimento de práticas espirituais no contexto dos círculos de mulheres?

Como os princípios da Nova Era tem moldado as crenças e práticas religiosas nos círculos de mulheres?

Como se deu o desenvolvimento dos círculos de mulheres no Brasil e como esse processo se relaciona com as trajetórias de vida das protagonistas desse movimento?

## **Justificativa**

Os Círculos de Mulheres estão em grande expansão em nossa sociedade ocidental, ganhando cada vez mais visibilidade e seguidoras que buscam a compreensão, o acolhimento e o auxílio nas esferas pessoais e espirituais que envolvem questões relacionadas à natureza feminina e o ser mulher na sociedade contemporânea. Trata-se de um movimento autônomo, conhecido mundialmente e ainda pouco estudado, que reúne mulheres geralmente quinzenalmente ou uma vez por mês para celebrar, experienciar e

se reconectar com aspectos espirituais relacionados à feminilidade e com as experiências profundamente pessoais das mulheres com a sororidade e a sacralidade feminina. Na comunidade dos Círculos de Mulheres, acredita-se que esses grupos tenham existido desde tempos remotos, e que por suas características consideradas pagãs foram ocultados da história, permanecendo na memória das ancestrais e no inconsciente coletivo, conceito que será explicado ao longo do texto. Seu ressurgimento ocorreu por volta da década de 1960, década que marca também o movimento de contestação contracultural, que “aprofunda a crítica à religião” e que traz a emergência dos movimentos Nova Era e a segunda onda feminista, que também desempenhou um papel fundamental na reconfiguração do cenário social e político (LONGMAN, 2018; CASTRO, 2020; D’Andrea, 2000)

O CM (Referência para Círculos de Mulheres) reaparecem em uma década de grandes transformações políticas e sociais, onde se questiona, de forma mais consolidada, a regência da sociedade a partir de valores patriarcais, que tem a dominância da autoridade masculina em “instituições como a família, as religiões, a escola e as leis” (LERNER, 2019, p.25). Nesse período da década de 60, com a contribuição dos livros de Simone de Beauvoir, (*O Segundo Sexo*), de Betty Friedan (*The Feminine Mystique*) e a assinatura pelo presidente John F. Kennedy do Ato da Igualdade da Remuneração que “documentou a desigualdade econômica das mulheres” em 1963 (GWIAZDA, D’ENTREMONT, 1988), foi possível o início de grandes transformações envolvendo a consciência social, econômica, pessoal e política (BOLEN, 2005), o que resultou no início da segunda onda dos movimentos feministas, suscitando a participação de várias mulheres a reivindicar seus direitos e a repensar em seus papéis sociais construídos a partir de pressupostos patriarcais que consideram a mulher e suas características em uma posição inferiorizada, acarretando em consequências psicossociais críticas como a violência contra as mulheres. A partir dessa percepção, valoriza-se mais às experiências das mulheres e características femininas, conferindo-lhes maior potencial (CHRIST, 1979). Esse movimento despertou questionamentos referentes às religiões predominantes, seus dogmas e a posição ocupada pelas mulheres nesses espaços. Isso incentivou a busca por um contexto que promovesse uma espiritualidade centrada nas mulheres e em suas necessidades, reconhecendo essa face em representações de divindades femininas (WOODHEAD, 2002). Nesse contexto, os Círculos de Mulheres podem oferecer um importante suporte à representação das mulheres e do feminino de forma comunitária e espiritual. O CM busca conscientizar as

mulheres de seu poder de transformação individual e coletivo, acolhendo suas questões em várias esferas distintas da vida que englobam aspectos físicos, psíquicos e espirituais.

Complementando as transformações sociais e políticas que ocorreram na década de 60, o movimento da Nova Era surge como um importante marco, reformulando as concepções espirituais da época. Nesse contexto, os círculos de mulheres encontram um espaço mais inclusivo e sensível às questões de gênero. A Nova Era se estabeleceu como um paradigma que valoriza a espiritualidade pessoal, ampliando consideravelmente as possibilidades de expressão dessa dimensão e, ao mesmo tempo, reconhecendo a importância das experiências das mulheres e suas características únicas. Essa abordagem espiritual proporciona um ambiente propício para a espiritualidade centrada nas mulheres, honrando divindades femininas e explorando uma diversidade de imagens femininas. Dentro dos círculos de mulheres, essa visão abraça discussões que abrangem não apenas as esferas físicas e psíquicas, mas também as espirituais, promovendo a criatividade, a intuição e a expressão artística como elementos fundamentais para a transformação individual e coletiva das mulheres. Nesse sentido, os CM desempenham um papel vital em meio a essa evolução espiritual, fomentando o empoderamento, a conexão e o crescimento nas esferas físicas, psíquicas e espirituais (DE LA TORRE, 2018; WOODHEAD, 2002)

### **Objetivo Geral**

Analisar de que maneira o feminismo e a Nova Era têm influenciado as práticas e crenças nos círculos de mulheres no contexto brasileiro, explorando como esses movimentos contribuíram para a reconfiguração ao longo do tempo. Também investigar de que forma os círculos de mulheres desempenham um papel nas dinâmicas entre Nova Era e o feminismo, aplicando uma abordagem dialética.

### **Objetivos Específicos**

Analisar a evolução histórica do feminismo, identificando seus marcos e influências significativas, a fim de contextualizar as transformações nas espiritualidades centradas nas mulheres.

Investigar as principais correntes e características da Nova Era, examinando como essas correntes espirituais impactaram as crenças religiosas e espiritualidades centradas nas mulheres.

Explorar como mulheres protagonistas do movimento círculos de mulheres no Brasil percebem a influência do feminismo e da Nova Era em suas práticas espirituais, bem como essas práticas afetam suas identidades.

### **Hipótese**

Os círculos de mulheres no Brasil ganham força em um período de grandes transformações sociais, no qual movimentos como o feminismo e a Nova Era desempenham papéis ativos no desenvolvimento de religiosidades centradas nas mulheres. Esses movimentos influenciam significativamente a construção e evolução dos círculos de mulheres, fornecendo uma base conceitual e prática para a expressão de espiritualidades que valorizam as mulheres e o feminino, culminando em um ambiente espiritual que promove autonomia e protagonismo das mulheres. Esse aspecto se reflete na trajetória de vida das protagonistas, contribuindo para a construção do movimento.

### **Método**

Para essa pesquisa foi utilizado o método qualitativo com entrevistas semiestruturadas e levantamento bibliográfico das teorias propostas. As entrevistas foram realizadas com quatro precursoras do movimento dos círculos de mulheres no Brasil. Foi apresentado às participantes um documento de consentimento livre e esclarecido em cumprimento às diretrizes éticas recomendadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP (CEP), e seguidas as orientações éticas para a execução da pesquisa conforme submissão do projeto à Plataforma Brasil.

Para estabelecer contato com as mulheres que participaram das entrevistas, foram realizados contatos via WhatsApp. A autora já conhecia uma das entrevistadas, e, por meio de recomendações das participantes, estabeleceu novos contatos. As entrevistas foram conduzidas presencialmente, com a exceção de uma que foi realizada online. O tempo médio de duração de cada entrevista foi de duas horas.

As perguntas realizadas foram: Fale sobre sua trajetória de vida e como os círculos entraram na sua jornada.; “Como os círculos de mulheres chegaram ao Brasil?”; “Houve algum desafio nesse processo?”; “Como tem sido a recepção do movimento no Brasil pela sua experiência?”; “O que acha do futuro do movimento no Brasil?”; “Em que medida tem um caráter político e impacto social?”; “Quem você indica para participar da entrevista?”

Para a parte qualitativa (entrevistas), foi utilizado o método de análise temática de conteúdo e elementos da análise do discurso. As entrevistas foram transcritas e as transcrições submetidas a um processo em etapas da leitura flutuante à categorização dos dados em temáticas extraídas das narrativas das participantes através da categorização de Laurence Bardin (2015).

Para conduzir a análise das entrevistas e identificar os temas comuns que emergiram das histórias de vida das quatro mulheres e sua relação com a espiritualidade feminina e os círculos de mulheres, utilizei a abordagem de categorização proposta por Laurence Bardin. Essa metodologia de categorização permitiu organizar e estruturar os dados qualitativos coletados, facilitando a identificação de padrões e tendências que auxiliaram na compreensão mais profunda dessas experiências. As informações foram sistematizadas de modo a evidenciar os elementos essenciais que convergem nas narrativas das entrevistadas (Bardin, 2015).

### **Estrutura dos Capítulos**

A presente dissertação se propõe a investigar a influência do feminismo e da Nova Era nas religiosidades que cultuam o feminino, com foco no contexto brasileiro. Para compreender essa dinâmica, foi fundamental contextualizar os movimentos que a moldaram.

No Capítulo 1, adentramos o universo do feminismo, explorando a trajetória do feminismo a partir de suas origens à segunda onda, bem como as correntes teológicas feministas e a emergência da teologia. Além disso, examinamos a trajetória do feminismo no Brasil, suas origens e sua influência nas expressões no país. Como parte desse panorama, investigamos como o feminismo redefiniu as normas tradicionais no Brasil.

No Capítulo 2, exploramos o movimento da Nova Era, um movimento espiritual eclético que abraça uma variedade de práticas holísticas em busca de uma conexão com a espiritualidade. Analisamos a Nova Era no contexto de suas influências anteriores, incluindo lideranças femininas que desempenharam papéis cruciais. Também examinamos como a Nova Era trouxe à tona a importância do feminino em sua abordagem espiritual, influenciando diretamente as mulheres. Também abordamos especificamente o contexto da Nova Era no Brasil, onde suas manifestações e influências locais enriquecem ainda mais essa jornada espiritual diversificada.

No Capítulo 3, exploramos a origem dos círculos de mulheres e sua chegada ao Brasil. Realizamos entrevistas com mulheres pioneiras no movimento dos círculos de mulheres para entender como essa prática espiritual se enraizou no país. Investigamos aspectos políticos, sociais e históricos que moldaram o movimento no Brasil e analisamos essas experiências por meio da categorização de Laurence Bardin. Este capítulo permitirá uma compreensão mais profunda de como os círculos de mulheres se encaixam na paisagem religiosa brasileira e como foram moldados pela interseção do feminismo e da Nova Era.

Na conclusão, consolidamos as descobertas e análises que percorreram nossa investigação sobre a influência do feminismo e da Nova Era nos Círculos de Mulheres, com ênfase no contexto brasileiro. Também discutimos possíveis limitações da pesquisa e apresentamos recomendações para investigações futuras.

## **1. Trajetória do Feminismo: Das Origens à Segunda Onda**

Apesar das mulheres perceberem desigualdades social, cultural, intelectual e religiosa vividas e conceituadas durante séculos, o termo feminismo somente foi reconhecido a partir de 1890, durante a primeira onda do feminismo. Mulheres expressaram indignação referente à posição de inferioridade que era imposta pela cultura patriarcal e reforçada pela igreja católica que julgava mulheres como o “vaso mais frágil” que deveria ocupar o papel de mãe e esposa. No século XV na França, Christine de Pizan escreveu “O Livro da Cidade das Damas”, com críticas à misoginia da época e contribuições de mulheres para a sociedade (DAMM, 2019). Mary Astell, considerada uma das primeiras feministas inglesas, em 1700, fez uma importante declaração que demonstrava a construção social pautada nos sexos, apontando que “o papel socialmente inferior das mulheres não era nem determinado por deus, nem inevitável”. Ela acrescenta que a concepção das mulheres como inferiores está pautada na dominação masculina e na falta de educação, tema este que perdura até os dias de hoje e que reflete-se em trabalhos de várias feministas. Percebemos, assim, que mesmo sem uma denominação formalizada como hoje é conhecido, havia mulheres que se posicionaram contra o patriarcalismo (MCCANN, 2019).

Em meio ao contexto restritivo que permeava a sociedade em relação às mulheres, emerge a figura notável de Sor Juana Inés de la Cruz, uma poetisa, escritora e freira mexicana do século XVII. Apesar das limitações impostas às mulheres naquela época, Sor Juana encontrou no caminho religioso um meio de expressão para sua produção intelectual. Com firmeza, ela criticava a resistência patriarcal e defendia veementemente o direito à educação, um posicionamento que, no entanto, gerou críticas por parte da hierarquia eclesiástica. Seu engajamento e posicionamento na defesa dos direitos das mulheres à educação e sua contestação das normas sociais prejudiciais às mulheres a tornaram uma figura icônica na história, deixando um legado significativo até os dias atuais (MORENO e MORENO, 2014).

Com a chegada do Iluminismo, novas concepções foram elaboradas na Europa e nos Estados Unidos. A ciência e a razão ganharam lugares de destaque e modelos antigos de liberdade e igualdade foram reformulados, ficando em uma posição elevada à superstição e à fé. Nessa esfera, mulheres adentraram com mais afinco no universo político, mas ainda em desvantagem, já que ainda era questionado se esses novos modelos se aplicavam às

mulheres, o que não impediu críticas a esse posicionamento e a criação de movimentos femininos e mistos em 1780 na Europa e América do Norte em prol da “igualdade na educação, os direitos políticos e o direito de trabalho” (MCCANN, 2019, p. 30). O Iluminismo, portanto, se tornou importante para a luta das mulheres por direitos de igualdade e espaços políticos, o que culminou em maior visibilidade desses empreendimentos durante e posterior a Revolução Francesa, em 1789 (MONTEIRO e GRUBBA, 2017; MCCANN, 2019).

Após a Revolução Francesa alguns acontecimentos foram importantes e influenciaram os ditames das ondas do feminismo que vieram posteriormente. Olympe de Gouges, conhecida como “humanista que lutou pela igualdade dos seres humanos e a defesa dos oprimidos” (GOUGES; ESCALLIER, 2010, p.4), teve papel bastante influente na França e posteriormente de forma mundial. Após a Revolução Francesa, como marco do fim do Antigo regime, em 1789, foi aprovada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, estabelecendo novos princípios fundamentais para criar um novo modelo liberal de governo, impondo limites ao poder governamental e garantindo direitos civis e políticos aos homens da época (REGALLA, 2019).

Em 1791, Gouges, escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã como uma crítica à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, onde qualifica que na cidadania e na política não deveriam fazer distinção entre os sexos. Para Gouges, uma sociedade justa é pautada na igualdade e liberdade de todos e para tanto, as mulheres precisam ser reconhecidas e ter seus direitos constituídos. (GOUGES, ESCALLIER, 2010).

“Homem, és capaz de ser justo? É uma mulher que te faz esta pergunta; não a privarás, pelo menos, desse direito. Diz-me, quem te deu o supremo poder para oprimires o meu sexo? A tua força? Os teus talentos? Observa o criador em sua sabedoria; percorre a natureza em toda a sua grandeza com que julgas estar em harmonia e dá-me, se tiveres coragem, o exemplo desse direito tirânico.” (GOUGES, 2010, p.16).

Dedicada à Rainha Maria Antonieta, a Declaração da Mulher e da Cidadã inicia com um preâmbulo que está disposto abaixo, “17 artigos que reivindicavam e demonstravam os direitos das mulheres, tais como a igualdade, a liberdade, a justiça, a livre comunicação dos pensamentos e das opiniões, entre outros” (MONTEIRO e GRUBBA, 2017). Ela encerra com um pós-ambulo que inicia com a frase “Mulher, acorda; o rebate da razão

faz-se ouvir em todo o universo; reconhece os teus direitos”. Apresentado à Assembleia Nacional em 28 de outubro de 1791 houve pouca repercussão e posteriormente, em 1793, Gouges teve sua vida ceifada em uma guilhotina e a sentença anunciava que ela havia tentado ocupar o espaço de um homem de Estado e que esses foram os resultados por seu posicionamento (GOUGES, ESCALLIER, 2010; MONTEIRO e GRUBBA, 2017).

“As mães, as filhas, as irmãs, representantes da nação, reivindicam constituir-se em Assembleia Nacional. Considerando que a ignorância, a omissão ou o desprezo pelos direitos da mulher são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção das governações, as mulheres resolveram expor numa declaração solene, os direitos naturais, inalienáveis e sagrados da mulher, de modo a que esta declaração, apresentada reiteradamente aos membros do nosso corpo social, lhes lembre os seus direitos e os seus deveres, para que os atos do poder das mulheres, e os do poder dos homens, possam ser a todo o momento comparados com a finalidade de que toda a instituição política seja mais respeitada, a fim de que as reclamações das cidadãs sejam fundadas, doravante, sobre princípios simples e incontestáveis, voltados para a manutenção da Constituição, dos bons costumes e da felicidade de todos.” (GOUGES, 2010, p.17)

Influenciada pelo pensamento iluminista e pelos empreendimentos de Olympe de Gouges, a escritora britânica Mary Wollstonecraft publicou em 1792 a obra "*A Vindication of the Rights of Woman*". Nessa obra, Wollstonecraft discorre sobre críticas à Constituição Francesa de 1791, que fomentava a exclusão do âmbito público, limitando-as ao privado negando-lhes educação formal, o que as tornava dependentes dos homens e as excluía da categoria de cidadãs. (MCCANN, 2019; WOLLSTONECRAFT, 2016).

Em sua obra, Wollstonecraft também critica a ideia de Jean-Jacques Rousseau e outros autores que aplicavam o conceito libertário somente aos homens, deixando as mulheres à margem da desigualdade. Ela destaca como a submissão feminina é um problema social, argumentando que questões biológicas, religiosas, ou referentes ao intelecto são construções sociais imputadas pelos homens e não possuem fundamentos que justifiquem a inferiorização das mulheres. Seu trabalho alcançou popularidade, sendo utilizado em outros países da Europa e nos Estados Unidos como uma importante fonte de inspiração que fomentou movimentos futuros no século XX (ABREU, 2002).

Os empreendimentos de Gouges, Wollstonecraft, entre outros, foram essenciais para o desenvolvimento do feminismo atual, compondo uma base crítica em relação à sociedade,

religião, intelecto e cultura. Essas pioneiras do feminismo atravessaram e continuam atravessando as diferentes ondas do feminismo, tornando-se temas atuais e relevantes. Utilizando da razão como ferramenta, essas mulheres argumentaram contra a subordinação feminina, contestando o conceito de que tal subordinação era inerente à natureza. Além de suas lutas pelos direitos das mulheres, Gouges e Wollstonecraft participaram ativamente da vida política como feministas e abolicionistas, engajando-se na luta pelos direitos de todos. Seus legados e contribuições foram fundamentais para moldar a trajetória do movimento feminista, e suas ideias continuam a inspirar gerações posteriores de mulheres na busca por igualdade e justiça.

Nos Estados Unidos, o movimento feminista também teve suas precursoras influentes, como Abigail Adams (1744-1818), figura notável do século XVIII, que desempenhou um importante papel na Revolução Americana, posicionando-se fortemente a favor dos direitos das mulheres.

Abigail, foi uma mulher que passou a maior parte de sua vida em Massachusetts. Cresceu através dos ensinamentos do puritanismo, o que influenciou toda sua jornada de vida e perspectivas políticas ao compreender que os acontecimentos eram obras divinas. Por ser profundamente intelectualizada não se debruçava somente à religião, estendendo seus estudos à política, filosofia e outros temas. Por um lado, acreditava nos ensinamentos religiosos, que muitas vezes sustentavam a subordinação das mulheres aos homens, e por outro defendia a necessidade de educação às mulheres para que essas pudessem ter mais oportunidades, aspecto este que causou dualidade em seus pensamentos. (GELLES, 1992).

Esse paradoxo foi alimentado por acontecimentos com John Adams (1735-1826), seu marido, que por suas responsabilidades políticas deixou os negócios da família nas mãos de Abigail, o que para a época tais responsabilidades eram consideradas masculinas. Como esposa, mãe e empresária, tinha conhecimentos que a faziam refletir sobre a educação e os direitos das mulheres, o que expressava e defendia nas extensas trocas de cartas com John Adams (GELLES, 1992).

Outra figura importante que igualmente reflete os pensamentos de mulheres letradas da classe alta nos Estados Unidos no século XVIII foi Judith Sargent Murray (1751-1820), que através de “vários ensaios, poemas, cartas e peças teatrais” (SCOBELL, 2000, p.4) expressava sua visão sobre as diferenças de gênero na sociedade e a disparidade causada

pela falta de educação na vida das mulheres. Muitas das crenças de Judith foram inspiradas por sua visão religiosa, que era influenciada pelo universalismo, filosofia que preconiza a ideia de salvação a todas as pessoas, independentemente de sua religião ou crença, que estava em voga nos séculos XVIII e XIX. Seu segundo marido, o Reverendo John Murray, é reconhecido como o “Pai do Universalismo Americano”, sendo uma figura proeminente nessa corrente religiosa; DYKEMAN, 1999).

Ela argumentou que as mulheres tinham as mesmas capacidades intelectuais que os homens e promoveu a igualdade em sua obra *“On the Equality of the Sexes”* (1790). Neste trabalho, Murray discorreu sobre a necessidade da igualdade educacional e política para as mulheres, enfatizando que o discurso que as considera intelectualmente inferiores não é resultado de uma incapacidade, mas sim de uma educação diferenciada para homens e mulheres. Para isso também explorou quatro categorias consideradas de poder intelectual, sendo elas imaginação, memória, razão e julgamento, que utilizou para fortalecer seu posicionamento em relação à igualdade intelectual (SCOBELL, 2000; DYKEMAN, 1999).

A partir do século XVIII tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, houve grande movimentação em prol dos direitos das mulheres que foram o início e a influência de eventos posteriores. O iluminismo tornou-se um evento de grande magnitude, impulsionando os empreendimentos das mulheres na carreira política e evidenciando diferenças significativas nos papéis sociais entre homens e mulheres arraigados na construção social patriarcal. Esses esforços que desembocaram em declarações e reivindicações que buscavam qualificar as mulheres como cidadãs aptas a fazer parte da sociedade, incluindo o direito ao voto e a educação, tiveram resultados limitados, até mesmo pouco tempo após a Revolução Francesa, que foi um marco que remodelou condutas sociais para os homens. Durante a primeira onda do feminismo, os trabalhos realizados por Gouges e Wollstonecraft, Adams, e outras figuras importantes, influenciaram e deram força ao movimento e a futuras pensadoras.

O que conhecemos como a primeira onda do feminismo tem seu início em meados do século XIX e início do século XX. O movimento iniciou-se com o intuito de eliminar o sexismo e conquistar a igualdade entre homens e mulheres nos âmbitos social, econômico, político e religioso. Dessa forma desenvolveu-se conhecimentos e atitudes que visavam transformar os moldes sociais, antes pautados no patriarcalismo para uma

vertente mais igualitária. No que tange registros históricos sobre o feminismo, esse se deu de maneira mais irreverente a partir do século XX, principalmente nos Estados Unidos e Europa, onde, de forma mais contundente, mulheres “exigiam direito ao voto, acesso igualitário à educação e ao casamento” (MCCANN, 2019, p.14; SILVA et al.,2021).

O cenário da primeira onda do feminismo é marcado por duas lutas distintas, mas interconectadas, que visavam remodelar papéis sociais e reivindicar direitos há muito relegados. O movimento sufragista, por um lado, exigiu “direitos civis, como o acesso à formação superior, ao voto e à participação política” (MÉNDEZ, 2005, p. 52). Por outro lado, o movimento operário, impulsionado pelo socialismo e pela Revolução Industrial, levou a uma maior participação das mulheres na força de trabalho em busca de melhores condições de empregos e salários justos. Essas lutas não eram independentes, muitas vezes com mulheres envolvidas nas duas frentes (MÉNDEZ, 2005; SILVA et al.,2021).

Eventos notáveis contribuíram para o avanço das lutas pelo direito ao voto das mulheres e pela igualdade de gênero. Como citado anteriormente, Abigail Adams, esposa de John Adams, o segundo presidente dos Estados Unidos, solicitou a inclusão das mulheres na Constituição Americana. Sua solicitação encontrou resistência, uma vez que a inclusão das mulheres poderia levar à inclusão dos escravos, segundo John Adams. A preocupação que era refletida nos pensamentos de Abigail Adams teve significativa influência para os desenvolvimentos futuros. Assim como os de Gouges e de Wollstonecraft que ganharam reconhecimento internacional (ANNE ULLOA, 2019).

Com pensamentos arraigados a conceitos advindos da religião, principalmente do cristianismo, os Estados Unidos estruturaram-se a partir de preceitos bíblicos, que conduziram boa parte da estruturação de sua política. Incidência essa que é perceptível em outros países que possuem forte influência de religiões patriarcais. A política e a religião interligaram-se de tal forma que muitas vezes dificultam a sua distinção. Essas crenças fortaleciam o papel de submissão das mulheres, onde “a lei, a religião e os costumes sociais foram utilizados para reforçar a inferioridade das mulheres e impor a ideia de que elas deveriam permanecer em silêncio e sujeitas a uma posição subordinada” (ULLOA, 2019, p.3 apud STONE BLACKWELL, 1930, p7).

A participação das mulheres no campo político, no entanto, desenvolveu-se a partir de movimentos abolicionistas que ocorreram no século XIX, os quais trouxeram a noção de sua subjugação através das lutas antiescravagistas. O início da luta abolicionista reuniu

peessoas de distintas raças e sexo, mas separou-se futuramente quando o direito a homens negros ganhou maior visibilidade (MCCANN, 2019).

A primeira Convenção de Seneca Falls, ocorrida em julho de 1848, é considerada um marco inicial dos movimentos em prol dos direitos das mulheres. Nesse evento, líderes e ativistas notáveis como Elizabeth Cady Stanton e Lucretia Mott se reuniram e se tornaram as principais organizadoras. Em colaboração com Lucy Stone, escreveram a Declaração de Direitos e Sentimentos, inspirada na Declaração de Independência dos Estados Unidos, mas com a inclusão das mulheres nos seus direitos. Stanton e Mott, se conheceram na Convenção Antiescravagista em Londres em 1840, o que as impulsionou a desenvolver o evento em Seneca Falls, Estados Unidos (MCCANN, 2019; ULLOA, 2019; ABREU, 2002).

A Declaração dos Direitos e Sentimento possuía doze resoluções propostas aos participantes. “Onze delas foram adotadas por unanimidade, incluindo resoluções para direitos iguais no casamento, na religião, na educação e no emprego” (MCCANN, 2019, p.59), a única a receber menos votos foi a do sufrágio feminino, que posteriormente foi aceita e impulsionada por Frederick Douglass, influente líder afro-americano do século XIX.

Em 1850, Lucy Stone organizou a primeira Convenção Nacional dos Direitos das Mulheres em Massachusetts. Em 1852, outra convenção foi organizada por Susan B. Anthony em Syracuse. Em 1854, Anthony, que se tornou uma amiga próxima de Stanton, auxiliou-a a escrever um discurso para a Assembleia Legislativa de Nova York. Conforme ocorriam outros eventos, Stanton e Anthony uniram esforços em prol do abolicionismo e dos direitos das mulheres. Durante a Guerra Civil (1861-1865), o movimento abolicionista ganhou destaque, mas também trouxe divisões entre o sufrágio para homens negros e mulheres (MCCANN, 2019).

Enquanto esses eventos estavam acontecendo, outras figuras do movimento dos direitos das mulheres e do abolicionismo também desempenhavam papéis cruciais. Um discurso memorável, proferido em 1851, na Convenção de Direitos das Mulheres em Akron, Ohio, e que deve ser destacado, é de Sojourner Truth, que tornou-se pregadora pentecostal, uma ativista que foi vítima da escravidão e também uma defensora abolicionista. Truth compartilhou sua história salientando as dificuldades de uma mulher negra, o que

interligou-se ao “sufrágio feminino e os direitos dos negros” em seu discurso “Eu não sou uma Mulher?” (SILVA et al., 2021, p.107; MCCANN, 2019).

E não sou mulher? Olhem pra mim! Olhem pro meu braço! Tenho arado e plantado, e juntado em celeiros, e nenhum homem poderia me liderar! E não sou uma mulher? Posso trabalhar tanto quanto e comer tanto quanto um homem – quando consigo o que comer – e aguentar o chicote também! E não sou uma mulher? Dei à luz treze filhos, e vi a grande maioria ser vendida para a escravidão, e quando eu chorei com minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus me ouviu! E não sou mulher? Se a primeira mulher feita por Deus teve força bastante para virar o mundo de ponta-cabeça sozinha, estas mulheres juntas serão capazes de colocá-lo na posição certa novamente! E agora que elas estão querendo fazê-lo, é melhor que os homens permitam. (SILVA et al., 2021, p.106 apud SANTOS E AZEVEDO, 2020, p. 24).

Esse discurso instigou reflexões sobre as disparidades entre homens e mulheres, bem como entre mulheres de diferentes origens étnicas que ganharam ainda mais relevância (SILVA et al., 2021).

Matilda Joslyn Gage, outra mulher que se destaca nesse cenário, também contribuiu para essa luta. “Gage era uma sufragista muito culta, abolicionista e ativista pelos direitos dos povos nativos norte-americanos, livre-pensadora e escritora”. Trouxe importantes reflexões acerca da opressão que mulheres passavam fomentada pela religião e pelo Estado. Responsabilizando e criticando as instituições religiosas e as interpretações tradicionais que fortalecem a subjugação das mulheres. Participou da Convenção Nacional pelos Direitos da Mulher em Syracuse, em 1852, onde pela primeira vez fez seu discurso e, em 1893, publicou sua obra mais influente, “*Woman, Church, and State*” (Mulher, Igreja e Estado), onde “ela aborda a tradição do cristianismo de apoiar a subjugação feminina, controlando o casamento como uma instituição dominada por homens, perseguindo mulheres acusadas de bruxaria e pregando púlpito a inferioridade feminina”. (MCCANN, 2019, p. 80).

As lutas persistiram e, em 1869, Stanton e Anthony estabeleceram a *Woman Suffrage Association* na cidade de Nova York. O fruto de seus esforços foi a progressiva conquista do direito ao voto feminino em vários estados. O ápice desse movimento ocorreu em 1920, quando esse direito foi finalmente estendido em âmbito federal. Além disso, a influência desses esforços se expandiu a mulheres em diversas partes do mundo, conforme observado por MCCANN (2019).

Na Grã- Bretanha do século XIX, o movimento pelo sufrágio feminino foi impulsionado por Harriet Taylor Mill (1807-1858) e John Stuart Mill (1806-1873), que compartilhavam de visões liberais e progressistas. Acreditaram e trabalharam pela igualdade de gênero e pela participação das mulheres na esfera política. Esforços esses que colaboraram para o avanço do sufrágio feminino na Grã-Bretanha e em outros lugares.

Harriet T. Mill desempenhou um papel fundamental na influência dos pensamentos de John S. Mill em relação ao sufrágio feminino e à luta pelos direitos das mulheres. Seu ensaio, "*Enfranchisement of Women*", argumentou a favor do direito das mulheres ao voto e inspirou John a escrever "*On the Subjection of Women*", uma crítica contundente ao estatuto social das mulheres de sua época. Harriet T. Mill também se inspirou nos eventos da Convenção de Seneca Falls de 1848 nos Estados Unidos, usando os ideais da Declaração da Independência dos Estados Unidos para destacar princípios de igualdade e justiça que deveriam ser estendidos a todas as pessoas (ABREU, 2002; MCCANN, 2019).

A combinação dessas influências levou John S. Mill, eleito deputado em 1865, a apresentar uma petição de lei ao parlamento que incluía o direito ao voto às mulheres, entregue por um grupo de sufragistas britânico. Embora a petição de lei não tenha sido aprovada na época, ajudou a avançar no processo do sufrágio feminino e desenvolver uma maior conscientização sobre esses temas na sociedade britânica (ABREU, 2002; ALVES e PITANGUY, 1991).

Na contínua busca pelo direito das mulheres ao voto na Grã-Bretanha e Irlanda, dois grupos de sufragistas se destacam. Um deles, considerado mais pacifista, foi liderado por Millicent Fawcett (1847-1929), uma figura importante na luta pelos direitos das mulheres ao voto. Auxiliada pela sua conexão com o cenário político britânico, era casada com o deputado liberal e economista Henry Fawcett, adquiriu conhecimento do sistema e do funcionamento interno do governo, sendo significativo para as causas feministas. Em 1897, ela fundou a *National Union of Women's Suffrage Societies (NUWSS)*, uma organização sufragista que adotou métodos pacíficos e abordagens conciliatórias. Além disso, "Millicent Garrett Fawcett supervisionou a aprovação da Lei de Representação do Povo (1918) e continuou como uma defensora ativa até sua morte aos oitenta e dois anos." (GAMBLE, 2001, p.197; MCCANN, 2019).

Em contraste, o outro grupo que era conhecido por ações mais enérgicas, foi liderado por Emmeline Pankhurst (1858-1928). Pankhurst, anteriormente integrante do NUWSS, fundou em conjunto com suas filhas Christabel e Sylvia, em 1903, o *Women's Social and Political Union (WSPU)*, “quando o braço local do Partido Trabalhista Independente se recusou a colocar em sua agenda o voto feminino” (MCANN, 2019, p. 87). Esse grupo ficou conhecido por ter uma postura mais radical que incluía atos de vandalismo, protestos e greves.

Durante a Primeira Guerra Mundial, o movimento sufragista sofreu divisões e interrupções. Enquanto algumas sufragistas, incluindo figuras proeminentes como Emmeline e Christabel Pankhurst, apoiaram a guerra na esperança de avançar na conquista do sufrágio feminino, outras, como Sylvia Pankhurst, eram pacifistas e se opuseram à guerra. No entanto, todas permaneceram unidas na causa da emancipação feminina. Em 1918, o direito ao voto foi conquistado, mas com restrições, limitando-o a mulheres com mais de 30 anos que atendessem a certos critérios de propriedade. Somente em 1928, esse direito foi estendido a todas as mulheres com mais de 21 anos (GOMES, 2018).

Apesar da existência de outros movimentos sufragistas, a NUWSS e WSPU foram importantes para o direito ao voto das mulheres britânico, trabalhando de diferentes formas e auxiliando no progresso do movimento. Foram seis décadas de luta para chegar, por fim, a um resultado positivo (ABREU, 2002; GOMES, 2018).

Os séculos XIX e XX foram marcados por grandes transformações que exigiram esforços para a inclusão de direitos políticos, econômicos e sociais que sinalizaram uma disparidade entre classes. Questões relacionadas ao trabalho e ao casamento, bem como à instituição familiar, foram áreas de preocupação. A Revolução Industrial, impulsionada por avanços tecnológicos, reconfigurou a estrutura econômica e social, e acelerou a produção de tal forma que artesãos autônomos ficaram em desvantagem. A emergência de trabalhadores nas fábricas foi um fenômeno em ascensão, no qual mulheres tiveram um papel essencial, ao lado de crianças que foram inseridas nesse contexto. As condições de trabalho eram desafiadoras e exaustivas, exigindo jornadas de mais de doze horas de trabalho por dia, com salários baixos, sendo que as mulheres enfrentavam uma situação mais precária, e sem direitos trabalhistas. Havia uma grande exploração da mão de obra na época (MCCANN, 2019; SAFFIOTI, 2013).

Essas condições de trabalho e a busca por direitos trabalhistas culminaram na formação de sindicatos, que tiveram pioneiras mulheres, como a Lowell Mill Girls (Moças da Usina Lowell), o primeiro sindicato feminino nos Estados Unidos durante a primeira metade do século XIX. Esse grupo, que lutava por melhores salários e condições de trabalho, inspirou outros movimentos sindicalistas, incluindo o coletivo de mulheres lavadeiras vítimas de um sistema escravagista, em 1866, e, posteriormente, um grupo de homens também afetados pela escravidão, que encontrou inspiração no exemplo dessas mulheres. Outros sindicatos foram surgindo e fomentando uma onda de ações em benefício dos trabalhadores (MCCANN, 2019).

Já na Grã-Bretanha e Europa, grupos socialistas ganhavam força, fundamentando-se nas ideias de Marx e Engels que “escreveram sobre a exploração injusta e sugeriram alternativas socialistas ao capitalismo” (MCCANN, 2019, p. 50). A participação das mulheres e o desenvolvimento do capitalismo trouxeram consciência a uma outra questão: a diminuição da fronteira entre espaço público e privado, sendo o primeiro reservado aos homens enquanto o segundo, às mulheres. Essa reflexão sobre os papéis atribuídos levantou contestações sobre narrativas filosóficas e científicas sobre as mulheres, considerando-as inferiores e sem capacidade intelectual para lidar com questões públicas e políticas. A inclusão de mão de obra feminina trouxe uma nova percepção sobre si mesmas, gerando a busca por seus espaços afirmando igualdade e competência (MÉNDEZ, 2005).

“O aparecimento do capitalismo se dá, pois, em condições extremamente adversas à mulher. No processo de individualização inaugurado pelo modo de produção capitalista, ela contaria com uma desvantagem social de dupla dimensão: no nível superestrutural, era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina, e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, à medida que se desenvolviam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção.” (SAFFIOTI, 2013, p.65)

Segundo Saffioti (2013), a ideia de Marx em relação ao desenvolvimento capitalista e as consequências da família trata-se de uma reconfiguração e não extinção dela. As mulheres não seriam posse dos maridos e seus ganhos pertenceriam a elas, o que configuraria em maior autonomia. “Reificando-se a mulher, reifica-se também o homem, pois quem se

satisfaz com um objeto, quem não tem necessidade de entrar em relação com o outro ser humano, perdeu toda sua humanidade” (SAFFIOTI, 2013, p.111).

Frederich Engels, reconheceu a opressão das mulheres através do casamento e monogamia, argumentando que o capitalismo tem uma parte importante nesse processo, tornando os homens provedores e as mulheres pertencentes a uma posição subordinada, mantendo-se como donas de casa. Para Engels, essa estrutura acaba por retirar a liberdade e independência das mulheres. Essas questões foram trabalhadas em sua obra “A Origem da Família, da Propriedade e do Estado”, escrita em 1884 (SAFFIOTI, 2013).

Marx e Engels fizeram contribuições significativas no que diz respeito às estruturas econômicas da sociedade e à compreensão de como essas estruturas impactam diretamente as mulheres, oprimindo-as. No entanto, eles não desenvolveram teorias profundamente elaboradas sobre esse tema, concentrando seus esforços na análise das lutas de classe. Apesar disso, abriram caminhos para futuras análises sobre o papel das mulheres na sociedade e como as estruturas econômicas e sociais as afetam (SAFFIOTI, 2013).

“o feminismo floresceu durante as revoluções liberais e socialistas, para logo ser reprimido com a restauração do conservadorismo, em Inglaterra e nos Estados Unidos, o sucesso do liberalismo político constituiu um fator decisivo na emergência e no sucesso dos movimentos em defesa dos direitos das mulheres. Liberais e feministas partilhavam muitas posições e princípios comuns. Tanto as teorias políticas liberais como as das feministas centravam-se no ‘individualismo’ e na ‘razão’, em oposição à estrutura, crenças, convenções e autoridade estabelecidas. Acreditavam no poder da educação e das reformas políticas e sociais como forma de erradicar barreiras e hierarquias arbitrárias seculares.” (ABREU, 2002, p.455)

Ao longo do tempo, várias lutas surgiram em prol dos direitos das mulheres. Caroline Norton desempenhou um papel importante na luta pelo divórcio e na definição de questões relacionadas à custódia dos filhos, enquanto também se concentrava em reformar as leis de casamento que tratavam as mulheres como propriedade, resultando na perda de seus bens. Ela defendeu a proteção das mulheres contra os abusos que sofriam. Outra contribuição significativa veio de Bárbara Bodichon, que promoveu o acesso das meninas à educação através de seus esforços na área de estudos femininos. Elizabeth Blackwell se destacou como a primeira mulher a obter um diploma de medicina, abrindo caminho para as mulheres na profissão médica. Além disso, houve a luta pela igualdade

em relação a doenças contagiosas, com destaque para a campanha liderada por Josephine Butler para proteger os direitos das mulheres que muitas vezes eram vítimas de violência e abuso em meio a questões como a sífilis, que afetaram a Grã-Bretanha e a Suécia. Essas batalhas também incluíram a defesa da liberdade intelectual, com figuras como Virginia Woolf contribuindo para expandir o espaço das mulheres no campo intelectual (MCCANN, 2019).

Algumas principais conquistas da primeira onda do feminismo incluem o direito ao sufrágio, acesso à educação, melhores condições de trabalho, reforma de leis matrimoniais, conscientização sobre saúde e direitos reprodutivos, conscientização dos direitos das mulheres, assim como a formação de movimentos e organizações feministas.

A primeira onda do feminismo, pavimentou grandes conquistas para as mulheres, como o direito ao voto, melhoria na educação e condições de trabalho. Nas décadas de 1960 e 70, o feminismo ingressou em uma nova fase, conhecida como segunda onda, que desenvolveu reflexões e críticas em relação a gênero, sociedade e cultura. Nesse período, construções sociais relacionadas aos papéis desempenhados por homens e mulheres são discutidas, com foco direcionado para a importância das experiências das mulheres. Também bastante influenciada pelas pensadoras Simone de Beauvoir, com a famosa frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, que desafia a questão da construção social; Betty Friedan, que lança luz sobre o “problema sem nome”; e Carol Hanisch que fomenta a discussão com “o pessoal é político”. “Essa segunda onda via a posição das mulheres em relação aos homens um tanto diferente quanto desigual, e analisava todos os aspectos da sociedade, incluindo sexualidade, religião e poder, redefinindo esses aspectos em relação à opressão das mulheres” (MCCANN, 2019, p. 112). Essas perspectivas trouxeram à tona os desafios enfrentados pelas mulheres e, mais do que isso, ultrapassam os limites da conscientização e do empoderamento, redefinindo paradigmas arraigados (SILVA et al., 2021, p. 108; MCCANN, 2019, p. 112).

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), período em que as mulheres passaram a ocupar uma diversidade de papéis para além do doméstico, emergiu uma multiplicidade de influências nas campanhas para que, em sua maioria, mulheres brancas de classe média, retornassem a esses papéis tradicionais. Como resultado, na década de 1950, tornou-se evidente uma redução na proporção de mulheres ativas no mercado de trabalho

e um aumento na quantidade de mulheres que direcionaram seus esforços para o âmbito privado, cumprindo suas funções como donas de casa, mães e esposas (FRIEDAN, 2021).

Simone de Beauvoir, filósofa feminista, escreveu "O Segundo Sexo" em 1949, onde analisou a opressão das mulheres na sociedade patriarcal. Ela destacou como as mulheres são frequentemente tratadas como "Outras" em relação aos homens, negando-lhes autonomia. O livro se divide em duas partes: "Fatos e Mitos", que investiga biologia e história, não encontrando justificativas plausíveis para a opressão das mulheres, e "A Experiência Vivida", que explora as experiências das mulheres em diversas áreas da vida. Beauvoir enfatizou a necessidade de transformação social para que as mulheres fossem reconhecidas como seres autônomos. Seu pensamento influenciou profundamente o feminismo e outras pensadoras, como Shulamith Firestone (MCCANN, 2019).

Na década de 1950 e 1960 nos Estados Unidos, as mulheres ansiavam por se tornarem donas de casa, mas com o tempo muitas começaram a sentir uma insatisfação profunda em seus papéis tradicionais, o que Betty Friedan chamou de "problema sem nome". Isso levou a um fenômeno chamado de "síndrome da dona de casa", embora fosse controverso. A psicologia, influenciada por ideias de Freud, perpetuou estereótipos de feminilidade, onde as mulheres eram vistas como passivas e submissas, o que levava à perda de suas próprias identidades em função de suas famílias. Friedan não culpava diretamente as ideias de Freud pela "mística feminina", mas ela reconhecia que essas ideias influenciavam acadêmicos de várias disciplinas, incluindo sociólogos e antropólogos, que contribuíam para a crença na necessidade de uma divisão de papéis entre homens e mulheres para manter uma sociedade funcional. Isso gerava um conflito entre o papel de ser dona de casa e a busca de outras áreas da vida, como a profissão. Além disso, havia o desafio da visão predominante da feminilidade na cultura ocidental, que frequentemente a desvalorizava em comparação com a masculinidade, criando uma sensação de inferioridade nas mulheres. No passado, muitas mulheres sentiram o desejo de ter acesso às oportunidades e status social historicamente reservados aos homens, acreditando que isso as elevaria. Esse é um cenário que foi questionado e trabalhado durante a segunda onda do movimento (FRIEDAN, 2020, MCCANN, 2019; THORNHAM, 1998).

Juntamente com essas ideias e percepções, foram organizados movimentos como uma maneira de transcender as lutas por igualdade de direitos e concentrar-se na criação de espaços para as mulheres. Dentre esses movimentos, destacam-se nos Estados Unidos o

NOW (*National Organization for Women*), fundado por Friedan em 1966, que emergiu em resposta à falta de ação da *Equal Employment Opportunity Commission* (EEOC) em relação à discriminação de gênero nos estados unidos, e o Movimento de Libertação das Mulheres que, como destacado por Thornham (1998, p. 26), “estava ligada aos movimentos pelos direitos civis, a oposição à Guerra do Vietnã e aos movimentos estudantis da década de 1960”. Este movimento incorporou um elemento crucial conhecido como “*consciousness-raising*” (C-R), que se caracterizava por encontros onde as integrantes compartilhavam suas experiências pessoais. É importante notar que o termo “*consciousness-raising*” foi cunhado por Kathie Sarachild, como aprofundado no capítulo sobre as “Origens dos Círculos de Mulheres” nesta dissertação. Esse processo fortaleceu a visão de que “o pessoal é político”, uma ideia amplamente difundida e popularizada. Essa frase ficou notavelmente associada a Carol Hanisch devido ao seu ensaio de 1969 com o título “*The Personal is Political*”, onde o termo foi usado pela primeira vez, refletindo contribuições de Shulamith Firestone e Anne Koedt.

Um evento que ficou marcado pela ação do Movimento de Libertação das Mulheres foi um protesto realizado no concurso de Miss América, em 1968, onde a objetificação das mulheres foi desafiada. Outras manifestações ocorreram, lideradas por um grupo denominado “Redstockings”, fundado por Shulamith Firestone e Ellen Willis em 1969, que lutava ativamente contra a opressão das mulheres. Kate Millett, uma figura importante, teve participação ativa nesse grupo, além de outros, e escreveu o influente livro “*Sexual Politics*” (1970). Sua obra foi um marco importante que promovia críticas à opressão das mulheres e o poder masculino (MCCANN, 2019; SARDENBERG, 2018).

Diferentemente do feminismo radical ou liberal nos Estados Unidos, na Inglaterra, os grupos feministas tinham um foco mais voltado para o ativismo contra a Guerra do Vietnã e para o que era chamado de “militância industrial de mulheres da classe trabalhadora”. Elas adotavam uma abordagem mais alinhada com o radicalismo de esquerda e o socialismo marxista. Sheila Rowbotham, envolvida com a política marxista, desempenhou um papel fundamental na organização da Conferência de Libertação das Mulheres em 1970. Além disso, em sua obra “*Woman’s Consciousness, Man’s World*”, publicada em 1973, ela defendeu a ideia de que para que ocorresse uma transformação verdadeira, era necessária uma transformação de consciência e a inclusão das histórias das mulheres. Rowbotham foi influenciada por figuras como Simone de Beauvoir e Virginia Woolf (THORNHAM, 1998, p. 26).

Além dos eventos mencionados, outras discussões significativas emergiram. Em relação à sexualidade, Anne Koedt e Shere Hite trouxeram concepções importantes. Anne Koedt, em seu ensaio "The Myth of the Vaginal Orgasm" (1970), fez contribuições significativas para a discussão do prazer das mulheres de forma mais abrangente, uma questão que Shere Hite respondeu posteriormente em sua pesquisa "Hite Report" (1976), envolvendo 100 mil mulheres. Nesse estudo, a maioria das mulheres não relatou alcançar o orgasmo exclusivamente por meio da penetração vaginal. Essas contribuições no entendimento da sexualidade feminina ampliaram os debates em torno dos direitos reprodutivos e da autonomia das mulheres. Na década de 1960, um marco importante foi a pílula contraceptiva, o que foi possível através dos esforços de Margaret Sanger, que em colaboração com Gregory Pincus, angariou fundos para que o medicamento pudesse ser desenvolvido, Enovid, o primeiro exemplar foi criado por Min Chueh Chang e John Rock. Isso representou uma revolução no planejamento familiar e na autonomia reprodutiva das mulheres, mudando a paisagem do controle de natalidade e da saúde das mulheres. A criação da pílula se tornou uma importante realização que trouxe consciência e promoveu a transformação na relação das mulheres com seus corpos e sua sexualidade, levando ao desenvolvimento de sistemas de saúde centrados nas mulheres (THORNHAM, 1998; MCCANN).

A discussão sobre questões de poder e controle também ganhou destaque nessa época, com a escritora Susan Brownmiller abordando o estupro não apenas como um ato sexual, mas como uma manifestação do domínio sobre as mulheres, desencadeando um diálogo importante sobre essa questão (MCCANN, 2019).

Outro lugar que recebe destaque no feminismo da segunda onda é a arte, onde as expressões femininas ganharam outra dimensão ao explorar temas relacionados ao corpo, sentimentos e a realidade das mulheres. Frida Kahlo é considerada uma das precursoras, utilizando sua arte para investigar sua própria identidade e as complexidades da feminilidade. Suas pinturas de autorretrato, frequentemente explorando dor física, sexualidade e o papel das mulheres na sociedade. Outras artistas, como Marina Abramovic e Yoko Ono, utilizaram a arte para expressar a passividade e submissão, Carolee Schneemann é reconhecida por sua abordagem inovadora do corpo como material integral em sua obra, Judy Chicago fundou o primeiro programa de Arte Feminina em 1973, por ter sido criticada pela produção de suas obras retratando imagens femininas. Todas essas artistas desempenharam papéis significativos na ampliação do

diálogo sobre a feminilidade e o feminismo por meio de suas expressões artísticas (MCCANN, 2019).

### **1.1. Feminismo e Religião**

“O feminismo, como uma perspectiva social, depende dos resultados dos estudos feministas em história, sociologia e psicologia, assim como na religião. A conclusão mais importante da pesquisa feminista é que o patriarcado é uma criação cultural de uma determinada época na história humana, não uma necessidade inevitável da biologia humana.” (GROSS, 1996, p.23)

A relação entre feminismo e religião é um campo que revela uma ampla variedade de perspectivas e abordagens que se desenvolveram ao longo do tempo. Essa relação reflete profundas transformações no pensamento e nas atitudes das mulheres. Na segunda onda do movimento feminista, as mulheres questionaram as instituições religiosas e seu papel dentro delas, examinando de que forma as interpretações influenciavam suas vidas. Vários pontos destacam-se dentro deste panorama. Um dos pontos mais relevantes é a transição de uma perspectiva centrada nos homens para uma centrada nas mulheres, onde as experiências femininas se tornaram o foco central. Em vez de aceitar uma construção histórica predominantemente masculina em diversos setores sociais, emerge uma nova percepção e construção, protagonizada por mulheres que não mais aceitariam um papel secundário (CHRIST e PLASKOW, 1992).

Outro aspecto significativo, apenas brevemente abordado no capítulo sobre feminismo, envolve as correntes religiosas que, em sua estrutura, perpetuam a submissão das mulheres, atribuindo-lhes papéis que reforçam a desigualdade. Isso gerou críticas e questionamentos em relação a elementos conservadores de algumas tradições religiosas. Para compreendermos essa dinâmica, é necessário reconhecer o patriarcado como uma construção histórica, e não inerente à natureza humana, que ao longo dos séculos permeou as interpretações de “religiosos, filósofos, cientistas, juristas, escritores e políticos” (ALVES e PITANGUY, 2022, p.25).

Os caminhos percorridos pelas mulheres no âmbito religioso e espiritual bifurcaram-se em grupos distintos e proeminentes. Um deles retrata as mulheres que permaneceram nas instituições religiosas, aderindo à sua estrutura original e seguindo os preceitos estabelecidos. O segundo grupo envolve mulheres que, dentro de suas comunidades religiosas, reinterpretam textos sagrados, buscando um diálogo entre tradições religiosas

e práticas feministas, com o objetivo de transformar essas estruturas e aumentar a participação feminina. O terceiro grupo caracteriza-se por uma nova abordagem que inclui a criação de novas instituições religiosas feministas, como a teologia ou o movimento da deusa. Além disso, existem aquelas que optaram por se engajar em movimentos feministas seculares, criticando as instituições religiosas e argumentando que estas perpetuam valores patriarcais prejudiciais às mulheres limitando sua liberdade e autonomia. Assim, torna-se evidente que, no que diz respeito à religiosidade e espiritualidade das mulheres, pode-se traçar múltiplos caminhos, todos moldados pelas experiências individuais de cada uma delas (CHRIST e PLASKOW, 1992; WOODHEAD, 2013).

Com o progresso das lutas e dos estudos feministas que atravessaram o tempo, foi perceptível a dominância masculina nas religiões, a mais comentada em livros e artigos refere-se a religião cristã. Com lideranças masculinas e papéis pautados em gênero, as mulheres conscientizaram-se que essa predominância as prejudicava, já que eram estimuladas a realizar atividades advindas dos ideais masculinos e fundamentadas na ideologia de um “deus”.

## **1.2 Raízes Patriarcais na Religião**

“A luta das mulheres pela emancipação ocorreu na arena da religião muito antes que pudessem conceber soluções políticas para sua situação.” (LERNER, 2022, p. 31)

Gerda Lerner (1920-2013), historiadora e escritora, relata em sua obra “A Criação da Consciência Feminista” (2022), que o patriarcado se estabeleceu de forma contundente no século VI a.C. Formado por uma elite de “padres soberanos, e burocratas” que dedicaram seu tempo à estudos sobre “religião, filosofia e ciência”, enquanto as mulheres ocupavam os espaços domésticos, possibilitando-os a destinar tempo para os estudos e fortalecer essa divisão, sendo essa uma prerrogativa fortemente arraigada até metade do século XX. Como esses conhecimentos foram restritos às mulheres, os pensamentos estipulados pelos homens impregnaram a psique feminina, tornando-as “coniventes com a criação e recriação, por gerações, do sistema que as oprimia” (LERNER, 2022, p. 26).

Essa divisão de gênero nas esferas de poder e conhecimento, impactou profundamente em como as mulheres foram retratadas e percebidas em diversas tradições culturais e religiosas, o que também refletiu nas interpretações de histórias antigas e mitos. Dentre

alguns exemplos notáveis, podemos destacar Adão e Eva na tradição cristã e na mitologia grega, Pandora (ALVES e PITANGUY, 2022).

O mito de Adão e Eva, presente na Bíblia, pode ser interpretado como atribuindo a Eva a responsabilidade pela ação de comer o fruto proibido, o que levou à expulsão do casal do paraíso. Por extensão, essa interpretação também sugere que a queda de Eva resultou na expulsão de toda a humanidade do paraíso. Essa interpretação segue, em parte, a ideia de que a mente não teve controle sobre o corpo, sendo as mulheres relacionadas ao corpo e os homens a mente, trazendo a reflexão, a partir dessa visão, que o pecado está na sedução através do corpo. Além disso, “essas perspectivas religiosas também tiveram um impacto na cultura secular, contribuindo para a dicotomia entre virgem e prostituta, onde a sexualidade feminina é muitas vezes vista como disruptiva e ameaçadora” (CHRIST, 2004, p.90). A teologia tradicional cristã, acaba por fomentar uma visão contagiante e negativa que tem sido transmitida através das gerações. Outro mito que reflete essa concepção da mulher como portadora do mal para a humanidade é o mito grego de Pandora, que ao abrir a caixa proibida espalha o mal sobre a terra (ALVES e PITANGUY, 2022).

Ademais, Alves e Pitanguy (2022), destacam passagens em escritos de Confúcio, Pitágoras, Aristóteles, Martinho Lutero, Jean-Jacques Rousseau, Napoleão Bonaparte, Charles Darwin, Sigmund Freud, Papa João XXIII, entre outros, consolidando a justificativa para a sujeição das mulheres, mas acrescentam que em outras civilizações como Gália e Germânia ou entre os iroqueses e hurons, não havia desigualdade entre tarefas, reforçando que o patriarcado é uma construção social que atravessou o tempo.

O pensamento civilizatório do Ocidente tem como exemplo as constituições da Grécia Antiga, que instituíram a democracia e cidadania. No entanto, essas constituições excluíram as mulheres desses direitos fundamentais. Com o passar do tempo, as mulheres contestaram essa exclusão, o que eventualmente culminou nas lutas feministas e nos avanços atuais (ALVES e PITANGUY, 2022).

Além das considerações já mencionadas, é importante ressaltar que, conforme apontado por Lerner, quando realizamos a investigação sobre a criação do patriarcado, é preciso levar em consideração os estudos que são realizados sobre o passado e a ótica que é utilizada para fazer essa avaliação. Existe, portanto, uma confluência entre artefatos, santuários, desenhos e outros itens encontrados no passado, e o progresso dos estudos

com a utilização da “ciência, filosofia, religião para construir um modelo desse passado distante, anterior ao início da civilização”, juntados à “mitos e especulação” (LERNER, 2019, p.41). Essa combinação nos dá um senso de como as interpretações realizadas são influenciadas e apresentadas como inquestionáveis.

“Enquanto suposições androcêntricas dominavam nossas interpretações, entendíamos o sistema de sexo/gênero prevalente no presente olhando para o passado. Admitíamos a existência da dominação masculina como fato e considerávamos qualquer prova em contrário apenas uma exceção à regra ou alternativa malsucedida.” (LERNER, 2013, p. 42)

Ela complementa elucidando a visão tradicionalista, que na religião ou ciência, aborda a dominação masculina como sendo natural e normal, designada por deus ou pela biologia. Centralizando o pensamento do cristianismo ou darwinista, a períodos da história, como a pré-história e o período anterior a Cristo, como não verdadeiros ou selvagens (LERNER, 2019).

Ao compreender que certas regras de conduta em relação a mulher foram determinadas para o controle de seu comportamento, inferimos também que foi possível a percepção de atributos estipulados sem uma justificativa ou sem argumentos sustentáveis, como por exemplo o determinismo biológico, argumento religioso que perdeu força no século XIX, ou outras teorias científicas, como as teorias darwinistas para justificar “a definição de mulheres pelo papel materno e pela exclusão de oportunidades econômicas e educacionais como algo necessário para a sobrevivência da espécie”(LERNER, 2019, p.56).

### **1.3 Conceito de Teologia Feminista e sua Importância**

“A teologia feminista leva a crítica feminista e a reconstrução dos paradigmas de gênero para o reino teológico. Eles questionam padrões de teologia que justificam o domínio masculino e a subordinação feminina, como a linguagem masculina exclusiva para Deus, a visão de que os homens são mais parecidos com Deus do que as mulheres, que apenas os homens podem representar Deus como líderes na igreja e na sociedade, ou que as mulheres são criadas por Deus ser subordinada aos homens e, portanto, pecar ao rejeitar essa subordinação.” (tradução nossa, RUETHER, 2004, p.3)

A partir do século XIX, muitos trabalhos começaram a abordar a importante questão da relação das mulheres com as religiões e a imagem que é propagada sobre elas. Muitos escritos sagrados refletem em seu conteúdo a submissão feminina, o que levou as mulheres contemporâneas a realizarem uma reavaliação e reescrita dessas narrativas. Esse movimento teve influência tanto em textos cristãos quanto judaicos, sendo considerado mais radical o esforço liderado por Elisabeth Cady Stanton e outras colaboradoras, que resultou na reescrita da Bíblia. Intitulado "*The Women's Bible*", esse trabalho foi publicado em 1898 e teve sua última edição em 1985, na qual foram retiradas as passagens consideradas antifeministas (KING, 1993). Esse trabalho, de acordo com Nunes (2001), pode ser considerado um ponto de partida para a Teologia Feminista, que reflete as críticas das mulheres que fazem parte das instituições religiosas.

Como um marco importante da teologia feminista, o artigo de Valerie Saiving "*The Human Situation: A Feminine View*", publicado em 1960 e posteriormente no livro "*Womanspirit Rising: A Feminist Reader in Religion*", em 1979 (reimpresso em 1992), organizado por Christ e Plaskow, realizava uma crítica a perspectiva em que a religião era analisada, ressaltando que não havia diferenciação entre as experiências de homens e mulheres (KING, 1993).

Mary Daly (1928-2010), por sua vez, foi filósofa, teóloga e feminista, que ficou conhecida por suas contribuições críticas sobre as estruturas patriarcais e religiosas do cristianismo na década de 1970. Entre suas obras escreveu "*The Church and the Second Sex*" (1968), inspirado na obra clássica de Simone de Beauvoir (NUNES, 2001, p. 82), e "*Beyond God the Father: Toward a Philosophy of Women's Liberation*" (1973), na qual ela abordou criticamente o sexismo presente no contexto cristão. Sua afirmação proeminente, frequentemente ecoada por feministas cristãs, encapsula sua perspectiva: "*If God is male, then male is God*" ("Se Deus é masculino, então masculino é Deus"). Esta obra se tornou um clássico nos estudos feministas do cristianismo (NUNES, 2001; GAMBLE, 2001).

Daly, posteriormente, abandonou a religião por acreditar que a imagem de deus era moldada à imagem dos homens, adotando uma perspectiva radical em vez de uma reformista. Já Rosemary Radford Ruether e Elisabeth Schussler Fiorenza mantiveram suas esperanças e a credibilidade na possível reinterpretação das escrituras, considerando viável promoção de justiça e de cura (NUNES, 2001; GAMBLE, 2001; KING, 1993).

A abordagem da teóloga Rosemary Radford Ruether (1936-2022), tem como compreensão fundamental a salvação divina através da inexistência do sexismo. Para isso, criou o simbolismo representativo “*God/ess*”, que entrelaça palavras do gênero feminino e masculino na tentativa de representar a unicidade. Ainda que tenha suas próprias objeções ao termo, reconhecendo-o como inadequado, torna-se um meio representativo para elucidação. O conhecimento de Ruether que incorporou seu trabalho, abrangeu não apenas estudos sobre a tradição cristã e a Bíblia, mas também se estendeu às religiões pagãs e às deusas em busca de símbolos femininos. A perspectiva de Ruether, no entanto, refletia críticas à feministas que seguiam a teologia, explicada no capítulo seguinte, compreendendo que havia uma interpretação equivocada da bíblia e questionando a busca histórica da prevalência de espiritualidades que tinham como central as deusas (KING, 1993; RAPHAEL, 2000).

Ruether (1936-2022), esclarece que a teologia feminista se debruça sobre a reconstrução de símbolos tradicionais “de uma maneira inclusiva e igualitária em termos de gênero”. Realizando a reinterpretação positiva dos elementos da tradição cristã, e a reivindicação de elementos femininos para deus, enfatizando igualdade espiritual para homens e mulheres (RUETHER, 2001, p.6).

Elisabeth Schüssler Fiorenza, preocupou-se em investigar as interpretações de textos bíblicos que marginalizam as mulheres, para isso utilizou uma abordagem “hermenêutica da suspeita”, sua crítica voltava-se para as interpretações que mantêm uma visão masculina de poder (GAMBLE, 2001).

Na teologia feminista judaica, em 1983, foi publicada uma coletânea de textos pioneiros que exploram a intersecção entre judaísmo e feminismo, intitulado como “*On Being a Jewish Feminist*”. Essa obra, editada por Susannah Heschel é composta por três partes, sendo elas “*Old Myths and Images*”, “*Forging New Identities*” e “*Creating a Feminist Theology of Judaism*”, e vinte e dois ensaios das escritoras Rachel Adler, Paula Hyman, Erika Duncan, Mimi Scarf, Lesley Hazenton, Batya Bauman, Thana Kendall, Gail Shulman, Cynthia Ozick, Deborah E. Lipstadt, Rosa Felsenburg Kaplan, Alice Bloch, Sara Reguer, Arleen Stern, Claire R. Satlof, Laura Geller, Judith Plaskow, Rita M. Gross, Arthur Green, Arthur I. Waskow e Lynn Gottlieb.

Mara Benjamin (2020), destaca as obras *“The Right Question is Theological”* (1983) e *“Standing Again at Sinai: Judaism from a Feminist Perspective”* (1990), de Judith Plaskow, como narrativas que questionam e criticam o patriarcado e a teologia judaica tradicional, trazendo a reflexão que “o trabalho de melhorar a opressão de gênero exigia a revisão de ideias fundamentais de Deus, revelação e autoridade” (BENJAMIN, 2020, p.13), e acrescenta que

O ensaio de Plaskow foi formulado como uma resposta a "Notes toward Finding the Right Question" de Cynthia Ozick, de 1979, nas quais Ozick defendia uma explicação sociológica para a marginalidade das mulheres no judaísmo, isolando implicitamente os conceitos de Deus judaicos da crítica. Plaskow, por outro lado, estava entre os poucos escritores dessa época que afirmavam que essa abordagem não seria suficiente. “As implicações do feminismo judaico”, afirmou Plaskow, “embora incluam a reestruturação halakhic, vão além da halakhah para transformar as bases da vida judaica”. (tradução nossa, BENJAMIN, p.13)

Judith Plaskow, considerada teóloga feminista no judaísmo e Carol P. Christ, teóloga, trabalharam juntas em diversas obras, incluindo *“Weaving the Visions (1989)”*, *“Womanspirit Rising: A Feminist Reader in Religion” (1979)* e *“Goddess and God in the World: Conversations in Embodied Theology” (2016)*. Plaskow, apesar de não se considerar pertencente à religião que cultua deusas, considerou “o uso de imagens de deusas por algumas feministas judias como uma forma de ampliar o leque de metáforas para a teologia judaica e uma forma de incorporar a feminilidade e a experiência das mulheres do verdadeiro monoteísmo, isto é, propriamente inclusivo” (RAPHAEL, 2000, p.40). Por manterem visões diferentes sobre a religião, acabaram se separando em 1989, onde Plaskow se aprofundou no trabalho voltado ao feminismo dentro do judaísmo e Christ direcionou seus estudos para a religião da deusa. (RAPHAEL, 2000).

Em 1998, Rachel Adler, escreveu a obra *“Engendering Judaism”*, onde é reconhecida por adotar uma visão holística. Outros fatores que contribuíram para a teologia feminista judaica foram as transformações em orações, que se desenvolveram em “grupos de Rosh Hodesh e seders de mulheres”. Neste contexto Marcia Falk é destacada pela criação de um livro que trabalhou a perspectiva feminina nas orações e o ativismo de mulheres nas comunidades desde 1970, onde se destaca Ellen Umansky e Diane Ashton e o prefácio da

obra *“Four Centuries of Jewish Women’s Spirituality”*, escrito por elas em 1992 (BENJAMIN, 2020)

Os textos teológicos que surgiram na década de 1990 foram o resultado não apenas de seus autores individuais, mas também de esforços populares para despatriarcalizar e reinventar o judaísmo. Os autores das primeiras tentativas de reunir os fios da experimentação feminista e do protesto no terreno trouxeram análises críticas e reflexão para essas inovações comunitárias. Os textos resultantes entrelaçaram os elementos do trabalho de base em um todo coerente, embora não unificado. A teologia judaica não é mais tão fortemente informada por compromissos ativistas, um desenvolvimento que, como argumentarei a seguir, teve consequências intelectuais e práticas significativas” (tradução nossa, BENJAMIN, 2020, p.14)

NUNES (2001), aponta outra importante contribuição à Teologia Feminista. Em 1996 foi publicado o livro *“Dictionary of Feminist Theologies”* (Dicionário de Teologias Feministas), uma produção que contou com a contribuição de diferentes abordagens de diferentes partes do mundo.

“Entre as proposições trabalhadas por esse discurso pode-se apontar as críticas manifestadas aos conteúdos tradicionais da fé: o monoteísmo, a imagem masculina da divindade, a figura submissa e virginal de Maria; as interpretações sexistas dos textos sagrados – a Bíblia, o Talmude, o Alcorão, os escritos do Budismo. Questiona-se a existência de uma só “verdade religiosa”, contida em uma religião única, salvadora e portadora da redenção. Várias dessas teólogas partem de tais questionamentos, para propor uma transformação de seu próprio credo religioso, ou a criação de grupos novos, fundados sobre antigas crenças, recuperando figuras femininas de deusas, bruxas, assim como rituais considerados pagãos. Como se vê, a diversidade é enorme.” (NUNES, 2001, p. 84)

Trabalhos como esses, juntamente com tantos outros, tem contribuído para desenvolvimento do arcabouço de teologia feminista, que traz diferentes perspectivas que questionam imagens e conceitos tradicionalmente androcêntricos. A teólogas feministas dedicam-se a uma análise crítica das tradições religiosas, através de “histórias, experiências e eventos para explorar questões teológicas a partir de uma nova perspectiva”. Adicionalmente, pode ser considerada ecumênica, uma vez que reúne mulheres de diferentes religiões e de diferentes tradições religiosas dentro de uma mesma fé, promovendo a colaboração e o diálogo inter-religioso. Ela também é caracterizada por

sua natureza não hierárquica e seu compromisso com a busca por transformações sociais. Além disso, a teologia feminista valoriza as experiências individuais, não se limitando apenas a abordagens coletivas (KING, 1993).

“A teologia feminista oferece uma nova visão; redescobre e reinterpreta símbolos antigos e molda novos. Cria um novo senso de comunidade entre as mulheres e lhes dá um novo poder que muitas experimentam como uma confirmação do Espírito, o sopro da vida e a fonte criativa de toda energia. A teologia feminista também cria uma nova espiritualidade cujos grandes temas são a libertação, a celebração e a comunidade. Há muita vida e força positiva na teologia feminista, há muito que é compartilhado por meio de características e métodos comuns, mas também há muita diversidade e debate. A análise crítica da herança passada é realizada de maneiras muito diferentes e às vezes opostas. Longe de falar a uma só voz, a teologia feminista é profundamente pluralista. Ele contém uma série de diferentes vertentes e orientações e levou a várias controvérsias. Alguns sustentam que essa diversidade dentro da teologia e espiritualidade feminista é sua própria força.” (tradução Nossa, KING, 1993, p.162)

Apesar da teologia feminista tornar-se enfática no final da década de 1960, já havia sinais precursores desse movimento em períodos anteriores. Mulheres que em épocas passadas já davam indícios da necessidade das críticas e reconstruções paradigmáticas na religião. Entre diversas escritoras. Hildegard de Bingen e Juliana de Norwich, são duas figuras que na Idade Média defenderam símbolos femininos positivos e a igualdade espiritual, já no século XIV e início do século XV, Christine de Pizan, ficou conhecida pelo seu trabalho “O Livro da Cidade das Senhoras”, publicado em 1405 na França, onde “defendeu a capacidade de virtude das mulheres contra diatribes misóginas de clérigos e poetas” (DAMM, 2019, p.40). Outro pensador notável, Agrippa de Nettesheim, no século XVI, escreveu a obra “Sobre a Nobreza e preeminência do sexo feminino”, onde criticava a subjugação feminina e também defendia a igualdade das mulheres, já no século XVII, duas mulheres são notadas. Margaret Fell, com sua obra "Pregação Feminina Justificada de acordo com as Escrituras", onde argumenta a importância da pregação das mulheres nas igrejas, e Mary Astell, que defendeu a educação das mulheres como fator essencial para o desenvolvimento espiritual, em sua obra "Uma proposta séria para as senhoras" (RUETHER, 2002).

Como já citado no início do capítulo sobre feminismo, entre os séculos XVIII e XIX, mulheres notáveis como Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft, Abigail Adams e Frances Wright, foram essenciais para os desenvolvimentos futuros em prol da igualdade de gênero. A partir do século XIX, organizações começaram a se formar, e o movimento ganhou mais força, e nos Estados Unidos, o movimento feminista que se desenvolveu paralelo ao movimento abolicionista, também já iniciava as críticas à teologia cristã. Elisabeth Cady Stanton, citada anteriormente no movimento sufragista e como teóloga feminista com suas críticas à bíblia, Lucretia Mott e Sarah Grimke, foram essenciais para a revolução de “sua crítica teológica em sua interpretação da igualdade dos sexos à imagem de Deus” (RUETHER, 2002, p.6).

Várias teólogas constituíram o pioneirismo da teologia feminista mais radical na década de 1960 e principalmente na década de 1970, onde questões como gênero, raça, classe e sexualidade foram trabalhadas. A expansão da teologia feminista, englobou uma variedade de estudos e ultrapassou fronteiras de religiões e diferentes tradições, podendo ser observado na Europa, América Latina, Ásia e África, compondo trabalhos de mulheres hispânicas, asiáticas e afro-americanas, que elucidaram questões de gênero, raça e cultura. A América Latina teve grande influência da teologia da libertação, que se destaca pela ênfase na justiça social e análise das estruturas de poder, já as teólogas do contexto asiático, trabalharam na intersecção de gênero, religião e cultura, e no contexto africano, as teólogas enfatizaram as tradições opressivas da política e do colonialismo, trazendo perspectivas de empoderamento feminino. A teologia feminista cresceu bastante entre 1970 e 1980, consolidando-se em 1990, sendo presente em escolas e em instituições liberais e conservadoras nos Estados Unidos. Com preocupações das crises ambientais, abarcou questões ambientais e sociais em seus discursos e no pensamento pós-moderno. Mas apesar de todos seus empreendimentos, ainda sofre preconceitos religiosos e acadêmicos (RUETHER, 2002).

A questão de gênero na religião é uma área multifacetada que recebe abordagens variadas, e isso se reflete na teologia feminista, que se divide em duas correntes principais, as reformistas e as radicais. Enquanto as reformistas buscam a reinterpretação e reformulação de linguagens, símbolos e conceitos tradicionais, mantendo a conexão com a religião, as radicais argumentam que as religiões tradicionais tem raízes profundamente patriarcais e, portanto, tornam-se incompatíveis com a perspectiva feminista (KING, 1993).

Pela abordagem radical, as tradições religiosas tradicionais, assim como seus símbolos e modelos, são considerados arraigados no sistema patriarcal, resultando na rejeição dessas estruturas em sua totalidade. Mary Daly, por exemplo, após abandonar o catolicismo romano, passou a não utilizar a palavra deus por compreender que suas raízes estavam conectadas a uma visão masculina e se conectou a uma comunidade feminista, considerando-se pós-cristã. Essa mudança fez com que ela partisse de um posicionamento reformista para o radical (KING, 1993).

O termo pós-cristão, notado em trabalhos de Mary Daly e Daphne Hampson, como no trabalho de outras mulheres, implica uma crítica à tradição cristã, explicitando que as instituições são nocivas às mulheres, já que suas bases são consideradas patriarcais. Foi influenciado diretamente por feministas que abandonaram o cristianismo para seguir caminhos distintos, seja através da teologia, de forma secular, ou outro, como Hampson, por exemplo, que deixou a religião cristã, mas optou por não seguir com outro movimento. As bases, tanto das feministas reformistas como as das radicais, compartilham da mesma cosmovisão que está pautada na valorização das experiências femininas e nas críticas ao patriarcado institucionalizado, também pertencente à compreensão do pós-cristianismo. O feminismo pós-cristão é também considerado eclético, uma vez que abrange tradições e mitologias de diferentes religiões, com destaque para o culto a deusas (WOODHEAD, 1993; RAPHAEL, 1993).

Parte das feministas radicais, que optaram por seguir religiões que cultuam as deusas, recebem críticas pela utilização do termo deusa. A utilização de “deus”, ressaltam elas, estabelecem uma ligação com a imagem de um pai, o termo “deusa”, portanto, teria a mesma conotação só que em relação ao feminino. Essa é uma questão que acarreta discussões sobre as imagens e símbolos utilizados nas religiões, que outras estudiosas buscam “transcender completamente as noções tradicionais de masculinidade e feminilidade na linguagem religiosa” (KING, 1993, p. 167).

#### **1.4 Teologia e o Movimento da Deusa**

“A terra é o corpo da Deusa. Todos os seres são interdependentes na teia da vida. A natureza é inteligente, viva e consciente. Como parte da natureza, os seres humanos são relacionais, encarnados e interdependentes. A base da ética é o sentimento de profunda conexão com todas as pessoas e todos os seres da teia da vida. Os símbolos e rituais da religião das Deusas trazem estes valores à consciência e nos ajudam a construir comunidades nas quais podemos criar

um mundo mais justo, pacífico e harmonioso.” (tradução nossa, CHRIST, 1997, p. XV).

Em consequência dos avanços dos estudos da teologia feminista, principalmente durante a primeira onda, as mulheres já estavam cientes da subjugação que ocorria em várias esferas, dentre elas a religião. Já a segunda onda feminista, nas décadas de 1960 e 1970, trouxe diversos empreendimentos na área da pesquisa e espiritualidade, fomentando a percepção do patriarcalismo nas instituições religiosas e sua correlação com uma perspectiva masculina ligada à figura divina (RAPHAEL, 1993).

A partir dessa lacuna, nos Estados Unidos e depois em outras partes do mundo, surgiu a teologia ou o movimento da deusa, liderado por mulheres que desejavam continuar sua jornada espiritual, buscando imagens divinas que as incluíssem e representassem. Dessa forma, movimentos espirituais feministas foram desenvolvidos, incorporando estudos relacionados à política, mas concentrando-se principalmente na visão social do feminismo e na espiritualidade (GROSS, 1996; RAPHAEL, 1993).

Questões levantadas por Beauvoir, Friedan e Hanisch, entrelaçaram-se com preocupações religiosas. Isso ocorreu pela predominância simbólica de imagens masculinas na religião, enquanto as imagens femininas eram escassas.

Eventos importantes são destacados nesse processo, entre eles a formação de um Coven, na Califórnia, por Susan B. Anthony, em 1971, onde somente mulheres participavam. Também publicaram a revista "*Thesmophoria: Voice of the New Women's Religion*", em 1982 e possuíam uma loja chamada "*The Feminist Wicca*"; a obra de Kate Millet, "O Patriarcado tem Deus ao seu Lado" (1972), que desempenhou um papel fundamental para os desdobramentos futuros das mulheres; a revista "*WomanSpirit*", fundada e editada por Carol Christ, em 1974, além de formar grupos de espiritualidade feminina e escrever diversos livros sobre o tema, alguns com Judith Plaskow; A primeira conferência sobre espiritualidade das mulheres "*Through the Looking Glass: A Gynenergetic Experience*", que ocorreu em 1974, em Boston, que contou com a participação de "Z. Budapest, Carol Christ, Mary Daly, Sally Gearhart, Charlene Spretnak, Starhawk, Barbara Starrett e Merlin Stone" (Djik, 1992, p. 260); a publicação do livro "*The Spiral Dance*", de Starhawk, em 1979; e também grupos intitulados como *Consciousness-Raising (R-C)*, onde

“as mulheres formavam um círculo e davam umas às outras espaço e tempo necessários para expressar sentimentos e compartilhar experiências e ideias. Como as experiências articuladas foram reconhecidas como comuns a muitas ou a maioria das mulheres envolvidas, isso reforçou a sensação de que 'o pessoal é político' - que a R-C foi um processo político e terapêutico.” (tradução nossa, RAPHAEL, 1993, p.33)

O modelo da R-C, caracteriza-se pelo encontro de mulheres que reúnem-se em círculo para discutir sobre questões políticas, sociais e espirituais sobre as mulheres, respeitando a individualidade e experiências de cada uma, e celebrando a deusa nos encontros, através de rituais e grupos de estudos. Carol Christ cita alguns trabalhos sobre deusas que foram utilizados, como livros de “M. Esther Harding, Jane Ellen Harrison, G. Rachel Levy, Helen Diner”, além de “periódicos e boletins informativos, em livros que estavam sendo recém-publicados: Jean Mountaingrove, Ruth Mountaingrove, Z. Budapest, Hallie Mountain Wing, Merlin Stone, Elizabeth Gould Davis, Marija Gimbutas, Charlene Spretnak, Starhawk” (CHRIST, 1997, p. 3)

O movimento da deusa se estendeu pela Europa na época sendo considerado atualmente como um movimento mundial que tem a deusa como principal divindade, reconhecida como “Grande Deusa” ou “Grande Mãe”, e celebrada em rituais que muitas vezes estão conectados às estações do ano e fases da lua (DJIK, 1992).

Apesar de mulheres acabarem por deixar as religiões baseadas na bíblia para seguir outras que englobam espiritualidades não bíblicas, como o paganismo, que tem a presença de divindades femininas, outras criam um vínculo nas duas esferas, permanecendo nas religiões tradicionais e em outros movimentos que cultuam deusas. A ideia da Deusa, portanto, surgiu como uma solução para aquelas que desejavam permanecer espiritualmente engajadas. No entanto, essa conscientização também levou algumas mulheres a seguir o caminho da secularização (GROSS, 1996)

Melissa Raphael (1993), aponta alguns fatores, além dos já citados, que podem ter contribuído para o desenvolvimento da teologia. São eles o iluminismo, que acarretou nas reflexões relacionadas a fé e as igrejas como sendo dominantes do pensamento e política. O que levou filósofos a se dedicarem aos estudos e aprofundamentos no paganismo, religião considerada mais ligada à natureza, o Romantismo do século XIX, que valorizava o instintivo, o natural e o espiritual em contraposição à industrialização, e a contracultura

das décadas de 1960 e 70, que buscavam significado espiritual valorizando as experiências individuais, levando à busca de práticas espirituais alternativas. O movimento Hippie é um exemplo dessa busca espiritual, que também valorizava a vida comunitária e se opunha ao materialismo. Sendo esses pilares históricos que auxiliam no desenvolvimento do movimento da deusa.

As análises realizadas por feministas, teólogas feministas e teólogas, refletem profundos trabalhos que exploram a questão da diferença sexual. Este tema se estende às divindades e à forma como são cultuadas. A teologia é, portanto, um movimento que busca uma espiritualidade própria para as mulheres, baseada em simbologias identitárias ligadas às imagens femininas. Dessa forma, o movimento incorpora aspectos políticos, uma vez que coloca as mulheres como protagonistas, bem como aspectos pessoais, pois considera as experiências individuais daquelas que participam desses grupos, além de possuir uma dimensão espiritual ao incluir imagens divinas com as quais as mulheres se identificam. Esses três aspectos estão interligados e, “por meio de rituais, grupos de estudo matriarcais e outras formas de expressão espiritual”, eles promovem e enfatizam essas questões (DIJK, 1982, p. 258; REID-BOWEN, 2007).

Os rituais são uma parte fundamental da espiritualidade feminina, que celebra os diferentes ritos de passagem como nascimento, infância, vida adulta e morte e tudo que faz parte desses processos. Servem como uma integração do corpo e da alma. O corpo desempenha um papel crucial ao trazer a imanência da Deusa por meio de elementos como “canto, dança e gestos físicos, envolvendo todos os sentidos: paladar, tato, visão, olfato e audição. Com o tempo, esses rituais se tornam uma parte intrínseca do corpo, moldando uma sabedoria corporal que torna natural agir de acordo com as concepções que eles expressam” (REID-BOWEN, 2007, p. 25). Os rituais podem ser realizados tanto em grupos como individualmente, proporcionando tanto a sensação de comunidade quanto de intimidade. Independentemente da forma, o objetivo principal é facilitar um encontro identitário que celebra holisticamente cada participante, permitindo uma conexão única com a deusa que honra a individualidade de cada um (MCPHILLIPS, 1998).

Outro aspecto relevante que merece destaque é como a celebração da divindade da deusa ressalta sua importância no contexto histórico. Muitas vezes, essa importância foi subestimada devido à predominância de cultos centrados em divindades masculinas. Essa

celebração também evidencia a diferença entre os cultos a deus, que se concentram no mundo exterior e são considerados filosóficos, e os cultos à deusa, que têm um foco mais interno e são apreciados por sua natureza poética. Além disso, essa espiritualidade busca transcender dualismos tradicionais, como "vida/morte, luz/escuridão, masculino/feminino" (REID-BOWEN, 2007, p. 30). “De diferentes maneiras, as feministas na religião estão desafiando as imagens de Deus como masculino, desencarnado e separado do mundo em constante transformação” (CHRIST, 2003, P. 1).

Dentro deste movimento espiritual centrado na deusa, outra prática significativa são os meios de adivinhação, incluindo o uso de "Cartas de Tarô, I Ching, runas, amuletos da Deusa e conchas de cauris". Essas técnicas são consideradas elementos essenciais do movimento e são valorizadas como ferramentas para explorar a intuição e, em algumas instâncias, até mesmo para obter vislumbres do futuro (CHRIST, 2003, p.11).

Durante as entrevistas que realizei para essa pesquisa, duas das entrevistadas, Balieiro e Mariani, não se limitaram apenas ao uso das cartas. Balieiro é autora de dois livros (O Legado das Deusas volume 1 e 2) que contêm cartas representando deusas. E Mariani produziu o “Oráculo das 13 Anciãs”. Além disso, é uma prática comum observar o uso do "oráculo das deusas" em grupos dos quais participei, onde cartas eram dispostas no chão, disponíveis para aqueles que desejassem retirá-las.

Dentro do contexto do movimento da deusa, o paganismo e a Wicca desempenham papéis significativos na busca por espiritualidades não patriarcais. Sendo esses divergentes em alguns cultos e mitos, e cultos pagãos propensos a incluir divindades masculinas, mas similares quanto à sacralidade feminina e reverência à terra como deusa. “O movimento da deusa acaba por integrar elementos dessa tradição, reconhecendo a relevância histórica da bruxaria para os movimentos feministas e da deusa”. Além disso, há mulheres que pertencem ao movimento da deusa e que se reconhecem como “pagãs, wiccanas/bruxas e/ou sacerdotisas do Ofício, incluindo figuras midiáticas como a Sacerdotisa húngaro-americana Zsuzsanna Budapest, a advogada americana e wiccana Phyllis Curott, a Sacerdotisa celta-britânica Shan Jayran e a ativista wiccana judaica Starhawk” (REID-BOWEN, 2007, p. 21)

Reid-Bowen (2007), traz outras reflexões sobre o tema, explicitando que a teologia enfrenta desafios relacionados a questões metodológicas por sua diversificação. Há

dentro deste movimento a ideia de separação das metodologias teológicas, reinterpretando e reformulando novas formas de abordar os temas relacionados. Sendo Carol Christ uma das primeiras a buscar uma metodologia sistemática que pudesse abarcar essas questões, porém há dificuldades nesse setor pela variedade de métodos e abordagens que a teologia aborda. A teologia pode ser considerada hermenêutica e interdisciplinar, realizando interpretações e construções distintas com viés feminista, evitando usar elementos patriarcais em suas análises, e ultrapassando as fronteiras da religião, utilizando-se das “ciências sociais, psicologia, ciências naturais e artes”. Considera a subjetividade, e incorpora “as emoções, pensamento corporificado, experiência e práticas rituais”, assim como elementos da natureza, em uma busca da conexão espiritual (REID-BOWEN, 2007, p.30).

Em relação às questões metodológicas, feministas como Carol Christ acreditam que seria mais assertivo construir ou reconstruir tradições com o foco nas mulheres. No trabalho intitulado *"Why Women Need Goddess"* (1992), Christ explica que os simbolismos tem um profundo efeito psicológico e político, que influenciam condições internas e causam impacto nas atitudes e nos sentimentos das pessoas. A religião preenche um espaço significativo na vida daqueles que a buscam em ritos de passagem, como nascimento, casamento, morte, entre outros, ou em momentos de crise. Ela questiona, portanto, quais são as consequências das imagens masculinas na vida das mulheres (CHRIST e PLASKOW, 1979; KING, 1993).

Na visão de Christ, a imagem masculina enfatiza a soberania e não reflete uma identificação com as mulheres. No entanto, não se limita apenas a isso. Para ela, ao incluir imagens de deusas, por exemplo, não somente se estabelecem novas conexões identitárias, mas também se torna crucial incorporar a perspectiva feminina. Através das deusas, é possível retratar os ciclos femininos, frequentemente vistos como tabus, mas que são importantes para essa identificação. Isso inclui a representação do corpo feminino em rituais, como menstruação, gravidez e menopausa. Esse movimento se torna benéfico por incluir as mulheres como participantes essenciais nessa narrativa (CHRIST e PLASKOW, 1992; CHRIST, 1997).

“A proposta de que as feministas na religião precisam pensar filosoficamente pode ser bem recebida por alguns, mas parecer estranha para outros. Quando as feministas começaram a pensar sobre religião, estávamos explorando novas formas de pensamento, criticando tradições, buscando nossa história,

nomeando nossas experiências e experimentando com símbolos, além de criar rituais.” (tradução nossa, CHRIST, 2003, p. 5)

A imagem da Deusa carrega uma simbologia profunda para as mulheres que a cultuam, indo além de mera metáfora, sendo para algumas uma personificação real. Essa concepção abraça uma visão holística que engloba não apenas a dimensão religiosa, mas também psicológica e política, oferecendo uma sensação de libertação ao romper com imagens masculinas tradicionais. A Deusa é interpretada de maneira multifacetada, reconhecendo que a experiência individual de cada mulher a concebe de forma pessoal. Carol Christ e Starhawk, figuras proeminentes no movimento da Deusa, destacam três principais perspectivas em relação à natureza da Deusa: como uma divindade pessoal invocável em rituais e orações, como um símbolo da energia da vida, morte e renascimento na natureza e na cultura, e como um símbolo da afirmação do poder feminino, com algumas mulheres argumentando que essa divindade é imanente, não transcendente. Esta visão imanente da divindade contrasta com tradições religiosas patriarcais e monoteístas. Além disso, a Deusa é vista como uma "metamorfose", assumindo diferentes significados dependendo da perspectiva de cada indivíduo, representando, em última análise, a recuperação do poder das mulheres em várias dimensões de suas vidas (RAPHAEL, 1993; ROUNTREE, 2004).

Christ, acrescenta que o cristianismo trouxe a evocação de um deus dogmático e autoritário, e que a palavra religião, para algumas, denota a ligação com essa vertente, o que na visão dela, pela própria etimologia da palavra Indo-europeia que significa “para amarrar” (*leig*) e “para voltar” (*re*) por outros autores pode levar outras conotações como *religare*, “religação do humano com o divino” ou *relegere*, “considerar cuidadosamente” Portanto, “como os símbolos e rituais da deusa trazem à consciência (nos lembram) nosso senso de profunda conexão (ou vinculação) a todas as pessoas e todos os seres da teia da vida”, a autora acha a palavra religião apropriada (CHRIST, 1997, xvi; ZANGARI et al., 2013).

Embora a teologia tenha ganhado reconhecimento, recebeu diversas críticas relacionadas a evidências históricas da deusa, muitas vezes relacionada à teoria de Bachofen sobre um pré-matriarcado (ELLER, 2000). Dentre elas destaca-se a visão utópica da imagem da deusa, refletida em uma sociedade futura mais “igualitária conectada à natureza e livre do domínio masculino” (WEAVER, 1989, p.56) e divergências entre as teólogas feministas

e teólogas, como Christ e Ruether, que tiveram conflitos entre 1979 e 1982. Ruether argumentava que haviam duas interpretações erradas. Uma delas sobre as deusas, que eram idealizadas pelas teólogas, e a outra sobre a bíblia, que segundo ela, fornecia elementos libertadores para as mulheres. Nesse contexto, Christ respondeu que havia deixado a igreja presbiteriana por entender que essa tinha raízes profundamente patriarcais, e que o culto às deusas fornecia um espaço inclusivo às mulheres (RAPHAEL, 1993).

O pré-patriarcado ou o matriarcado pré-histórico, muitas vezes utilizado por feministas espirituais, foi uma narrativa elaborada por Johann Jakob Bachofen (1815-1887), jurista e antropólogo suíço, em 1861 e publicada em seu livro “O Matriarcado: uma investigação sobre a ginococracia do Velho Mundo de Acordo com sua Natureza Religiosa e Jurídica” (Título original “*Das Mutterrecht: eine Untersuchung über die Gynaiokratie der alten Welt nach ihrer religiösen und rechtlichen Natur*”). Bachofen era estudioso das mitologias grega e romana e acreditava que esses modelos mitológicos refletiam a evolução da sociedade antiga. Ele conceituou três estágios que a humanidade teria enfrentado: o hetairismo (ou afroditismo) que caracteriza-se pela promiscuidade sexual masculina, que lhes dava acesso sexual a todas as mulheres, nomeando-as de hetairas (cortesã ou prostituta em grego), fase também relacionada a um período pré-agrícola, o matriarcado que seria a fase em que mulheres revoltam-se ao sistema de promiscuidade masculina, instituindo a monogamia aos homens e a matrilinearidade, que caracteriza-se pela descendência materna já que havia dificuldade em determinar a paternidade, dominando o sistema como mães e fase matriarcal da sociedade. Essa fase foi reconhecida como amazonismo onde houve “esforço das mulheres para se separarem completamente dos homens” e denominada por Bachofen como “ginococracia amazônica”. Essa fase, segundo Bachofen, não durou muito pela incapacidade das mulheres de sustentar a independência, sendo substituída rapidamente por homens e o patriarcado que é a sucessão da dominância pelos homens e a revogação da matrilinearidade, concedendo aos homens a descendência dos filhos por linha paterna e estabelecendo a filiação juridicamente. “Assim, o direito paternal, ao contrário do direito materno, é estabelecido por princípios legais universais e, portanto, é a base do pensamento abstrato, ao contrário do pensamento materno, que está enraizado nas realidades corporais” (CUSACK, 2009, p. 338). A ordem e disciplina se fazem presente nessa fase e são fundamentadas pela

racionalidade, podendo ser comparada a conquista e governo de Zeus (GUERRA, 2021; CUSACK, 2009; RUETHER, 2005).

Bachofen posiciona o ocidente como superior por ter atravessado as duas fases anteriores ao patriarcado e se estabelecer com a regência masculina, e asiáticos e africanos como povos inferiores por não terem alcançado o último estágio, o patriarcado, mantendo-se nas fases promíscua e matriarcal (RUETHER, 2005).

“Bachofen emprega um pensamento simbólico que assume tanto uma hierarquia de gênero masculino sobre feminino quanto uma hierarquia do Ocidente sobre os povos asiáticos e africanos. As hierarquias são confinadas, e ambas são simbolizadas pela superioridade do racional sobre o irracional, da mente sobre o corpo, da transcendência sobre a imanência, do sol sobre a lua e a terra, da luz sobre o escuro, do ativo sobre o passivo, do dinâmico sobre o estático, da regra ordenada sobre o excesso sensual. Embora os dois estágios iniciais da sociedade existissem no Ocidente, Bachofen assume que eles eram originários do Oriente e eram estranhos ao verdadeiro espírito ocidental. Assim, ele sugere um essencialismo que diferencia os homens ocidentais dos homens asiáticos e africanos e de todas as mulheres em geral (tradução nossa, RUETHER, 2005, p. 256).

O processo civilizatório apresentado por Bachofen no século XIX é um tema bastante controverso entre estudiosos e participantes do movimento da deusa. Por um lado, pesquisadores argumentam que não há comprovações científicas da existência de um pré-patriarcado e que feministas baseiam-se nesta hipótese como forma de implementar um fundamentalismo religioso feminista. Eller, sintetiza a propagação dos discursos de participantes e estudiosas da área como justificativa para respaldar a teoria do matriarcado e levanta algumas críticas, entre elas o conhecimento de que a teoria de Bachofen não tem comprovação histórica ou arqueológica e mesmo com esse conhecimento há uma escolha em acreditar e popularizar a teoria como verídica. O embasamento defendido se solidifica em argumentos que retratam uma época anterior, na qual ainda não havia registros escritos e a sociedade estava centrada nas mulheres. Pela dádiva da vida que as mulheres geravam eram adoradas e honradas por seus misteriosos poderes, consideradas como deusas e sacerdotisas, além de terem sido responsáveis pela agricultura e transformações tecnológicas. Em um dado momento houve a dominação desse estado por homens que transformaram o sistema anterior e estabeleceram o patriarcado. O discurso que se mantém é da existência do matriarcado e da necessidade do resgate dessa fase,

estabelecendo uma sociedade igualitária. A arqueóloga Lynn Meskell acrescenta que há a intenção de reparar “milênios de misoginia e marginalização nas esferas religiosa e secular” e que o intuito das mulheres que se apegam à esta teoria é de legitimar a causa feminista através da deusa. Neste processo a arqueóloga Marija Gimbutas, reconhecida por seus estudos relacionados a deusas no Neolítico e Idade do Bronze na Europa, considerada uma referência para feministas, recebe diversas críticas por utilizar os estudos de Bachofen e é acusada de enviesar seus estudos para o lado de civilizações matriarcais (REID-BOWEN, 2007; ELLER, 2000; MESKELL, 1995).

“Em uma tendência adicional de projetar preconceitos do século XX sobre o que constitui 'boa arte', foi sugerido que esculturas cuidadosamente feitas foram produzidas para ocasiões importantes por sacerdotisas ou figuras maternas (Gimbutas et al. 1989: 220). Por outro lado, os exemplos simples e esquemáticos poderiam ter sido feitos por qualquer membro da comunidade (homem?). As estatuetas foram objetificadas, tomadas como desprovidas de especificidade espacial e cultural; no entanto, os objetos não têm um significado inerente separado de seu contexto historicamente específico de produção e uso (Hodder 1991; Dobres 1992a; 1992b)” (tradução nossa, MESKELL, 1995, p.76).

Por outro lado, não há registros de que a narrativa sobre o matriarcado pré-histórico não tenha existido, já que não possui textos referentes à esta época, o que para a academia é uma questão importante pela parte escrita ser o maior veículo de transmissão, o que também é levado em conta em relação aos artefatos encontrados retratados como divinização feminina, ademais, as críticas realizadas são consideradas “tentativas de manter o status quo patriarcal” (REID-BOWEN, 2007 p. 17). Segundo a biógrafa Merlin Stone, a antropologia e literatura clássica romana e grega foram as principais fontes de estudo sobre o matriarcado pré-histórico, reservando uma coletânea de diversas evidências. As pesquisas realizadas no final do século XIX e início do século XX não possuíam evidências arqueológicas refinadas, podendo prejudicar a compreensão dos estudos sobre as divindades femininas, em suas palavras “apesar de compreensões equivocadas de pontos específicos ou julgamentos de valor tendenciosos, ainda podemos pensar que eles estavam profeticamente à frente do seu tempo”, referindo-se a Bachofen, Briffault e Edward Hartland (STONE, 2022 p.59). Carol Christ, historiadora feminista e teóloga, afirma que há evidências arqueológicas, históricas e antropológicas que sustentam a “hipótese da Deusa”, sem a necessidade de utilizar a teoria do matriarcado

pré-histórico, que ela considera antiquado. Complementa que esses estudos auxiliam pesquisas na área da ciência da religião por trazer um novo prisma aos papéis das mulheres e deusas na história humana (CHRIST, 1997 p. 59), e que o desvelar da história pode auxiliar na desmistificação da presença da deusa, ultrapassando barreiras de considerações simplesmente arquetípicas, tratando-a apenas como uma presença existente na psique (CHRIST, 1997 p. 86).

As conclusões que podemos retirar dessa ampla gama de pesquisas que vêm sendo realizadas é que os estudos que envolvem deusas e mulheres não chegaram a um desfecho, mas carrega relevante valor mitopoético que “afirma que o mundo nem sempre foi distorcido pelo patriarcado, contribui com significado moral para o estado do mundo de hoje, e ajuda em uma revisão imaginativa de um futuro melhor centrado nas deusas”, recebendo a atenção de acadêmicos e pessoas interessadas no tema, inclusive sendo utilizada como “história sagrada ou artigo de fé” (REID-BOWEN, 2007 p.17).

### **1.5 Feminismo no Brasil: Uma Jornada de Luta e Conquistas**

Em diferentes partes do mundo, a luta das mulheres transcende fronteiras em relação a espaço e tempo. No Brasil, podemos considerar os primeiros empreendimentos notáveis no século XIX, com a figura de Dionísia Gonçalves Pinto, ou Nísia Floresta (1810-1885), como era conhecida. Nísia desempenhou um papel importante ao traduzir a obra “*Woman Not Inferior to Man*” escrita por Mary Wortley Montagu (1689-1762), em 1739. No entanto, é importante notar que houve uma confusão inicial com a autora Mary Wollstonecraft (1759-1797). Em 1832, Nísia publicou “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” como tradução de “*A Vindication of the Rights of Woman*”, que foi originalmente publicada em 1792 por Mary Wollstonecraft. A pesquisadora Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (1996) constatou que na verdade a obra era de Montagu. “Independentemente da verdadeira autoria do livro traduzido e publicado no Brasil, é certo que as publicações de Nísia Floresta contribuíram para que o nome de Mary Wollstonecraft fosse identificado com a defesa dos direitos das mulheres.” (CAMPOI, 211, p.198).

Além de ter traduzido a obra de Montagu, Nísia fundou escolas para meninas, escreveu artigos que preconizavam os direitos das mulheres como “Conselho à minha Filha” (1842), “Opúsculo Humanitário” (1853) e “A Mulher” (1856) e teve uma relação próxima com Augusto Comte durante o período em que morou em Paris, o que exerceu uma grande

influência sobre o trabalho que ela realizou. Também “defendeu a abolição da escravidão, ao lado de propostas como a educação e a emancipação da mulher e a instauração da República” (TELES, 1993, p. 30; BARRANCOS, 2022; COSTA e SARDENBERG, 2008).

É importante destacar que o cenário do Brasil colonial, que teve início em 1500 e se estendeu até 1822 com a Proclamação da Independência do Brasil, foi prejudicial para uma variedade de grupos sociais, principalmente mulheres indígenas e negras, bem como escravos. As mulheres brancas também enfrentavam desafios e restrições significativas nesse contexto histórico. Embora Nísia Floresta seja reconhecida como a primeira feminista no Brasil, outras mulheres notáveis desafiaram essas restrições de gênero, destacando-se em meio às adversidades da época, como Aqualtune, Dandara, Joana Angélica e Maria Quitéria (TELES, 1993; COSTA e SARDENBERG, 2008).

À medida que o Brasil progredia em direção a novos períodos históricos, outras manifestações emergiam, dentre elas a imprensa feminina se destaca com periódicos direcionados as mulheres, dentre eles “O Jornal das Senhoras (1852), O Sexo Feminino, da combativa Francisca Diniz, a revista A família (1880), A Mensageira (1889)” (COSTA e SARDENBERG, 2008, p. 35).

Além das manifestações na imprensa feminina, o avanço das lutas pelas reivindicações das mulheres também se refletiu na busca pelo direito ao voto durante o século XX. Essa jornada contou com a liderança de Bertha Lutz (1894-1976), cuja trajetória foi profundamente influenciada por suas viagens à Europa e aos Estados Unidos. Essas viagens ampliaram seu conhecimento sobre o sufrágio feminino e contribuíram para os avanços nessa área no Brasil (PINTO, 2003).

Bertha Lutz desempenhou um papel importante representando o Brasil em fóruns internacionais. Ela foi a representante do país no Conselho Feminino da Organização Internacional do Trabalho e participou da Conferência Pan-Americana da Mulher nos Estados Unidos. Sua atuação nesses eventos globais não apenas fortaleceu seu conhecimento, mas também contribuiu para aumentar a visibilidade das questões relacionadas aos direitos das mulheres no cenário internacional (PINTO, 2003).

Em 1922, após seu retorno de Paris, Bertha Lutz fundou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), que se tornou a primeira organização nacional de mulheres

dedicada à luta por direitos políticos e igualdade de gênero no Brasil. Seu principal objetivo era conquistar o direito de voto para as mulheres, o que finalmente ocorreu em 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, conhecido como a "Revolução de 1930". Inicialmente, o direito de voto foi concedido com restrições às mulheres alfabetizadas e com renda própria. No entanto, em 1934, essas restrições foram removidas, permitindo que todas as mulheres brasileiras participassem das eleições. (PINTO, 2003; COSTA e SARDENBERG, 2008).

O movimento feminista continuou a crescer e se desenvolver, marcando diversos eventos importantes como outras organizações e abordagens políticas. Mas foi impactado pelo golpe militar de 1964, quando o Brasil passou por um período crítico onde pessoas foram perseguidas, exiladas e presas.

Outros movimentos surgiram como manifestações contra a ditadura militar, principalmente na década de 1970. Um destaque importante nesse contexto é o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA), que foi liderado a partir de 1975 por Therezinha de Godoy Zerbini. Este período também foi marcado pela celebração do Ano Internacional da Mulher, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU) e realizado no Rio de Janeiro. Durante esse evento, foram debatidas novas reflexões relacionadas aos direitos das mulheres, especialmente no que diz respeito ao trabalho e aos seus papéis na família, tudo isso articulado sob o lema "o pessoal é político". Esse movimento feminista crescente desempenhou um papel crucial na conscientização sobre as questões de gênero e nos esforços para promover a igualdade e os direitos das mulheres no Brasil (BARRANCOS, 2022; COSTA e SARDENBERG, 2008).

Antes da anistia, concedida em 1979, grupos de mulheres exiladas continuaram seus trabalhos em outros lugares. Dentre eles “Comitê das Mulheres Brasileiras (em Santiago do Chile cuja alma mater foi Zuleika Alambert), o grupo criado em Berkeley por Branca Moreira Alves, e o círculo de Mulheres Brasileiras, fundado em Paris no início dos anos 1970” (BARRANCOS, 2002, p. 166).

No início dos anos 1980, o progresso do movimento feminista no Brasil foi influenciado pela "segunda onda" feminista internacional. Além disso, o meio acadêmico desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento de estudos e pesquisas relacionados às mulheres. Muitas acadêmicas notáveis contribuíram para esse desenvolvimento, incluindo

“Heleieth Saffioti, Rose Marie Muraro, Branca Moreira Alves, Rachel Soihet, Maria Helena Kühner, Eva Alterman Blay, Mariza Corrêa, Anette Goldberg, Elisabeth Souza-Lobo, Maria Lygia Quartim de Moraes, Silvia Pimentel, Moema Toscano, Heloisa Pontes, Zuleika Alambert, Elisabeth Juliska Rago, Albertina de Oliveira Costa, Joana Pedro e Ana Alice Costa” (BARRANCOS, 2022, p. 166).

Ao longo do tempo, o movimento feminista no Brasil demonstrou notável capacidade de adaptação e resposta às evoluções sociais e às necessidades das mulheres. Em 1994, a fundação da Articulação Brasileira de Mulheres (ABM) representou um esforço significativo para unificar os diversos movimentos feministas em todo o país, fortalecendo sua atuação. Em 2000, o surgimento da Marcha Mundial das Mulheres marcou um ponto crucial na expansão e consolidação do movimento, envolvendo uma variedade de vozes femininas. Em 2006, outro marco importante foi a Lei Maria da Penha, que traz a conscientização sobre a violência de gênero.

As mulheres negras desempenharam um papel fundamental e ativo no movimento feminista brasileiro, trazendo questões cruciais sobre o racismo e a discriminação racial para o centro das discussões e da agenda feminista. Também estendeu sua influência para as periferias, alcançando mulheres em comunidades marginalizadas e aumentando sua representatividade em diferentes contextos sociais. Paralelamente, houve um notável crescimento das pesquisas acadêmicas relacionadas à condição feminina, às relações de gênero e às sexualidades, com a criação de programas de mestrado e doutorado e o surgimento de publicações acadêmicas feministas, como a Cadernos Pagu e a revista Estudos Feministas. Esses desenvolvimentos destacam a resiliência e a relevância contínua do movimento feminista na luta pelos direitos das mulheres no Brasil (BARRANCOS, 2022).

Outro marco importante no Brasil, foi a constituição do movimento Católicas pelo Direito de Decidir, fundado em 1993, anteriormente em 1971 nos Estados Unidos. Esse movimento, que está presente em outros países, atrela-se à teoria feminista e busca discussões que visam transformar questões referentes à religião e cultura sobre temas como

“a capacidade moral de mulheres e homens de tomarem decisões com responsabilidade e em base ética, o pensamento teológico que reconhece a validade moral das decisões tomadas pelas mulheres no campo reprodutivos,

inclusive a de abortar, e o respeito à diversidade, à diferença e à pluralidade, como condições necessárias para a realização da liberdade e da justiça”. (OLIVEIRA, 2009, p. 166).

## 2 Nova Era

A contemporaneidade foi atravessada por visível transição cultural e espiritual que vem afetando e transformando distintas áreas do contexto social como a religião e a espiritualidade, modificando relações e remodelando práticas arraigadas. Neste sentido, a contracultura, movimento que criticou e manifestou-se contra o tradicionalismo principalmente na década de 1960, ganhou ramificações de protestos que contemplavam o fervor do descontentamento que era expresso por parte da população. Das raízes efervescentes da revolução da contracultura, o movimento Nova Era (MNE) destaca-se e cada vez mais e recebe indivíduos interessados tanto em suas práticas como em suas pesquisas (HEELAS, 1999; HANEGRAAFF, 2005).

Em busca de qualidade de vida integral, que abrange todas as esferas da existência, o movimento Nova Era, que se sobressai no século XX, converteu-se em uma abordagem holística e inclusiva à espiritualidade, que evidencia-se por integrar diferentes filosofias, culturas e religiões que são personalizadas e adaptadas a seus praticantes, enaltecendo a espiritualidade pessoal e a jornada interior de autoconhecimento (HANEGRAAFF, 2002).

As raízes da Nova Era, apesar de fortalecidas e bastante retratadas como análogas ao movimento contracultural em 1960, tem referências anteriores que influenciaram seus desdobramentos. Segundo Leila Amaral (2000), “pode-se destacar o Transcendentalismo, o Espiritismo, a Teosofia, Novo Pensamento (*New Thought*) e a Ciência Cristã (*Christian Science*)” (AMARAL, 2000, P.21) como propulsoras para a formação do movimento Nova Era, contribuindo de forma relevante para os moldes de sua composição. Essas tradições que foram resgatadas e reavaliadas por grupos e indivíduos do MNE nas décadas de 1970 e 1980, período em que o movimento alcançou maior destaque, foram adaptadas para atender as necessidades dos grupos da época que manifestavam insatisfação ao modelo de religiosidade apresentado por instituições religiosas tradicionais e buscavam configuração mais pessoal e interior. Como resultado, vemos refletido hoje mudanças culturais e espirituais que atravessaram a época até a contemporaneidade. Podemos perceber esse reflexo em programas de televisão, produções literárias, como de Paulo Coelho, nas rádios, redes sociais e em qualquer outro espaço social. O MNE infunde-se na cultura tornando-se um importante paradigma social. Possui natureza diversificada e por esse motivo recebe uma gama de interpretações e diferentes caminhos para a pesquisa,

e aos adeptos variedade de crenças, práticas e filosofias que abrangem as competências pessoais e espirituais. Tornando-se, portanto, um movimento que envolve atividades não convencionais às consideradas tradicionais, mas com características comuns que serão abordadas durante o texto (HEELAS, 2008; D'ANDREA).

Este estudo aborda o Transcendentalismo, Espiritismo e outras vertentes espirituais como exemplos representativos que contaram com lideranças femininas e influenciaram as transformações culturais e espirituais contemporâneas. Ao conectar essas vertentes com a Nova Era, fica mais claro a interseção entre espiritualidade e a presença de mulheres nesse contexto.

## **2.1 Transcendentalismo**

Retrospectivamente, analisando as origens da Nova Era, podemos identificar o Transcendentalismo como um movimento religioso, filosófico e literário do século XIX, que prosperou nas décadas de 1830 e 1840 nos Estados Unidos. Em sua essência podemos encontrar significância à intuição, espiritualidade e natureza contrapostos ao racionalismo e materialismo da época. Também é enfatizado a individualidade e a busca pela verdade mais profunda. Como figuras centrais podemos citar Ralph Waldo Emerson (1803-1882), Margaret Fuller (1810-1850) e Henry David Thoreau (1817-1862), entre outros (WILSON, 2000; WAYNE, 2006).

O Transcendentalismo, inicialmente surgiu dentro do Cristianismo, mas desvinculou-se das crenças tradicionais substituindo “a ideia de uma divindade sobrenatural, ou Deus, por uma crença na divindade do indivíduo humano” (WAYNE, 2006, p. 285). Tornou-se evidente em 1836, com o “Clube dos Transcendentalistas”, e particularmente com a publicação do livro “Natureza” (*Nature*) de Emerson, que imbrica o idealismo alemão com o romantismo inglês, e explora a relação entre humano e natureza, trazendo maior ênfase à experiência e subjetividade. Essa obra consolidou Emerson “como a principal força intelectual por trás do movimento transcendentalista”, e apresentava a filosofia da natureza como a busca de verdades pelas experiências individuais e não por “métodos científicos ou da razão”, rejeitando a herança intelectual do Iluminismo e teológicas do unitarismo, formando dessa forma as bases do Transcendentalismo, que evidencia o autoconhecimento como crucial para o desenvolvimento pessoal e espiritual (WAYNE, 2006, p.188).

Como figura central, destaca-se Margaret Fuller que se notabilizou por incluir a ótica feminista em seus trabalhos e posicionamento público, desafiando normas de gênero e expectativas sociais da época. Fuller foi privilegiada pelo ensino que seu pai, Timothy Fuller, proporcionava a ela, incentivando seu interesse por literatura, história e filosofia. Seu pai não diferenciava o ensino por gênero, incluindo uma gama de disciplinas que não eram comumente ensinadas às meninas do século XIX. A educação que Margaret recebeu, possibilitou sua jornada como escritora e crítica literária, trazendo importantes temas que foram absorvidos pelo movimento transcendentalista, como a pauta sobre gênero (KAPPKE e OLIVEIRA, 2018).

Podemos salientar dois momentos marcantes de Fuller. O primeiro deles foi a criação das “Conversas para Mulheres” (*Conversations for Women*), uma série de discussões e palestras que teve início em 1839. Essas conversas reuniam mulheres com a intenção de conceder conhecimento sobre filosofia, educação, literatura, arte e questões sociais, enfatizando a necessidade de compensar o ensino defasado da época para mulheres. Também realizava provocações às mulheres com perguntas como “Para que nascemos? Como faremos isso?” (WAYNE, 2006, p. 122.) Durante cinco anos, esse projeto cresceu, evoluindo ao ponto de se tornar um fórum dedicado às mulheres e “as conversações não somente ajudaram mulheres a abrirem suas perspectivas de vida, mas também mostraram a Margaret outras realidades, fazendo com que a sua consciência social aumentasse e impulsionando-a continuar lutando pelos direitos das mulheres” (KAPPKE e OLIVEIRA, 2018, P.11; WAYNE, 2006). O segundo momento foi a publicação da obra “*Woman in the nineteenth century*”, em 1845, contendo como aspectos predominantes

“reflexões sobre a vida da mulher no século XIX, reivindicações por igualdade entre os sexos, influência dos movimentos transcendentalista e abolicionista, escrita circular, uso de figuras históricas e mitológicas para pensar a representação da mulher e discussões sobre o conceito de alma.” (KAPPKE e OLIVEIRA, 2018, p.14)

Nos Estados Unidos, essa produção é considerada como a primeira obra mais importante feminista, influenciando futuramente as sufragistas Elizabeth Cady Stanton, Lucretia Mott e Susan B. Anthony. Na convenção sobre os Direitos das Mulheres que ocorreu em 1848, em Seneca Falls, Nova York, ambas, que lideraram essa primeira convenção, em conjunto com Lucretia Mott, identificaram Fuller “como precursora da reivindicação dos Direitos das Mulheres” (KAPPKE e OLIVEIRA, 2018, p.17; WAYNE, 2006). Durante

as décadas de 1830 e 1840, Fuller indagava sobre questões teológicas e culturais, inspirando outras mulheres em movimentos sociais. Nesse período também foi criado o periódico “The Dial”, que era uma revista literária e filosófica com conteúdo transcendentalista, Fuller foi a primeira editora e a principal escritora durante os dois primeiros anos (WAYNE, 2006).

O movimento pelos direitos das mulheres dava seus primeiros passos. Em 1850 foi realizada a primeira convenção nacional em Worcester, Massachusetts, que continha a influência das ideias transcendentalistas, principalmente de Fuller. Essas ideias podem ser percebidas nos trabalhos de Paulina Davis, Ednah Dow Cheney, Caroline Dall e Elizabeth Oakes Smith, e no *THE UNA*, primeiro jornal dedicado à causa das mulheres, estabelecido do em 1852. Davis lamentou por Fuller não poder estar presente e liderar esse momento revolucionário, já que com quarenta anos, em 1850, havia perdido sua vida em um trágico naufrágio (WAYNE, 2006).

“A vida e o trabalho de Fuller foram, assim, interrompidos - ela tinha apenas 40 anos na época de sua morte - e seu legado controverso começou. Ela se tornou o símbolo do feminismo americano para seus seguidores no movimento pelos direitos das mulheres. Ela permaneceu como uma mulher de genialidade idealizada para seus amigos transcendentalistas, como Emerson. Para alguns de seus contemporâneos, ela era um modelo para mulheres que buscavam carreiras. Para outros, ela era um exemplo de uma verdadeira mulher sucumbindo ao martírio do amor e da maternidade, mas para a maioria, Margaret Fuller permaneceu um paradoxo, um intelecto excepcional que desafiou e foi confinado pelas expectativas de sua cultura em relação à feminilidade.” (tradução nossa, WAYNE, 2006, p.122,)

Finalizamos nossa exploração do movimento transcendentalista com Henry David Thoreau, escritor e naturalista, que é reconhecido por sua filosofia enraizada na busca por uma vida simples e conectada à natureza. Os valores que sustentava estavam pautados no desenvolvimento pessoal e intelectual. Suas obras mais conceituadas “Walden (1854)”, onde conta sua experiência de vida em contato íntimo com a natureza, e “A Desobediência Civil (1849)”, que retrata sobre a resistência à um governo injusto, o elevaram a uma posição de destaque que influenciou sua época e gerações futuras, como os pensadores e ativistas do século XX “Mohandas K. Gandhi, Martin Luther King Jr. e Leo Tolstoy” (WAYNE, 2006).

Sua vida foi impactada profundamente por tragédias familiares que incluem a perda de seu irmão e filho. Durante esse período participou ativamente do movimento transcendentalista em Concord, envolvendo-se em reuniões do Transcendental Club e contribuindo para a revista “The Dial”. Em 1840 se aproximou de transcendentalistas que compartilhavam de suas ideias sobre “comunidades baseadas em princípios de reforma social e vida simplificada” (WAYNE, 2006, p. 279), mas decidiu por seguir seu caminho sozinho, construindo uma cabana isolada em 1845, o que o inspirou em sua obra “Walden” (WILSON, 2000; WAYNE, 2006).

Engajado em questões sociais e políticas de sua época, Thoreau, era comprometido na defesa de suas convicções que se estendiam ao abolicionismo, defendendo direitos iguais para todos; resistência à opressão governamental; conservação da natureza, sendo considerado um dos primeiros defensores dos conceitos ambientalistas; e crítica ao materialismo, sugestionando que bens materiais em excesso afastam as pessoas de vidas significativas. Seus pensamentos refletiam a interligação entre filosofias pessoais e políticas, elucidando a importância de agir a partir de princípios individuais (WAYNE, 2006).

Em resumo, o transcendentalismo foi um movimento abrangente e influente que deixou um legado duradouro, ultrapassando as barreiras da espiritualidade e individualidade, abraçando causas políticas e educacionais, incluindo o abolicionismo, igualdade de direitos das mulheres e melhoria no sistema educacional, além de terem sido considerados pioneiros no movimento ambientalista, ideias que ecoam até os dias de hoje e que desempenham um papel vital para o movimento da Nova Era.

## **2.2 Espiritismo**

Além das correntes filosóficas e literárias do século XIX, outras manifestações espirituais surgiram e floresceram nesse período. Entre elas, destaca-se o Espiritismo, movimento espiritual que surgiu na primeira metade do século XIX.

As bases do espiritismo, reconhecida formalmente, concentram-se na França e repercutiram através das obras de Allan Kardec, pseudônimo para Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), onde compilou os princípios desse movimento, sendo o mais conhecido e difundido deles “O Livro dos Espíritos, publicado em 1857, considerado um marco inicial do espiritismo como doutrina organizada (LANG, 2008).

Outra manifestação anterior que foi protagonista dos eventos que iniciaram o espiritismo, são as Irmãs Fox (Leah, 23 anos; Margaret, com 15 anos; e Katherine, com 12 anos), que em 1848 viviam em Hydesville, Nova York. Elas relataram escutar estranhos ruídos e batidas, que acreditavam ser causados por espíritos desencarnados. Esses “*raps*”, que eram os ruídos e batidas inexplicáveis, tornaram-se o meio de comunicação entre os espíritos e as duas irmãs mais novas, como se fossem respostas às perguntas realizadas. Esse fenômeno foi o que chamou a atenção do público que as visitava por interesse ou curiosidade de compreender a possibilidade dessa comunicação com o mundo espiritual. Essas ocorrências culminaram em sessões mediúnicas, onde outros eventos também ganharam espaço, como a movimentação de mesas, o que futuramente foi conhecido como “as mesas girantes”. Eventos como esse se espalharam pelos Estados Unidos, Europa e Brasil, e as pessoas que eram consideradas com a habilidades desse contato com o mundo espiritual foram conhecidas como médiuns, por intermediarem os dois mundos (ALVARADO et al., 2007; LANG, 2008).

Rivail, era acadêmico e educador que inicialmente adotava uma postura cética em relação às questões espirituais. No entanto, em 1854, ele foi convidado a investigar eventos “em vários centros espíritas espalhados pela Europa e Estados Unidos” (ALVARADO et al., 2007, p.44). Ao entrar em contato com esse mundo dos fenômenos espirituais e investigar mais profundamente, acabou ficando cada vez mais intrigado, o que o levou a questionar suas crenças anteriores. Acabou convicto da realidade dos fenômenos espíritas, e acabou se tornando o maior veículo de propagação do movimento, sendo considerado o fundador do espiritismo e influenciando praticantes até os dias de hoje (ALVARADO et al., 2007; LANG, 2008,).

É importante ressaltar que o termo “espiritismo” foi cunhado por Kardec em 1857, e teve suas bases no “espiritualismo” dos Estados Unidos. Sendo o espiritismo de Kardec mais difundido no sul da Europa e América Latina. O espiritismo é compreendido como um sistema doutrinário com ênfase na coerência lógica e princípios fundamentais como a reencarnação e a fraternidade universal, a imortalidade dos espíritos, que através das reencarnações recebem consequências de seus atos pela lei de causa e efeito: a mediunidade e a caridade. Através da metodologia de Kardec, ele sistematizou em seu livro “O Livros dos Espíritos” o que seria o espiritismo. Outro ponto importante é sua coexistência com o catolicismo da época. A igreja católica era predominante e mantinha um viés ortodoxo, o que criava conflitos entre essas duas linhas de pensamento, mas,

apesar disso, a comunicação com os espíritos incluía católicos como “São Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís e Félicité de Lamennais, entre outros.” (MONROE, 2015, p.260; BUESCHER, 2015; AURELIANO E CARDOSO, 2015).

O espiritismo tornou-se amplamente difundido na América Latina, com o Brasil se destacando, principalmente devido às suas características, como “a ênfase na visão moral, caridade e crença na reencarnação” (MONROE, 2015, p. 263). Além disso, o espiritismo ganhou popularidade por ser considerado uma corrente antirracista e por se alinhar com movimentos em prol da igualdade. Na segunda metade do século XIX, o espiritismo chegou ao Brasil, inicialmente no Rio de Janeiro e, posteriormente, na Bahia. Em 1865, foi estabelecida a primeira congregação espírita no Brasil, conhecida como "Grupo Familiar do Espiritismo". No Rio de Janeiro, em 1873, foi fundada a Sociedade de Estudos Espíritas - Grupo Confúcio, que desempenhou um papel importante no desenvolvimento de diversas correntes dentro do movimento espírita brasileiro. Entre essas correntes, três se destacam: “a corrente científica”, focada em fenômenos físicos; a corrente "Espiritismo Puro", que aceita os ensinamentos científicos e filosóficos; e a corrente "religiosa" ou "mística", que enfatiza as dimensões religiosas e morais da doutrina” (AURELIANO E CARDOSO, 2015, p. 280).

Devido às diferentes correntes de pensamento dentro do movimento espírita, surgiram desentendimentos que, apesar das tentativas de unificação, não puderam ser resolvidos. Como resposta a essas divergências, foi criado inicialmente o "Centro da União Espírita do Brasil" e, posteriormente, a "Federação Espírita Brasileira (FEB)". Outra questão que gerou desacordo foi a relação com o catolicismo, com alguns adeptos incorporando elementos da tradição católica, enquanto outros aderiam estritamente à doutrina de Kardec. No contexto das religiões afro-brasileiras, como a Umbanda, observa-se uma interligação, especialmente no que diz respeito aos estados de transe mediúnico e à incorporação. No entanto, é importante destacar que essas práticas podem variar significativamente entre diferentes grupos espirituais, apresentando características distintas em cada um deles. Apesar de algumas semelhanças, o antropólogo Roger Bastide destaca diferenças significativas nos rituais e na cosmovisão entre essas duas vertentes religiosas e menciona que o espiritismo umbandista, predominantemente praticado por negros, foi estigmatizado por alguns brancos como "espiritismo-baixo", revelando preconceitos raciais existentes na sociedade brasileira em relação a essas práticas religiosas. No decorrer de sua história, a FEB concentrou seus esforços em estabelecer

"diretrizes para a prática da terapia espiritual" que afastassem a "prescrição mediúnica e a incorporação de espíritos ligados à Umbanda". A partir do século XX, esses esforços se voltaram para a comunidade da Nova Era (AURELIANO E CARDOSO, 2015, p.279).

“A influência das práticas da New Age, adotadas por uma classe média urbana com fortes laços com o pós-psicanálise e os movimentos pós-Espiritualistas que questionam todo dogmatismo e tradicionalismo religiosos, mais uma vez reconfigurou o Espiritismo brasileiro. Indivíduos que se identificam com a doutrina Espírita, mas resistem ao dogmatismo religioso que moldou o Espiritismo brasileiro, gradualmente incorporaram elementos reflexivos e psicológicos provenientes dessas práticas da New Age. A postura ortodoxa de instituições como a FEB levou muitos adeptos a se afastarem do Espiritismo institucionalizado ou, pelo menos, fomentou suas múltiplas filiações a outros sistemas religiosos-espirituais contemporâneos que oferecem uma ampla variedade de práticas espirituais-terapêuticas.” (tradução nossa, AURELIANO E CARDOSO, 2015, p. 283)

No Brasil, dois pontos se destacam no contexto do espiritismo. Um deles é o espiritismo como uma vertente sincrética com o catolicismo, que pode ter se desenvolvido de forma mais proeminente através de figuras como Chico Xavier (1910-2002), que estava familiarizado com ambas as doutrinas. Por outro lado, a outra dimensão terapêutica do espiritismo encontrou solo fértil para seu desenvolvimento no Brasil. Allan Kardec, o fundador do espiritismo, postulava que algumas doenças não tinham cura por serem consideradas cármicas, o que levou a uma relativa falta de exploração dessa vertente na França. No entanto, no Brasil, essa área prosperou e várias práticas terapêuticas surgiram, incluindo “a imposição de mãos, a desobsessão e prescrições mediúnicas”. Essas práticas muitas vezes tinham semelhanças com elementos do catolicismo, como “a noção de misericórdia e perdão”, o que também contribuiu para a sua aceitação. No entanto, essa dimensão terapêutica do espiritismo enfrentou conflitos com a comunidade médica brasileira, que considerou essas práticas ilegais, especialmente quando envolviam curas físicas. Posteriormente, houve uma mudança de foco, com os praticantes de espiritismo se concentrando mais nas chamadas "doenças da alma" e questões espirituais, deixando de lado a ênfase nas curas físicas (AURELIANO e CARDOSO, 2015; PRESOTI, 2021).

Quanto à questão de gênero, segundo Silva (2021), os espíritos não tem sexo, reencarnando como homens e mulheres, compreendidos como complementares, para desenvolver-se nas questões necessárias para sua evolução espiritual. E acrescenta que

“a igualdade de direitos entre homens e mulheres é defendida explicitamente na obra base do Espiritismo bem antes dos movimentos mais recentes, pois “Deus deu a ambos o conhecimento do bem e do mal e a faculdade de progredir” (KARDEC, 2010a, p. 499). Todo aspecto que indique certa inferioridade da mulher decorre “do domínio injusto e cruel que o homem assumiu sobre ela”, é o resultado de instituições sociais imperfeitas e do “abuso da força sobre a fraqueza” (KARDEC, 2010a, p. 497), logo deriva de componentes culturais e biológicos”. (SILVA, 2021, p. 3).

### 2.3 Teosofia

A Sociedade Teosófica (ST), fundada em 1875 em Nova York por Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891) e Henry Steel Olcott (1831-1907), destacou-se como a principal representante da comunidade metafísica do ocultismo. Sua fundação marcou o início de um movimento que desempenhou um papel crucial na formação das bases esotéricas e espirituais que posteriormente floresceram na Nova Era e que resulta como influência:

“a formação do cerne de uma irmandade universal da humanidade (sem dúvida mais presente no início da Nova Era, mas não menos presente hoje); o estudo das leis naturais e das forças ocultas do ser humano; a busca de uma espiritualidade oriental como sabedoria primordial; a síntese entre ciência, religião e filosofia; a popularização da ideia de carma.” (GUERRIERO, 2016, p.214)

Em busca de autotransformação espiritual e conhecimentos mais profundos, Blavatsky, Olcott, e outras pessoas interessadas nesses temas, realizavam viagens para fomentar o conhecimento em culturas orientais, em especial o hinduísmo e o budismo, incorporando esses conhecimentos à essa tradição (D’ANDREA, 2000; AMARAL, 2000).

Pela Sociedade Teosófica passaram importantes membros que desenvolveram crenças e filosofias espirituais não convencionais, buscando uma abordagem alternativa às tradições religiosas estabelecidas. Dentre eles podemos destacar: Annie Besant (1847-1933), uma proeminente ativista no movimento feminista britânico que juntou-se à ST em 1889 e, ocupando a posição de presidente no final do século XX, deu seguimento aos trabalhos dos fundadores. Charles Webster Leadbeater (1854–1934), ex-padre anglicano que, assim como Besant, contiunou os empreendimentos de Blavatsky e Olcott. Leadbeater elegeu Jiddu Krishnamurti (1895-1986), outra figura importante para a Sociedade, como “Salvador do Mundo Vindouro”, ele foi treinado por Besant e em 1929 decidiu abrir mão de seu papel como salvador. Rudolf Steiner (1861-1925), jornalista e

filósofo austro-húngaro, conhecido por se tornar membro da ST em 1902, posteriormente abandonando-a e fundando a Antroposofia em 1913, que reúne conhecimento espiritual à ciência e artes, e a Pedagogia Waldorf que busca a integração de desenvolvimento físico, espiritual e intelectual, e Alice Bailey (1880-1949), que iniciou sua jornada na Sociedade em 1889. Em busca de compreensão sobre verdades ocultas do universo, buscou conhecimento na espiritualidade e filosofia esotérica. Em 1919 alegou contato telepático com “Djwal Khul”, também conhecido como “o Tibetano”, que, de acordo com ela, esse ser era “Mestre Ascensionado da Tradição Teosófica”, o que foi fonte para os “Escritos de Alice A. Bailey” que continham temas como a astrologia, evolução espiritual, ocultismo, esoterismo e natureza da consciência humana, incluíam o conceito de “Nova Era” como evolução espiritual e desenvolvimento humano. Por divergências de perspectivas, em 1920, separa-se da sociedade e funda a *Lucis Trust*, por onde lançou, em 1945, a “A Grande Invocação”, uma oração espiritual para beneficiar a humanidade. Anualmente, durante a lua cheia de gêmeos, é celebrado o “Dia Mundial da Invocação”, que reúne pessoas de diferentes correntes religiosas e espirituais para recitar a invocação em busca de paz e progresso global. Segundo Hanegraaff, os adeptos da Nova Era continuam a utilizar a invocação, “que reflete os elementos cristãos acentuados que já orientavam o milenarismo ocultista” e permaneceram notórios durante o período da contracultura (HANEGRRAFF, 2005, p. 6495; SUTCLIFFE, 2003; CAMPOS, 2018, MELTON, 2010; OLIVEIRA et al, 2020).

Outro importante fato foi a fundação da Escola Arcana que Bailey desenvolveu em 1923, que refletia a expansão de pessoas em busca de “filosofia esotérica” e informações sobre meditação, como praticá-la e ensinamentos sobre a verdade sem a necessidade de credos, dogmas ou a vinculação à uma instituição. A especialização da Escola Arcana estava pautada em “treinamento para discípulos da Nova Era” (SUTCLIFFE, 2003).

D’Andrea, acrescenta que

“a Teosofia (fundada em Nova York em 1875) e outros grupos como a Escola Arcana, a Antroposofia, a Golden Dawn e a O.T.O. atuaram como elementos de ligação histórico-cultural entre o Espiritualismo do século XIX e a Era de Aquário dos anos 60 e, por conseguinte, da New Age dos anos 70...Em 1949, Bailey publica o livro *Education in the New Age*, onde expõe sua interpretação sobre a “Era de Aquário” como o “nobre caminho do meio” e, a partir de uma crítica à sociedade materialista e belicosa, defende a causa feminista e propõe

a fusão entre uma nova ciência e a nova espiritualidade, no sentido da formação de um “novo holismo.” (D’ANDREA, 2000, p.44)

## **2.4 Christian Science (Ciência Cristã)**

Fundada por Mary Baker Eddy (1821-1910), a Christian Science é uma religião considerada metafísica com ênfase na cura espiritual. Sua fundadora nasceu em uma pequena cidade de New Hampshire, Estados Unidos, onde o calvinismo tradicional era a crença predominante. À medida que buscava respostas mais profundas sobre a vida, a cura e questões espirituais e teológicas, Eddy se afastou das crenças calvinistas. Sua busca refletia um desejo profundo que ecoava desde a infância, conhecimentos enraizados em uma abordagem teísta e bíblica que transcendesse as limitações materiais (GOTTSCHALK, 2005).

Por enfrentar problemas de saúde durante sua vida, buscou diversas formas de cura, como tratamentos médicos e métodos alternativos como homeopatia e o curandeiro espiritual e mesmerista Phineas Quimby, mas apesar de encontrar possíveis causas mentais, não alcançou a cura física que buscava. Após ter sofrido um grave acidente no gelo em 1866 e sem a ajuda de Quimby que havia falecido no mesmo ano, acamada lia a bíblia, quando teve uma experiência instantânea de cura que interpretou como divina, curou-se com as palavras que lia, levantando-se de sua cama e voltando a caminhar. Essa experiência foi um ponto crucial em sua jornada espiritual, a conduzindo a explorar as escrituras, e futuramente a desenvolver a Christian Science e a escrever o livro “Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras” (*Science and Health with Key to the Scriptures*), essa obra tornou-se a base para a igreja fundada por ela, assim como foi considerada livro complementar à bíblia pelos cientistas cristãos (GORDON e BAUMANN, 2010).

A experiência de Eddy a transportou para um outro nível de compreensão espiritual, considerando a matéria e as limitações físicas como ilusões. Ela entendeu que a cura, dentro dessa perspectiva, é demonstrada através do poder espiritual sobre o físico. Esse fator é desenvolvido quando as pessoas despertam para esse lado espiritual, ultrapassando as limitações sensoriais da matéria. Compreende-se, portanto, que tanto o ser humano quanto o universo não apenas existem, mas também possuem um fundamento espiritual.

"O fato espiritual para ela não era um fenômeno fora deste mundo, mas um poder transformador - uma realidade drasticamente obscurecida pela concepção equivocada da vida, substância e inteligência, separadas de Deus.

Esse erro de concepção, ou pecado fundamental, é tão grande que é necessário um avanço revelador de fora da existência material para manifestar a verdadeira natureza espiritual da criação." (tradução nossa, GOTTSCHALK, 2005, p. 1746)

Para Eddy, a concepção da Christian Science foi uma revelação divina, fundando uma Associação em 1876 e a igreja em 1879. Recusada por outras igrejas que não aceitavam seus ensinamentos. Os fundamentos ensinados incluíam leituras da bíblia atreladas à textos da Christian Science que eram repassados através de reuniões com palestras e sermões. Existem cerca de 3000 igrejas espalhadas pelo mundo. Em 1881 fundou a *Massachusetts Metaphysical College*, uma instituição que ensinada metodologias da Christian Science (GOTTSCHALK, 2005).

Por meio da participação de alguns de seus seguidores como Curtis Hopkins (1853–1925), Ursula Gestefeld (1845–1921), and Augusta Stetson (1842–1928), no movimento “*New Thought*”, houve uma interconexão com a Christian Science que Eddy tentou separar, mas sem sucesso (HARLEY, 2010).

Dentre as críticas que enfrentou, destacam-se as referentes à sua religião, que foi chamada de “*Boston Craze*” por jornalistas e críticos que viam a Christian Science como algo incomum e controverso. Além disso, Mary Baker Eddy enfrentou acusações de plágio do trabalho de Phineas Parkhurst Quimby por parte de ex-alunos dele. Essas acusações de plágio envolviam principalmente os métodos de cura espiritual e as ideias relacionadas à saúde que eram promovidas tanto por Quimby quanto pela Christian Science, gerando debates e controvérsias em torno dos ensinamentos e práticas da religião de Eddy (HARLEY, 2010).

Outro ponto importante desse movimento é a sua relevância para as mulheres, já que são membros predominantes. Mary Baker Eddy é destacada como uma empreendedora religiosa no livro “*Notable American Women*”. Esta obra é uma enciclopédia que destaca mulheres notáveis na história dos Estados Unidos que tiveram um impacto significativo em várias áreas, incluindo religião, ciência, política, arte e outras esferas da sociedade. Posicionando Eddy como uma empreendedora religiosa central no desenvolvimento e expansão da religião metafísica da Christian Science nos Estados Unidos e em outros lugares (HARLEY, 2010).

“Pode haver alguma verdade limitada também na hipótese de que a atividade no movimento da *Christian Science*, no qual as mulheres têm sido numericamente predominantes, tenha proporcionado uma saída para as mulheres em uma sociedade que, de outra forma, restringiu seu papel - especialmente no mundo religioso. Por outro lado, tal argumento pode refletir um estereótipo masculino inconsciente que busca explicações reducionistas quando as mulheres avançam ou defendem ideias.” (tradução nossa, GOTTSCHALK, 2005, p. 1747)

## 2.5 O Movimento Nova Era

Após explorar as influências do transcendentalismo, teosofia, espiritismo, ciência cristã e novo pensamento nas transformações espirituais e culturais do século XIX e início do século XX, fica evidente que esses movimentos prepararam um solo fértil para o surgimento de um fenômeno espiritual mais abrangente e contemporâneo, conhecido como Movimento da Nova Era, que apresenta confluência de ideias espirituais diversas e, em alguns aspectos, pode ser percebido como um enlace aos movimentos anteriores.

O movimento Nova Era possui uma natureza diversificada, por esse motivo recebe uma gama de interpretações e diferentes caminhos para a pesquisa e aos adeptos variedade de crenças, práticas e filosofias que abrangem as competências pessoais e espirituais. Tornando-se, portanto, um movimento que envolve atividades alternativas às consideradas tradicionais, mas com características comuns que podemos ressaltar.

A Nova Era é conhecida por sua abordagem eclética, na qual elementos de diversas culturas e religiões são incorporados e adaptados às necessidades de seus seguidores. Essa diversidade se assemelha a uma colcha de retalhos, onde práticas como artes divinatórias e astrologia são empregadas para explorar o mundo interior dos indivíduos. Além disso, a Nova Era promove a sustentabilidade e a consciência ambiental entre seus adeptos, buscando explicar questões religiosas sob uma perspectiva científica e integrando conceitos da psicologia em contextos espirituais e religiosos (GUERRIERO, 2016).

Segundo Heelas (1996), o movimento da Nova Era expandiu-se em conjunto com o Movimento Contracultural no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Dentro desse amplo movimento, podemos identificar uma diversidade infinita de práticas e hibridismo

religioso, que incorporam crenças de nativos americanos, indianos, japoneses e diversas outras culturas. Essas influências culturais se mesclam para criar novas formas de conexão espiritual. Além disso, o Movimento da Nova Era deu origem a novas religiões como resultado das mudanças sociais, muitas das quais refletem traços influenciados pela contracultura. Essas expressões espirituais podem ser encontradas em diversos locais, como ashrams e outros espaços de busca espiritual.

Hanegraaff (2005), distinguiu o movimento em dois momentos diferentes, sendo o primeiro compreendido em sentido estreito e o segundo em sentido amplo. O sentido estreito é reconhecido por carregar uma tendência milenarista, e é datado entre 1950 e 1970, período pós Segunda Guerra Mundial. Neste intervalo, fenômenos com objetos voadores não identificados (OVNI), foram avistados nos Estados Unidos e Europa Ocidental, representando para uma parcela da população a presença de vida inteligente de outros planetas. Esse evento despertou o interesse das pessoas, levando algumas delas não apenas a buscar uma compreensão mais profunda, mas também a se envolver em cultos, o que pressagiava o início de uma nova era “representando um nível superior de evolução cultural, tecnológica e espiritual” (HANEGRRAAFF, 2005, p.6495). Associado a esses grupos, influências da metafísica antroposófica de Rudolf Steiner (1861-1925) e da teosofia cristã de Alice Bailey (1880-1949) podem ser identificados, assim como em outros grupos da Nova Era. A oração “*The Great Invocation*” de Bailey teve um impacto significativo, levando-os a abraçar uma interpretação milenarista cristã ocultista, podendo ser Findhorn, uma comunidade fundada em 1960 na Escócia, uma representação da Nova Era.

Os membros dessas comunidades estavam tentando viver de uma nova maneira, em sintonia com as leis da natureza e do universo. Eles estavam tentando, no espírito da “A Grande Invocação”, ser “Centros de Luz” ou pontos focais em uma rede a partir da qual a iluminação espiritual eventualmente se espalharia e envolveria o globo.” (tradução nossa, HANEGRRAAFF, 2005, p. 6495)

Com uma perspectiva apocalíptica representada pelos acontecimentos naturais que a terra estava passando através de terremotos, enchentes erupções vulcânicas, entre outros, este representava um novo paradigma, uma limpeza que pressagiava a chegada da nova era que, aos sintonizados com esse momento, teriam suas vidas salvas por já ter a consciência dessa transformação. “No momento certo, tornar-se-iam a vanguarda da Nova Era, da Era

de Aquário: uma era de abundância, felicidade e iluminação espiritual, quando a humanidade poderia mais uma vez viver de acordo com as leis cósmicas universais” (HANEGRAAF, 2005, p.2). David Spangler e George Trevelyan (1996-1996), conhecidos por suas influentes contribuições para o movimento Nova Era é frequentemente considerado como pioneiros, ressaltaram a importância de uma atitude ativa, focando na importância de trabalhar as questões da consciência e espiritualidade para uma evolução, sendo essa uma perspectiva presente aos participantes da nova era.

Os cultos iniciais envolvendo OVNI representaram apenas um aspecto da Nova Era nascente. Esse movimento surgiu em paralelo ao contexto contracultural dos anos 1960, marcado não apenas pelo desacordo com a forma como a sociedade estava estruturada, mas também pela insatisfação com questões religiosas convencionais. Isso culminou em uma busca por diferentes fontes de espiritualidade, dando origem a movimentos frequentemente categorizados como parte da Nova Era, marcada pelos “valores comunitários e numa moralidade calcada no amor altruísta e no serviço a toda humanidade, em busca de novos momentos que possibilitariam a salvação do planeta” (GUERRIERO, 2016, p.214). Esse período representou o ponto de partida para o segundo momento da Nova Era, conhecido como Nova Era em sentido amplo, segundo Hanegraaff (HANEGRAAFF, 2005; GUERRIERO, 2016).

O movimento da Nova Era em sentido amplo, que abrangeu o período de 1980 a 1990, pode ser considerado como a expansão que engloba todas as atividades alternativas, unindo indivíduos com ideais semelhantes que buscam a melhoria do mundo em direção a um lugar mais espiritual e harmonioso. Isso incluiu a primeira fase da Nova Era, que tinha uma abordagem mais ocultista, com raízes teosóficas. No entanto, esse segundo estágio da Nova Era acabou absorvendo o movimento em sentido estrito, o que resultou em algumas diferenças que afetaram o movimento (HANEGRAAFF, 2005).

É importante notar que Woodhead e Heelas optaram por usar o termo “Espiritualidades da Vida” em vez de “Nova Era” devido ao fato de que o último termo é considerado carregado emocionalmente. Essa escolha visa evitar preconceitos ou mal-entendidos que podem surgir quando se utiliza um termo que possui diferentes conotações para pessoas distintas. Enquanto algumas pessoas ainda usam o termo “Nova Era” para descrever uma variedade de práticas espirituais contemporâneas, outras preferem empregar termos mais específicos ou alternativos para se referir a essas práticas (GUERRIERO, 2016).

Conforme Heelas (1996), uma das concepções centrais na Nova Era é a espiritualidade do Self, que consagra e identifica o indivíduo como uma entidade espiritual. Essa perspectiva enfatiza a jornada interior e marca uma distância em relação à ideia de uma relação separada com o divino, que por algumas tradições pode ser compreendida como algo localizado no exterior. Essa abordagem traz perspectivas espirituais individuais e únicas, refletidas em uma natureza autêntica, garantindo que a auto espiritualidade seja reconhecida como um sistema de crenças coerente por preconizar o indivíduo e suas necessidades.

Com as transformações que têm ocorrido na política, sociedade, cultura e religião, o termo "Nova Era" emerge como um conceito que acompanha essas mudanças, sugerindo "o surgimento de uma cultura global mais humanizada" (HEELAS, 1996, p. 15). Essa cultura global incorpora a espiritualidade como uma parte fundamental das transformações em curso, muitas vezes caracterizada por tendências monistas e/ou holísticas. Essa compreensão nos leva a perceber que, para muitos seguidores da Nova Era, existe a crença em uma energia universal que permeia todas as coisas, conectando o plano material e o espiritual em busca da unidade. Essa busca pela unidade transcende todas as áreas da vida, incluindo aspectos sociais e está intrinsecamente ligada à saúde e ao bem-estar. Portanto, o termo "Nova Era" não implica necessariamente o nascimento de algo completamente novo, mas sim uma nova abordagem espiritual que está em sintonia com as transformações em andamento na sociedade contemporânea.

Na visão essencial da Nova Era, acredita-se que cada indivíduo seja essencialmente espiritual. Eles estão em uma jornada para confrontar e transcender as questões do ego que limitam o pleno florescimento dessa espiritualidade. Essa abordagem de autoconhecimento muitas vezes rejeita vozes de autoridade tradicionais, refletindo um processo de destradicionalização. Nessa busca pelo verdadeiro eu, a ênfase é colocada na experiência pessoal e na intuição. Acredita-se que dentro de cada pessoa reside uma sabedoria profunda, e que cada indivíduo é uma manifestação da divindade, promovendo assim a auto ética e a autoresponsabilidade. A liberdade é valorizada como um princípio fundamental nesse caminho espiritual, onde a busca da verdade e o despertar interior são considerados pilares essenciais para uma vida significativa. Além disso, a cura não se limita apenas ao indivíduo, mas também é vista como um processo de restauração da saúde do planeta. Dessa forma, na Nova Era, a jornada espiritual se concentra no autoconhecimento, na transcendência do ego, na busca pelo verdadeiro eu como a fonte

de todas as coisas boas na vida, e na valorização da liberdade e na promoção da cura tanto a nível pessoal quanto planetário (HEELAS, 1996; AMARAL, 1996).

Dentro do contexto da Nova Era, emerge um entrelaçamento de terapias e práticas que podem ser descritas como uma "cultura psicológica". Essa cultura abrange uma ampla variedade de abordagens terapêuticas alternativas, muitas das quais incorporam conceitos derivados da psicologia. Entre essas influências psicológicas, destaca-se a abordagem junguiana, que desempenha um papel significativo no desenvolvimento das práticas da Nova Era, que absorve conceitos. Além disso, práticas corporais, vivências e encontros são componentes fundamentais dessa cultura, oferecendo uma variedade de experiências que podem ser terapêuticas, esotéricas ou religiosas em sua natureza. Influências de figuras renomadas, como Gregory Bateson, assim como ex-discípulos de Sigmund Freud, como William Reich e Carl Jung, tiveram um impacto notável nesse cenário. William James também contribuiu para a parapsicologia, enquanto figuras como Carlos Castañeda e o psicólogo Timothy Leary exerceram influências diretas nos desenvolvimentos da Nova Era, ampliando ainda mais o leque de possibilidades dentro desse movimento. Essa diversidade de influências e práticas reflete a natureza multifacetada e em constante evolução da Nova Era. O que todas essas práticas têm em comum é a promessa de facilitar o "encontro consigo mesmo" e a "recuperação dos movimentos" espontâneos e afetos genuínos. Esse período marcou uma diversificação significativa das opções terapêuticas disponíveis e uma crescente ênfase na busca pela autorrealização e pela exploração das dimensões emocionais e espirituais da experiência humana (D'ANDREA, 2000).

No contexto da Nova Era, onde a espiritualidade se manifesta de maneiras variadas e ecléticas, é fundamental compreender a amplitude que essa abordagem oferece. Como elucidado por D'Andrea:

“O conjunto de elementos que podem entrar à serviço deste “crescimento harmônico do ser humano” é extremamente aberto, sendo impossível encerrar o conjunto dos itens incorporados permanente e diversamente. Eis alguns objetos, símbolos e práticas encontrados com frequência na New Age: cristais, pirâmides, anjos, gnomos, astrologia, tarot, runas, quirologia, búzios, ufos, canalização/ mediunidade, projeção astral/ experiência fora-do-corpo, poderes para psíquicos (estado alfa, clarividência, telepatia, premonição), bioenergias, florais, ayahuasca, terapias regressivas, biodança, yoga, shiatsu, do-in, tai-chichuan, reiki, meditação, mega-brain, magia, xamanismo; trata-se de uma

pequenina amostra das imensas possibilidades de uso, sincretização e hibridação dentro do movimento.” (D’ANDREA, 2000, p. 51)

Em síntese, o Movimento da Nova Era, influenciado por diversos movimentos espirituais, representa uma abordagem contemporânea e eclética em busca da transformação espiritual e pessoal dos adeptos. Com ênfase na individualidade, liberdade e cura, ele incorpora uma ampla gama de práticas e crenças em uma busca pela autorrealização e bem-estar espiritual, refletindo a diversidade e a evolução constantes deste movimento.

## **2.6 Mulheres na Jornada Espiritual: Uma Perspectiva da Nova Era**

Das rupturas sociais que expressavam a busca por novos modelos de conexão com a individualidade e espiritualidade, o movimento da Nova Era (MNE) torna-se um fenômeno que se infiltra abruptamente e preenche espaços na sociedade contemporânea. À medida que as pessoas buscam alternativas às estruturas religiosas tradicionais e se voltam para uma espiritualidade mais personalizada e eclética, o MNE emerge como um movimento que abraça uma variedade de crenças, práticas e abordagens espirituais. Ele preenche os espaços deixados pela secularização e oferece uma plataforma para a exploração da individualidade e da busca por significado em um mundo cada vez mais plural e diversificado.

Ao refletirmos sobre as construções sociais às quais estamos inseridos, é ressaltada de forma categórica a importância das relações entre homens e mulheres e os espaços ocupados por cada gênero em contextos culturais dominados por religiões patriarcais. É dentro desse contexto que o movimento da Nova Era se destaca, primeiramente pela quantidade de líderes femininas nos movimentos que o influenciaram, como explorei anteriormente, e em seguida, pela sua ascensão após as décadas de 1960, quando emergiram movimentos de contracultura e feminismo. Posteriormente, na década de 1980, o movimento da Nova Era ganhou força, consolidando-se como um espaço onde a busca pela espiritualidade transcendental e pela igualdade de gênero se encontravam de forma mais visível. Essa conjunção de influências e acontecimentos contribuiu para a abertura de um espaço onde o aspecto feminino podia ser mais plenamente explorado e valorizado. No entanto, é importante observar que, dentro desse vasto movimento, também existem correntes que mantêm perspectivas patriarcais e com viés depreciativo em relação às mulheres, como exemplos de movimentos que promovem estereótipos de gênero ou que relegam mulheres a papéis secundários, demonstrando a complexidade e a

diversidade desse fenômeno, e a crítica de feministas em relação à grupos de espiritualidade feminina dentro da Nova Era. De qualquer forma, a Nova Era acabou se tornando um espaço que possibilitou tanto a revalorização do aspecto feminino quanto a crítica a formas patriarcais de espiritualidade. Isso se manifesta na proeminência de figuras femininas, na ênfase na sacralidade da feminilidade e na busca por equilíbrio e igualdade de gênero em muitas vertentes da Nova Era (WOODHEAD, 2005, HEELAS, 1996).

A década de 1960 é marcada por diversos movimentos políticos, sociais e religiosos, dentre eles o feminismo e a Nova Era. A partir deste momento questionamentos sobre religião, gênero e a mulher na sociedade ocidental são levantados, doravante há o questionamento se o contexto sociocultural em que a religião faz parte conseguem suprimir os desejos das mulheres ou se é necessário espaços alternativos para isso (WOODHEAD, 2002).

Segundo Woodhead (2002), no século XIX a sociedade era compreendida como masculinizada e o homem voltado ao seu habitat natural de racionalização e secularização, enquanto a mulher se mantinha na esfera doméstica e privada. Esse panorama foi reavaliado e criticado, e no século XX, as mulheres ocuparam espaços públicos, porém, ainda em um espaço masculinizado e modelado por homens para homens. A autora explora a participação de mulheres em religiões judaico-cristãs e o que as leva a buscar alternativas concernentes à esfera espiritual, como movimentos que cultuam deusas, que colocam as mulheres como central, trazendo a importância da sacralização do feminino como uma necessidade de melhoria da vida das mulheres e sua autoestima. Christ (1997), neste sentido, explica que há a dificuldade de mulheres conseguirem seguir preceitos religiosos a partir da imagem de um deus masculino, já que esse reflete valores patriarcais. Em contraste, movimentos que cultuam deusas trazem a visibilidade não só para imagens femininas deificadas, mas para a existência de deusas, colocando em pé de igualdade as religiosidades que cultuam o feminino e exaltando que pode, além da teologia, existir uma teologia. Em um dos estudos de Raphael (1996), ela diz que “conceituar o divino como feminino permite uma relação direta entre a geratividade divina e suas manifestações na mulher - uma relação que tem efeitos políticos sistêmicos” (RAPHAEL, 1996, p.9;).

O estudo da religião sob a perspectiva de gênero revela uma complexa relação entre as esferas pública e privada, destacando a evolução das oportunidades e dos papéis das

mulheres ao longo do tempo. Essa transformação está relacionada a eventos históricos, mudanças nas dinâmicas de gênero e na percepção da vida social, contribuindo para uma compreensão mais profunda das complexidades envolvidas.

Outro ponto que se destaca é a crescente proeminência das mulheres nos meios holísticos contemporâneos. Essa tendência pode estar relacionada ao fenômeno conhecido como “virada subjetiva”, que enfatiza o desenvolvimento do individualismo moral e da autonomia pessoal. Nesse contexto, observa-se que as mulheres frequentemente se inclinam mais em direção à subjetividade relacional, caracterizada pelo cuidado, construção de relacionamentos, expressão emocional e apoio mútuo, enquanto os homens muitas vezes direcionam seus esforços para a subjetivação individual, concentrando-se em metas materiais e competição na busca pelo bem-estar subjetivo. Woodhead e Heelas (2005) sustentam que “as mulheres são atraídas para o ambiente holístico em busca de significado, muitas vezes influenciadas por seu papel tradicional de cuidado com os outros. Elas buscam cuidar do próprio bem-estar subjetivo, equilibrando o cuidado com os outros e consigo mesmas” (HEELAS e WOODHEAD, 2005, p.100).

Essa prevalência pode estar intrinsecamente ligada à histórica presença das mulheres na esfera privada da vida, onde tradicionalmente desempenharam papéis de cuidado e orientação espiritual dentro de suas famílias e comunidades. No entanto, à medida que o panorama religioso evoluiu ao longo do tempo, as mulheres têm ganhado terreno na esfera pública, muitas vezes desempenhando papéis proeminentes como líderes espirituais. Essa transição foi facilitada por movimentos religiosos e espirituais que reconhecem e valorizam as necessidades das mulheres, capacitando-as a ocupar posições de liderança. Assim, a religião não apenas perpetua a presença das mulheres na esfera privada, mas também oferece um caminho para que elas se tornem líderes espirituais em comunidades que promovem a igualdade de gênero e a inclusão de suas vozes e perspectivas.

Maluf (2019), aponta que a imbricação dos movimentos feministas e da Nova Era abrange questões de gênero fundamentais e novas perspectivas para compreender as experiências religiosas. Esta interconexão marca uma transição significativa, que se afasta do que antes era considerado dogmático, com autoridade externa, em direção a uma espiritualidade autônoma e uma visão monista. Isso tem implicações profundas para as mulheres que embarcam em uma nova jornada religiosa ou espiritual. Algumas optam por fazer a transição de um movimento religioso para outro, enquanto outras permanecem no mesmo movimento, mas com a intenção de modificá-lo, enriquecendo-o com elementos que beneficiam as mulheres.

No cerne dessas discussões está a compreensão do patriarcado e seu impacto sobre as mulheres. Isso se reflete nas participantes do movimento da Nova Era, que buscam estabelecer conexões através de uma perspectiva feminina. As questões de gênero levantadas pelo feminismo desempenham um papel central nesse processo. Essa imbricação se torna de extrema importância, pois representa a visão de uma Nova Era que surge da contracultura, interligada ao feminismo, resultando em uma nova maneira de se conectar com o sagrado, ancorada no feminino. Esta transição representa uma mudança completa de formas religiosas tradicionais para uma espiritualidade mais centrada no Eu e nas perspectivas femininas, marcando um avanço significativo na compreensão e prática espiritual.

No entanto, é importante ressaltar que apesar da Nova Era utilizar-se de conceitos e cosmovisões do feminismo, e vice e versa, as mulheres que pertencem à movimentos da deusa feminista criticam essa interligação por compreender que a Nova Era está permeada por questões que fortalecem o patriarcado e estereótipos que prejudicam o trabalho realizado pelas feministas. Essa é uma questão contraditória por fortalecer esses estereótipos ao mesmo tempo que abre espaço para a autoridade das mulheres que podem explorar a espiritualidade de forma autônoma (Bowen-Reid, 2007; CROWLEY, 2011).

Neste contexto, Crowley (2011) ressalta três críticas que são realizadas ao movimento MNE. São elas “o aumento do narcisismo e do individualismo, a visão de que a Nova Era é mais uma estratégia de marketing do que uma experiência espiritual autêntica, e a suscetibilidade à irracionalidade e à histeria. Essas críticas, muitas vezes, estão relacionadas à feminização da religião” (CROWLEY, 2011, p.25).

Heelas e Woodhead (2005) desempenharam um papel fundamental na abordagem dessa questão, buscando superar a concepção negativa frequentemente associada à Nova Era. Em vez de se aterem ao rótulo controverso da Nova Era, eles propuseram o termo "Espiritualidades de Vida". Essa mudança terminológica reflete uma tentativa de abordar o movimento de uma maneira mais abrangente e equilibrada, afastando-se das críticas relacionadas ao capitalismo excessivo, consumismo e individualismo desenfreado.

A utilização do termo "Espiritualidades de Vida" enfatiza a dimensão existencial e a importância das experiências de vida das pessoas envolvidas nesses movimentos espirituais. Isso reconhece que essas práticas e crenças podem ser uma parte significativa da vida das pessoas, influenciando seus valores, relacionamentos e visões de mundo. Portanto, ao adotar essa terminologia, Heelas e Woodhead buscaram uma compreensão mais aberta e holística das práticas espirituais contemporâneas, permitindo uma análise

mais precisa e equilibrada das complexas interações entre a Nova Era e o Feminismo, bem como seus impactos nas vidas das pessoas.

Nas pesquisas encontradas há uma divergência de opiniões em relação à Nova Era quando se trata de seu relacionamento com os movimentos de teologia. Alguns argumentam que a Nova Era desempenhou um papel crucial no desenvolvimento desses movimentos de espiritualidade feminina, enquanto outros defendem que é um equívoco considerá-los como intrinsecamente ligados à Nova Era. Em vez disso, eles sustentam que esses movimentos surgiram do próprio Feminismo, e que considerá-los parte da Nova Era pode diluir seu caráter político. A complexidade dessa questão surge em parte porque tanto a Nova Era quanto o Feminismo ganharam visibilidade em momentos semelhantes, o que sugere a possibilidade de influência mútua.

Reid-Bowen (2007) esclarece que o Movimento da Deusa e a Nova Era compartilham algumas cosmovisões como a sacralidade intrínseca ao ser humano, a autorrealização, o empoderamento e rejeição das autoridades, o que fortalece a espiritualidade feminina, além de críticas realizadas aos movimentos. Acrescenta que recursos da Nova Era são utilizados pelas teólogas como

“astrologia, interpretação de sonhos, leitura de tarô e outras técnicas de adivinhação; xamanismo e meditação; regressão a vidas passadas; teorias orientais de karma e reencarnação; cura psíquica; várias práticas e programas de autoajuda; e, talvez o mais notável, teorias psicoterapêuticas e psicologia junguiana.” (tradução nossa, REID-BOWEN, 2007, p.19)

Apesar das identificações, Reid-Bowen destaca que quando se faz uma análise mais aprofundada, é possível encontrar divergências relacionadas “à divindade, à feminilidade, à política e à natureza” (REID-BOWEN, 2007, p. 20). Ressalta que o Movimento da Deusa considera a natureza como divina, enfatizando práticas direcionadas à ela, enquanto o Movimento Nova Era está mais voltado para a espiritualidade pessoal, também reflete sobre a incorporação de vieses patriarcais no movimento Nova Era, assim como distorções feministas, de moralidade, e política. A espiritualidade pautada no Movimento da Deusa, a partir da visão feminista, preocupa-se com questões políticas, contemplando “o pessoal como político”, o que remete à uma esfera coletiva das mulheres. Essa vertente acaba aproximando-se de outros movimentos religiosos, como o paganismo (REID-BOWEN, 2007).

É importante reconhecer que embora o movimento da Deusa feminista e a Nova Era tenham raízes profundas na exploração da espiritualidade feminina e tenham contribuído significativamente para a conscientização das questões de gênero, nem todas as mulheres têm um conhecimento aprofundado sobre essas abordagens. Portanto, como parte deste estudo, busco fornecer uma explicação abrangente da Nova Era e da maneira como ela aborda as questões do feminino e do feminismo. Esta contextualização torna-se essencial para garantir que todos os aspectos do movimento sejam compreensíveis e acessíveis, independentemente do nível de familiaridade das mulheres envolvidas.

## **2.7 A Influência da Nova Era na Sociedade Brasileira**

A Nova Era, como podemos observar, é um movimento que se difundiu de forma abrangente, permeando a sociedade de maneira intrincada. No contexto brasileiro, sua evolução experimentou um crescimento significativo. Surgiu nos anos 1960, em conjunto com o movimento contracultural, mas ganhou mais força e notoriedade na década de 1970. Isso pode ser atribuído, em parte, ao cenário político do Brasil na década de 1960, que estava passando por transformações profundas. Na década seguinte, com uma melhoria política do país, a Nova Era floresceu de forma mais proeminente, encontrando solo fértil para se desenvolver, atingindo seu ápice na década de 1980 (MAGNANI, 2000, 2016).

O Brasil, conhecido por sua diversidade cultural e religiosa, já abrigava, antes do surgimento da Nova Era como é conhecida hoje, alguns dos componentes que viriam a constituir essa abordagem espiritual. Elementos de base teosófica, esotérica e orientalista podem ser rastreados em diversas manifestações. Sociedades teosóficas, como a fundada em 1902, e o Círculo Esotérico, estabelecido em 1909, exemplificam o interesse precoce do país por correntes espirituais alternativas. Templos budistas também foram estabelecidos, mostrando o crescente interesse pela espiritualidade oriental. A incorporação de elementos do catolicismo, espiritismo kardecista, religiões afro-brasileiras e indígenas também contribuiu para a formação desse caldeirão espiritual que viria a caracterizar a Nova Era no Brasil (MAGNANI, 2000; OLIVEIRA, 2012).

A convergência desses elementos com o contexto político do país desempenhou um papel importante na formação da Nova Era no Brasil. O cenário político, marcado por transformações e agitações, criou um ambiente propício para a busca de alternativas espirituais e filosóficas. Movimentos culturais como o Tropicalismo, com figuras como

Caetano Veloso e Gilberto Gil, “abriram espaço para uma postura identificada com a estética libertária e dionisíaca da contracultura”, preparando o terreno para a disseminação da Nova Era. Além disso, Paulo Coelho e Raul Seixas participaram de sociedades iniciáticas influenciadas por Aleister Crowley, contribuindo para a difusão de conceitos esotéricos e místicos que desempenharam um papel significativo na formação da Nova Era no país (MAGNANI, 2000, p. 19).

O sincretismo religioso no Brasil, uma manifestação da diversidade cultural do país, serviu como um alicerce para a transição em direção à Nova Era. A influência da contracultura, já mencionada, desempenhou um papel fundamental ao desafiar normas estabelecidas e fomentar a busca por novas formas de compreensão espiritual, enquanto o individualismo, um aspecto característico da Nova Era global, destacou-se como uma ênfase na autonomia pessoal. Neste contexto, no Brasil, foi observado um crescente interesse pela cultura psicológica, ressaltando a importância da auto exploração e do desenvolvimento pessoal, e a tradição espiritual mediúnica (D’ANDREA, 2000).

Em continuidade a essa evolução espiritual, as comunidades alternativas rurais, surgidas nas décadas de 60 e 70, representaram uma resposta às sociedades urbanas e ao consumo desenfreado. Essas comunidades adotaram um estilo de vida alternativo que enfatizava a conexão com a natureza e buscava uma abordagem mais sustentável em contraposição aos padrões de vida das áreas urbanas.

“Muitas dessas comunidades rurais alternativas foram inspiradas pelos ensinamentos de algum mestre espiritual e seguiram de perto uma doutrina específica, como foi o caso dos Hare Krishnas; outras foram motivadas pela antecipação de catástrofes consideradas iminentes, mais especificamente, para se protegerem da ameaça nuclear; outras ainda estabeleceram contatos, supostamente, com seres extraterrestres. Elas se espalharam por todo o país, mas algumas regiões eram preferidas em relação a outras: em particular, o sul de Minas Gerais, a Chapada dos Veadeiros (Estado de Goiás), a Chapada Diamantina (Estado da Bahia), a Chapada dos Guimarães (Estado de Mato Grosso), a Serra da Bocaina (Estado de São Paulo) e o Planalto Central (Goiânia e Brasília). As razões para essas preferências tinham a ver com a 'energia' desses lugares, seu status como chakras planetários e outras explicações retiradas do programa eclético da Nova Era.” (tradução nossa, MAGNANI, 2016, p.64)

A busca por uma vida comunitária, o contato próximo com a natureza e a adoção de práticas como a produção e alimentação naturais, assim como o vegetarianismo, são elementos participantes do cenário de grupos da Nova Era (MAGNANI, 2016).

Leila Amaral (2000) destacou em sua pesquisa que a expansão da consciência é conduzida por meio de abordagens psicológicas e corporais, geralmente em ambientes não doutrinários. Esses ambientes buscam promover o desenvolvimento holístico, muitas vezes incluindo elementos de entretenimento. Eles oferecem alimentos naturais e produtos relacionados a essa abordagem, como cristais, oráculos, livros, entre outros. Além disso, são espaços que se adaptam à busca individual de cada participante, oferecendo rituais, palestras e workshops com foco em tópicos específicos, sem uma sistematização rígida.

“Trata-se de um mercado de bens simbólicos, através do qual os centros holísticos cumprem um objetivo espiritual de natureza terapêutica, estética, lúdica e moral e cuja programação conta, inclusive, com um tipo de comunicação, em dimensões globais, na forma de *networks*, entre os centros holísticos e comunidades alternativas Nova Era, fora de suas fronteiras nacionais.” (AMARAL, 2000, p. 15)

A corporeidade ganha um significado relevante no contexto da Nova Era no Brasil, servindo como meio de expressão que direciona a identidade espiritual. Nessa perspectiva, o corpo se torna um símbolo através do qual as práticas são vivenciadas. Essas experiências afetam o corpo, seja para testar, confirmar ou negar a fé, destacando que o corpo não é apenas biológico, mas também faz parte das construções sociais e culturais do contexto em que está inserido. A abordagem da Nova Era, que busca a integração do corpo, mente e espírito, vai além da esfera espiritual, estendendo-se ao corpo humano e promovendo uma visão holística dessa interconexão. Essa visão contrasta com a característica de racionalização, destacando a importância da experiência espiritual e do entendimento que transcende a análise lógica (OLIVEIRA, 2012).

Além dessa abordagem holística da Nova Era, que enfatiza a interconexão entre corpo, mente e espírito, vale destacar a influência marcante da interculturalidade no cenário espiritual brasileiro. Essa integração de elementos do Oriente e do Ocidente é evidente em práticas como artes marciais, ioga e tai chi chuan, todas elas com profundas conexões com a espiritualidade (OLIVEIRA, 2012; MAGNANI, 2000).

Em consonância com essa perspectiva intercultural, o corpo desempenha um papel crucial no processo de autoconhecimento e experiência espiritual. Isso se reflete em diversas tradições religiosas presentes no Brasil, como religiões afro-brasileiras, práticas orientais, rituais indígenas e xamanismo. As experiências de êxtase e espiritualidade dos praticantes ocupam um lugar central nesse cenário, e apesar da maioria pertencer à classe média, há uma democratização do público, tornando-se mais abrangente, como indicado por Oliveira (2012) no caso do Vale do Amanhecer.

O Xamanismo Urbano encontrou espaço nas cidades brasileiras através de figuras notáveis, como Léo Artese com seu Centro de Estudos de Xamanismo Vôo da Águia e Carminha Levy com Paz Géia, reconhecida como uma das precursoras do xamanismo no Brasil. Carminha Levy trouxe uma perspectiva matriarcal e uma espiritualidade centrada nas mulheres e no feminino, além de ser considerada uma das pioneiras dos círculos de mulheres, conforme mencionado nas entrevistas realizadas para essa pesquisa.

O xamanismo no Brasil incorpora elementos como bastões, tambores e influências das tradições xamânicas indígenas norte-americanas. Também se baseia em áreas como psicologia, religião e mitologia comparada, diferenciando-se das tradições xamânicas indígenas, muitas vezes idealizadas. Algumas práticas buscam estabelecer uma conexão com a cultura indígena brasileira, inclusive com a participação de membros indígenas em eventos (MAGNANI, 2016).

No xamanismo urbano no Brasil, enfatiza-se o desenvolvimento pessoal, a autocura e o autoconhecimento. Os praticantes são ecléticos, incorporando elementos de várias origens, incluindo conceitos como

Essa impressão foi confirmada pela presença de elementos das mais diversas origens nos discursos e nos rituais, e mesmo nos eventos e oficinas que invocavam tradições indígenas ao mesmo tempo que noções como as dos chakras, do eu comum e do eu superior, o corpo sutil, o holismo, os arquétipos e o emprego de práticas físicas ligadas às filosofias orientais, o uso de cristais, símbolos astrológicos etc. Alguns dos termos originais de tradições localizadas ou apenas a elas associadas, como o onipresente 'Pachamama', o 'conselho de anciãos', o 'Grande Espírito', as 'danças sagradas' e muitas outras, circulavam indistintamente por todas as linhas. (tradução nossa, MAGNANI, 2016, p.81).

A conexão com a natureza é uma característica central no xamanismo urbano brasileiro, com termos como "Mãe Terra" desempenhando um papel fundamental nas práticas,

visando promover saúde e bem-estar. Além disso, o uso de medicinas da natureza, como a Ayahuasca, é notável em grupos considerados xamânicos.

Apesar de sua natureza eclética, o xamanismo urbano no Brasil compartilha algumas características comuns, incluindo “a busca pela perfeição pessoal através de técnicas que levam ao autoconhecimento, ao desenvolvimento das capacidades pessoais e à autocura” (MAGNANI, 2016, p.76). Essas práticas são parte integrante do amplo espectro de sistemas relacionados à Nova Era, que se manifesta por meio do "circuito neoesotérico" no ambiente urbano, como descrito por Magnani. Este circuito abrange uma ampla gama de produtos, workshops, encontros e terapias, caracterizando-se pela notável ausência de requisitos de filiação, o que permite uma livre circulação de indivíduos interessados.

Além disso, no âmbito da Nova Era, destacam-se valores ecológicos, qualidade de vida, respeito pela Terra e bem-estar espiritual, refletindo a ênfase na harmonia entre seres humanos, natureza e espírito. Nesse contexto, a diversidade religiosa do Brasil oferece uma série de oportunidades para a busca espiritual, tornando difícil a atribuição de uma única denominação à Nova Era devido à sua pluralidade. Portanto, a Nova Era emerge como uma das expressões religiosas no Brasil, ampliando ainda mais a riqueza da diversidade espiritual no país (GUERRIERO, 2003).

### 3 Origens dos Círculos de Mulheres

Durante o desenvolvimento da pesquisa, quando anunciava o título inicial do projeto me perguntavam “mas de qual grupo se refere? Tem um nome?”, uma dúvida plausível já que essa denominação é ampla e plural. Percebo que primeiramente é importante esclarecer que alguns círculos de mulheres possuem nomes particulares dados por aquelas que os conduzem, outros simplesmente se denominam como Círculo de Mulheres. Elinor Gadon, em seu livro “*The One and Future Goddess*”, diz ter enfrentado questionamentos parecidos quando contava para as pessoas de sua pesquisa sobre deusas, “qual delas?”. Ela explica que “deusas tem vários nomes e manifestações que atravessam a história da humanidade, ela é, em última análise, uma realidade suprema.” (GADON, 1989, p.xii). Portanto não há uma regra estabelecida no que diz respeito a nomenclatura desse grupo, mas o que podemos concluir é que mesmo que existam grupos com nomes particulares, eles carregam a essência do Círculo de Mulheres, que caracteriza-se como um grupo espiritual ginocêntrico, isto é, que tem o feminino e a mulher como principal reverência (OLIVEIRA e BOIN, 2017).

Quando olhamos retrospectivamente para a evolução da espiritualidade feminina, como é conhecida pelas integrantes de grupos focados nessa vertente, podemos traçar paralelos que contribuíram para a formação do que hoje conhecemos como círculos de mulheres. Em meados do século XX, diversos movimentos estavam em ebulição, incluindo paganismo e Wicca, a teologia ou Movimento da Deusa e a Nova Era, que em certos aspectos se entrelaçam e em outros se distinguem. Ao considerar os círculos de mulheres, torna-se evidente uma teia de influências que os caracteriza. No contexto brasileiro, esses círculos frequentemente adquirem características adicionais, muitas vezes relacionadas à psicologização e à incorporação de elementos das religiões afro-brasileiras (DE LA TORRE, 2018; D’ANDREA, 2000).

Os primeiros indícios dessa trajetória remontam às décadas de 1960 e 1970, quando os ashrams, centros de busca espiritual alternativa, começaram a florescer. Nestes espaços, aqueles que buscavam uma espiritualidade não convencional também exploravam, em certo nível, questões relacionadas ao feminino na espiritualidade. Essa busca por uma conexão espiritual mais profunda frequentemente estava acompanhada de reflexões sobre o papel das mulheres na espiritualidade (DE LA TORRE, 2018).

Nesse período, também surgiu a Teologia, ou Movimento da Deusa, um movimento que advém de estudos relacionados ao feminismo e que enfatiza a adoração da divindade feminina. Esse movimento desafiou as estruturas religiosas tradicionais ao colocar as mulheres no centro da espiritualidade e reverenciar a figura da Deusa como uma expressão do divino feminino.

Posteriormente, na década de 1980, já com o hibridismo religioso presente, ocorreu um redirecionamento de interesse às tradições indígenas do México. Esse período testemunhou um crescente interesse nas culturas indígenas, à medida que buscadores espirituais exploravam fontes diversificadas em busca de inspiração e uma compreensão mais profunda das conexões espirituais com a terra e as culturas nativas. Foi nesse contexto que surgiu o movimento do “Caminho Vermelho”, um segmento do neo-xamanismo que, ao unir elementos do neo-mexicanismo, estruturas neopagãs e pan-indianistas, buscou “enraizar a espiritualidade da Nova Era nas tradições indígenas do México”, ao mesmo tempo em que redefiniu questões de gênero (DE LA TORRE, 2018, p.234). Essa vertente acaba por tentar se firmar em uma sabedoria ancestral, sendo importante ressaltar que essa busca pela autenticidade pode levar à romantização da cultura indígena em detrimento da cultura urbana, ao mesmo tempo que são adotados conceitos de outras culturas, o que pode afastar-se da cultura original, incorporando elementos esotéricos, orientais, indígenas e do cristianismo. A utilização de medicações da floresta, como o uso de ayahuasca, e estudos relacionados às plantas desempenham um papel significativo. Essa abordagem abriu novas perspectivas e trouxe uma dimensão à evolução dos círculos de mulheres, enfatizando a adoração à natureza, a reverência pelos ciclos naturais e ao feminino. Muitas mulheres são atraídas por essas práticas como uma maneira de reconectar-se com suas raízes espirituais, explorar uma espiritualidade centrada no feminino e estabelecer uma comunidade solidária (DE LA TORRE, 2018).

Os desdobramentos que antecedem os Círculos de Mulheres em relação ao feminismo e teologia, podem ter seu início no final da década de 1960 e início de 1970 com grupos intitulados *Consciousness-Raising* (C-R; grupos de conscientização) nos Estados Unidos (ELLER, 1993). Estes grupos caracterizam-se por encontros de mulheres que sentavam-se em círculos para discutir sobre questões sociais e políticas que envolviam a diferença e o papel dos sexos na sociedade. Associado à Organização Nacional para a Mulher (*NOW - National Organization for Women*), movimento que foi fundado em 1966 por Betty Friedan e Pauli Murray com o objetivo de “promover ideais feministas, liderar mudanças

sociais, eliminar a discriminação e alcançar e proteger os direitos iguais de todas as mulheres e meninas em todos os aspectos da vida social, política e econômica” (<https://now.org/about/>).

Segundo Kravetz, os grupos C-R são reconhecidos “como a pedra angular do novo feminismo, como o coração do movimento de libertação da mulher” (KRAVETZ, 1978, p.169), que tem como ponto central a eliminação do sexismo nas instituições.

O início desse processo deu-se em novembro de 1967, houve o primeiro encontro do grupo *New York's First Women's Liberation* na casa de Pam Allen, onde compareceram Shulamith Firestone, Anne Koedt, Bev Grant, Cathy Barret e Minda Beakman. Posteriormente, um outro encontro foi realizado na casa de Koedt. Juntaram-se, Kathie Sarachild, Carol Hanisch e Anne Forer, que se tornaram as principais visionárias do feminismo radical. Em entrevista à Brownmiller, Forer retoma uma das conversas no segundo encontro que mostra a origem dos C-R, que foi titulado por Kathie Sarachild:

"Na Velha Esquerda", explica ela, "elas costumavam dizer que os trabalhadores não sabiam que eram oprimidos, então temos que elevar sua consciência". Uma noite, numa reunião, eu disse: "Será que todos poderiam me dar um exemplo de sua própria vida sobre como elas vivenciaram a opressão como mulheres? Eu preciso ouvi-lo para elevar minha própria consciência". Kathie estava sentada atrás de mim e as palavras tocaram em sua mente. A partir de então, ela a tornou uma espécie de instituição e a chamou de conscientização" (tradução nossa, BROWNMILLER, 1999, p. 28).

O trabalho das participantes do grupo tinha como foco a conscientização que envolve estereótipos e preconceitos sociais. Eram levantadas questões sobre educação, família, religião, sexualidade, mercado de trabalho, envelhecimento, saúde mental e física, violência contra a mulher, prostituição e o impacto do status de relacionamento (CÉLEM, 2020; KRAVETZ, 1978).

O modelo seguido pelos C-R e pelos CM seguem diretrizes similares, partindo de seu propósito de conscientização e promoção de informações sobre o sexismo, opressão, e o progresso das mulheres através da relação com outras mulheres, com o intuito de alcançar o maior número de participantes para que seja possível uma transformação política, social e, no caso específico do CM, espiritual e/ou religiosa. Neste último ponto, Jean Shinoda Bolen expressa essa transformação coletiva através da teoria do Campo Mórfico, proposto pelo biólogo Rupert Sheldrake. Ela intitula um de seus livros como “O Milionésimo

Círculo”, que representa essa reforma através do contágio de informações que traria nova perspectiva de vida com vertente matrifocal (BOLEN, 2003).

A organização dos grupos também segue procedimentos parecidos. Os encontros são periódicos e as participantes sentam-se em círculo; são selecionados tópicos para discussão que envolvam questões femininas; as falas devem vir de experiências pessoais e enquanto uma participante fala as outras não podem interromper; também não se deve dar opiniões positivas ou negativas sobre o que se escuta para que as integrantes não se sintam julgadas em suas falas; e ao final do encontro é realizado um resumo das pautas abordadas para realizar associações de forma generalizada. Os encontros eram realizados na casa de alguma das integrantes com a oferta de comidas e bebidas, uma possibilidade também para o CM que são realizados na casa das integrantes ou em espaços que possibilitam a privacidade para as discussões e onde também é solicitado que cada participante leve algo para comer e beber (CÉLEM, 2020; ELLER, 1993).

A espiritualidade começou a surgir no C-R quando algumas mulheres compartilharam suas experiências espirituais e terapêuticas durante os encontros. Essas vivências levantaram questões sobre as religiões tradicionais, e a partir desse momento, começaram a ocorrer mudanças nos grupos que originalmente tinham uma abordagem mais secular. Isso levou a divisões dentro dos grupos, pois algumas mulheres que seguiam o feminismo radical não reconheciam a abordagem terapêutica que algumas integrantes relatavam, inclusive feministas liberais. Isso ocorreu porque os encontros eram originalmente focados em questões coletivas e não individuais. É importante destacar que as raízes do grupo C-R eram feministas, embora houvesse integrantes que não se identificassem explicitamente como feministas. Elas participavam das discussões porque sentiam que os temas abordados refletiam experiências de suas próprias vidas (ELLER, 1993; CÉLEM, 2020).

Essa questão continua sendo debatida nos dias de hoje e é alvo de críticas por parte das feministas que temem uma transformação do movimento feminista em um "feminismo terapêutico". Nesse contexto, existe a preocupação de que o feminismo terapêutico possa desviar o foco das questões sociais e econômicas, centrando-se apenas na autoajuda. Isso poderia resultar em uma perspectiva individualizada, com o risco de confundir a busca por transformações pessoais com a busca por mudanças sociais e coletivas (CROWLEY, 2011).

Carol Hanisch, em seu artigo “O Pessoal é Político” (1969), também debateu a relação entre terapia e política, criticando a visão de algumas mulheres que consideravam os grupos terapêuticos. Hanisch enfatizou a importância de integrar a dimensão política nas discussões feministas, destacando que as questões pessoais das mulheres são intrinsecamente políticas.

“A própria palavra "terapia" é obviamente inadequada se levada à sua conclusão lógica. A terapia pressupõe que alguém está doente e que há uma cura, por exemplo, uma solução pessoal. Fico muito ofendida que eu ou qualquer outra mulher seja considerada necessitada de terapia em primeiro lugar. As mulheres são prejudicadas, não desajustadas! Precisamos mudar as condições objetivas, não nos adaptar a elas. A terapia é se adaptar a uma alternativa pessoal ruim.” (tradução nossa, HANISCH, 1969, p. 3)

O *New York's First Women's Liberation*, de onde advém o C-R, chegou ao seu fim em 1975 e relatos demonstram que havia conflitos de ideias entre as participantes mais antigas e as novas, como sua organização e questões que envolviam o poder dentro dos próprios grupos, negando “outros estilos de vida, sexualidades e outras prioridades de luta - como racismo e socialismo” (CÉLEM, 2020, p. 137). As questões terapêuticas e espirituais também podem ter sido grandes fatores que ocasionaram rachaduras nos grupos e a criação de novas sedes, o que futuramente pode ter sido propulsor de grupos espirituais femininos amalgamados às temáticas políticas e sociais.

Concomitante ao processo de desenvolvimento do feminismo na década de 1970, o Movimento da Deusa também ganhou seus holofotes. É considerado o grande guarda-chuva que abriga sob sua marquise grupos que têm como centralidade a reverência à sacralidade feminina e a múltiplas deusas ou a uma única deusa. Este movimento, inserido no âmbito da espiritualidade feminista, utiliza conceitos e influências de várias fontes espirituais como “neopaganismo, feminismo político, judaísmo e cristianismo, Nova Era, e a espiritualidade Nativo Americana” (ELLER, 1993, p.x) e participantes dos grupos deste movimento como “Carol Christ, Deanna Conway, Asphodel Long, Caitlin Matthews, Teresa Moorey, Naomi Ozaniec, Monica Sjöö, Barbara Mor e Donna Wilshire”, preocupam-se em resgatar ou criar teorias que evidenciam a mulher e o feminino, ressignificar o conceito de sagrado e buscar alternativas de experienciar o sagrado a partir do feminino. São grupos não institucionalizados que trabalham através de rituais e simbolismos referentes à deusa, manifestando características sobre a mulher

e o feminino que, segundo as participantes, não são disseminadas em contexto social considerado patriarcal (REID-BOWEN, 2007, p.23; CHRIST, 2003).

A historiadora Cynthia Eller, após realizar seu estudo com diversos grupos de espiritualidade feminina, sintetizou algumas características principais presentes no movimento da deusa, são elas: a valorização do empoderamento feminino, termo utilizado a partir da década de 70; cultos à deusa como meio de comunicação com o sagrado; presença de temas como adivinhação, mágica e habilidades parapsíquicas; reverência à natureza como deusa ou grande mãe; simbolismos femininos; “especulações de como a questão de gênero foram se desenvolvendo na sociedade, trazendo a ideia de uma história pré-patriarcal onde deusas e mulheres eram veneradas; e a substituição de um modelo patriarcal por outro mais humano” (ELLER, 1993, p. 4).

“A efervescência cultural e política da segunda metade do século XX, marcada pelos movimentos contraculturais, jovens e feministas, foi um cenário importante para o surgimento das espiritualidades alternativas identificadas como parte dos movimentos da Nova Era. No caso do feminismo, além da importante mudança na situação das mulheres, do ponto de vista econômico e de trabalho (com sua crescente presença no mercado de trabalho), as mudanças culturais e simbólicas tiveram um impacto significativo. Um dos princípios centrais do movimento, de que "o pessoal é político", sintetiza muitas das aspirações da época.” (tradução nossa, MALUF, 2019, p.498)

O feminismo desempenhou um papel significativo e transformador na formação da Nova Era, tornando-se parte de sua identidade. No cenário das influências dos círculos de mulheres, a Nova Era se destaca de maneira notável. Atrai um público predominantemente feminino, tornando a questão de gênero uma parte fundamental de sua identidade. Lideranças femininas são proeminentes, assim como a valorização do corpo e a conexão com a natureza. As práticas espirituais e discursos muitas vezes são moldados por perspectivas de gênero distintas, mas complementares, enfatizando tanto a diferença sexual quanto a crítica às dualidades de gênero. A transformação pessoal é vista como uma via para a transformação coletiva. A Nova Era se destaca ao oferecer espaço para uma maior autonomia das mulheres em relação aos papéis tradicionais, enfatizando a importância da autorreflexão e do crescimento espiritual (MALUF, 2019).

“Os círculos de mulheres representam um movimento espiritual que é vivenciado e interligado a nível individual e coletivo (nos círculos), e também

a nível dos movimentos espirituais (através da literatura, ritos de iniciação, professores, oficinas, cerimónias e locais de encontro chave). Este movimento espiritual também realiza intercâmbios e forja alianças que o tornam parte de uma rede global ou transnacional e através desta rede circulam bens junto com os indivíduos envolvidos nestas diversas práticas. Nesta rede convergem diferentes vetores: (1) buscas holístico-espirituais; (2) psicoterapia; (3) medicinas alternativas; (4) aprimoramento pessoal; (5) tecnologias menstruais; (6) indústrias culturais (com ampla literatura de autoajuda dirigida a um público feminino cosmopolita e de classe média, além de canções, música, cinema, teatro, etc.; (7) ecofeminismo ou feminilidade sagrada onde se procuram novas alternativas para empoderar as mulheres; (8) ecologia e meio ambiente; e (9) terapia sexual” (tradução nossa, DE LA TORRE, 2018, P. 241)

Na busca de um resgate pela feminilidade na esfera religiosa, há um conjunto de tradições e movimentos que se inter cruzam fomentando a base da formação dos círculos de mulheres. A Wicca, uma vertente do neopaganismo, é uma religião centrada na magia que teve origem na Inglaterra após a Segunda Guerra Mundial. No cerne de a Wicca, destaca-se o culto a um deus e uma deusa, formando um casal sagrado reverenciado por meio de seus ciclos e sua conexão com a natureza. E em diferentes abordagens wiccanas a deusa é vista como a fonte primordial da criação, e os ciclos femininos, como menstruação, gravidez e menopausa, são venerados como sagrados e o lado masculino é visto como secundário. Um exemplo dessa ramificação é a Wicca Diânica, originada na Califórnia durante a década de 1970, que incorpora elementos da contracultura, feminismo e ecologia (REID-BOWEN, 2007; CORDOVIL, 2015).

Cordovil (2015) ressalta que

“No Brasil, os iniciados na Tradição Diânica californiana fundaram a Tradição Diânica do Brasil. Além do culto à Deusa a partir dos panteões de culturas pré-cristãs, como a egípcia e a greco-romana, os membros da TDB realizam um resgate e recriação do culto às divindades brasileiras do panteão afroindígena.” (CORDOVIL, 2015, p. 433)

O que se difundiu através da Abrawicca (Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Wicca), que se estende por diversas capitais brasileiras, incluindo “São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e Belém”, onde são oferecidas atividades com temas relacionados ao paganismo, a Wicca e círculos de mulheres. (CORDOVIL, 2015, p. 433).

As pesquisas de Cordovil (2015) indicam que as participantes dos Círculos de Mulheres são frequentemente consideradas buscadoras espirituais. Por outro lado, as condutoras desses círculos recriam os espaços com base em suas experiências pessoais, que podem envolver práticas como "reiki, yoga e até mesmo o Candomblé". A maioria das participantes reside em ambientes urbanos e pertence à classe média, e ressalta que "mesmo não sendo todas adeptas da Wicca e nem iniciadas em seus mistérios, as mulheres do Círculo de Mulheres experimentam a possibilidade de vivenciar um feminismo cotidiano, sem recursos a uma militância política" (CORDOVIL, 2015, p, 446). Além disso, dentro desses círculos, é comum discutir questões pessoais das mulheres, bem como desafios enfrentados na sociedade. O sangue menstrual é um tópico importante de discussão, e a relação das mulheres com seus corpos e a baixa autoestima é tratada como "feridas do ventre". Isso reflete a influência da cultura patriarcal na jornada histórica das mulheres e seus impactos psicológicos e físicos. As práticas nos Círculos de Mulheres visam resgatar essas feridas e empoderar as mulheres.

As correntes da Wicca e da bruxaria que interligam-se ao movimento da deusa são denominadas como bruxaria feminista, e compartilham princípios "como o animismo, panteísmo e politeísmo, enfatizando a reverência pela natureza e pela sacralidade da feminilidade na figura da Deusa" (REID-BOWN, 2007, p.23).

Cresceu significativamente na década de 1980, e figuras como a "Sacerdotisa Húngara-Americana Zsuzsanna Budapest, a advogada americana e Wiccana Phyllis Curott, a Sacerdotisa Celta-Britânica Shan Jayran e a ativista Wiccana judia Starhawk" desempenharam papéis proeminentes não apenas nesse período, mas também ao longo do desenvolvimento contínuo do movimento da Deusa (REID-BOWN, 2007, p.22).

A corrente Wicca, além de ter influenciado o estudo e a espiritualidade centrada no feminino na Europa, também exerceu influência por algum tempo sobre o movimento "Caminho Vermelho", que se voltou para a cultura indígena. Essa influência continua a ecoar no século XXI, à medida que "aspirantes espirituais cosmopolitas" buscam inspiração nas tradições indígenas em sua busca por uma conexão mais profunda com a espiritualidade e a natureza (DE LA TORRE, 2018, p. 245).

Na Inglaterra, uma vertente dos círculos de mulheres é conhecida através de Miranda Gray, onde as condutoras são chamadas de "*moon mothers*". Miranda Gray alcançou reconhecimento internacional com a prática da "Bênção do Útero" (DE LA TORRE,

2018). Gray oferece cursos para que as mulheres possam se tornar "*moon mother's*" e realiza rituais da bênção do útero. Essa prática se expandiu para o Brasil, onde muitas mulheres participaram de cursos e rituais, tornando-se parte dessa rede. No entanto, é importante notar que algumas mulheres consideram o trabalho de Gray como tendo uma abordagem mercadológica, como citado por uma das entrevistadas para a minha pesquisa.

Essa bênção, em seu siteêmico "*wombblessing*", é definida por Gray como

“um processo de iniciação ou sintonização que permite às mulheres conectar-se à presença e energia de cura da Deusa (ou Divino Feminino) e aprofundar sua ligação com ela. Durante esse ritual, as mulheres experimentam a conscientização do florescimento da Deusa dentro de si mesmas e de seus úteros. Através dessa conexão, elas se tornam parte de uma teia de mulheres que compartilham essa energia, criando canais para que mais energia do Divino Feminino flua através delas, não apenas para seu próprio benefício, mas também para a Terra e o mundo como um todo. Cada mulher que participa desse processo desempenha um papel importante nessa teia de conexão e energia.”

Já no México, segundo De La Torre (2018), as condutoras dos círculos de mulheres neomexicanos, com uma inclinação para a cultura indígena, como analisado anteriormente, são conhecidas como "*abuelas*" (avós).

“As avós promovem rodas e coletivos que convocam as mulheres para a conscientização do aspecto sagrado da feminilidade. O círculo torna-se um arquétipo de feminilidade que ressimboliza experiências rituais. Os elementos centrais das cerimônias são circulares: dança, banho temazcal, altar de consagração ao centro do círculo, ciclo lunar, ciclo menstrual, rodada de chanupa sagrada (cachimbo de tabaco), mandalas, espaço circular e coletivos chamados círculos. A circularidade é a principal marca da irmandade (irmandade de mulheres) que busca uma nova forma de fortalecer as relações de solidariedade entre as mulheres, eliminando as relações hierárquicas e piramidais.” (tradução nossa, DE LA TORRE, 2018, p. 240).

Também são praticados rituais relacionados aos ciclos femininos, que incluem danças circulares, cantos, além da utilização de tambores e do bastão de fala. Esses rituais desempenham um papel significativo nas práticas dos círculos de mulheres. No Brasil, essa vertente também é adotada em encontros e celebrações realizados pelos círculos de

mulheres locais, contribuindo para a expansão dessa prática espiritual (DE LA TORRE, 2018).

No Brasil, Mirella Faur e Carminha Levy são destacadas como precursoras dos círculos de mulheres. Suas contribuições foram mencionadas por todas as entrevistadas da pesquisa.

As informações abaixo foram retiradas do site Teia de Theia, onde Mirella Faur compartilha sua jornada de vida. Nascida na Transilvânia, Romênia, demonstrou seu interesse pela espiritualidade desde a infância, mas teve seus horizontes limitados devido ao contexto político do país. Em 1964, mudou-se para o Brasil, onde foi apresentada a uma ampla gama de opções religiosas e espirituais. Ao longo de sua vida, Mirella explorou diversos caminhos esotéricos, abrangendo “espiritismo, doutrinas orientais, numerologia, astrologia, parapsicologia, ufologia, umbanda e terapias alternativas. Seus estudos também incluíram astrologia, sistemas oraculares e pinturas de quadros com temas astrológicos e esotéricos”. Além disso, ela participou ativamente de grupos relacionados à “cura espiritual, contatos com inteligências extraterrestres, parapsicologia, magnetismo, telepsiquismo e magia mental.”

Em 1984, quando Mirella e sua família se mudaram para Brasília, ela aprofundou seus conhecimentos em áreas como” tarot, runas e mitologia celta e nórdica”. No entanto, foi apenas em 1989, quando entrou em contato com livros como *"Spiral Dance"* de Starhawk, *"When God was a Woman"* de Merlin Stone, *"The Great Cosmic Mother"* de Monica Sjöö, *"The Great Mother"* de Neuman e *"O Cálice e a Espada"* de Riane Eisler, que sua jornada espiritual a levou para o movimento conhecido como “Ressurgimento do Sagrado Feminino” ou “Retorno da Deusa”.

Em 2006, Mirella Faur fundou a Teia de Theia, um espaço onde workshops de jornadas xamânicas e círculos de estudos do sagrado feminino são oferecidos, mesmo depois de seu falecimento em janeiro de 2022 devido à COVID-19.

Durante sua trajetória, Mirella Faur também escreveu vários livros, incluindo *"Mistérios Nórdicos: Mitos, Runas, Magias, Rituais"* (2007), *"Ragnarok: O Crepúsculo dos Deuses"* (2011), *"Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas"* (2011), *"O Anuário da Grande Mãe"* (2015), *"O Legado da Deusa"* (2016) e *"As Faces Escuras da Grande Mãe"* (2016).

Carminha Levy, possui conhecimentos na pedagogia, psicologia clínica com especialização em Jung, terapia transpessoal, terapia corporal, arteterapia e mestra em xamanismo. Em 1981, ela foi iniciada em xamanismo por Michael Harner e,

posteriormente, fundou o "Paz Géia Instituto de Pesquisas Xamânicas", que é reconhecido como o primeiro instituto de neo-xamanismo no Brasil (MAGNANI, 2016). Neste instituto, ela combina ensinamentos de xamanismo e psicologia, bem como o conceito de "xamanismo matricial", que envolve a associação do patriarcado com o matriarcado, buscando equilibrar as energias masculinas e femininas. Ela é conhecida por difundir esse conhecimento, enfatizando a importância de desenvolver o lado feminino em um mundo onde o masculino muitas vezes está em maior evidência.

As informações acima foram retiradas do site "Paz Géia", onde Carminha Levy compartilha seu trabalho e conhecimento. Ela também é autora de livros, incluindo "A Sabedoria dos Animais" (1995), coescrito com Álvaro Machado, "As Cartas Sagradas da Madona Negra e Divino Espírito Santo" (2002) e "A Mãe Possível" (2010), em colaboração com Laura Bacellar. Além disso, possui em seu site textos e artigos elaborados por ela.

Hoje é possível encontrar uma rede de círculos de mulheres no Brasil que estão dispostos no site <http://circulodemulheres.com/vossos-circulos/>, que hoje contam com 450 registros.

### **3.1 Estrutura dos Círculos de Mulheres**

O grupo é estruturado pela reunião de mulheres que normalmente sentam-se em círculo, com periodicidade que varia de 15 em 15 dias ou uma vez por mês, com o intuito de desenvolver a espiritualidade fundamentada em conhecimentos feminino e salientar questões concernentes à mulher como seu papel social e problemáticas políticas que podem incluir em seus discursos temáticas feminista (BOLEN, 2005).

Um dos pontos salientados é seu próprio formato nas reuniões, um círculo. Formato este que é considerado milenar por atravessar tempos históricos. Na Psicologia Analítica Junguiana compreende-se que o círculo pode ser considerado como arquetípico, já que o conceito de arquétipo foi utilizado por Carl Gustav Jung para descrever imagens primordiais, de natureza universal, que estão inscritos no inconsciente coletivo. Jung também afirma que este símbolo representa a totalidade do Self, inteireza da psique que contemplaria dentro do processo de individuação a união entre consciente e inconsciente, e que poderia representar a imagem de Deus por expressar a totalidade e perfeição,

podendo conter elementos opostos, como o feminino e o masculino em harmonia (RODRIGUES, 2015; JUNG, 1971/2011, 1971/2015, 1976/2014).

Chevalier, descreve o círculo como tendo “propriedades simbólicas comuns: perfeição, homogeneidade, ausência de distinção ou de divisão” complementa que do centro para suas extremidades não há diferenciação, ou seja, o que está ao redor do círculo tem a mesma distância do centro, trazendo a concepção de igualdade, e que em outro nível de interpretação pode carregar o simbolismo da espiritualidade e da divindade (CHEVALIER, 1988, p.250).

Os círculos carregam propriedades geométricas, simbólicas e espirituais, podendo ter diversos significados para quem os interpreta. Jean Shinoda Bolen, autora reconhecida mundialmente por seu trabalho voltado à psicologia feminina e aos círculos de mulheres, foi uma das grandes propulsoras desse movimento ao publicar em 1999 seu livro intitulado “O Milionésimo Círculo: Como Transformar a Nós Mesmas e ao Mundo. Um Guia para Círculos de Mulheres”. Neste livro, traduzido para o português em 2003, ela descreve o significado do círculo, como formá-lo e conta sobre sua própria experiência com o CM desde 1985.

É fundamental ressaltar que muitos dos conceitos utilizados pelo Círculo das Mulheres derivam da Psicologia Analítica Junguiana, o que também é observado em diversos outros grupos da Nova Era. Termos como Self, inconsciente coletivo e pessoal, sincronicidade, psique, individuação, sombra e arquétipos são comuns entre esses grupos. As integrantes do Círculo das Mulheres frequentemente empregam esses conceitos em seus encontros, enfatizando a força arquetípica da Mãe Terra, da natureza e de divindades, muitas das quais são de natureza feminina. Bolen, como psiquiatra e psicóloga Junguiana, utiliza esses conceitos ao explicar sobre os círculos, e vale ressaltar que a maioria das mulheres entrevistadas para esta pesquisa se identificam como junguianas ou simpatizam com essa abordagem (GUERRIERO, 2016).

A relação entre os princípios da Psicologia Analítica Junguiana e as experiências das mulheres pode ser facilmente observada nas redes sociais e em encontros de grupos de mulheres que se reúnem para discutir livros que exploram deidades ou histórias com conotações femininas, abordando os aspectos arquetípicos de Jung. Livros como “A Deusa Interior: Um Guia Sobre os Eternos Mitos Femininos Que Moldam Nossas Vidas” e “As Deusas e a Mulher: Nova Psicologia das Mulheres”, ambos escritos por psicólogos

Junguianos, são exemplos notáveis. Além disso, “Mulheres que Correm com os Lobos” de Clarissa Pinkola Estés é um best-seller contemporâneo que explora profundamente o arquétipo da mulher selvagem.

“As questões da alma feminina não podem ser tratadas tentando-se esculpi-la de uma forma mais adequada a uma cultura inconsciente, nem é possível dobrá-la até que tenha um formato intelectual mais aceitável para aqueles que alegam ser os únicos detentores do consciente. Não. Foi isso o que já provocou a transformação de milhões de mulheres, que começaram como forças poderosas e naturais, em párias na sua própria cultura. Na verdade, a meta deve ser a recuperação e o resgate da bela forma psíquica natural da mulher.” (ESTÉS, 2018, p. 18)

Mulher e Selvagem foram termos que Estés escolheu por entender que seriam comuns a todas as mulheres, simbolizando a alma feminina, o que é instintivo, intuitivo, "ideias, sentimentos, impulsos e recordações”, criação de ciclos, representando “tanto o veículo quanto o destino” (ESTÉS, 2018, p.25).

Essa cosmovisão espelhada nessas obras e difundida entre as mulheres participantes desse movimento advém da compreensão que houve uma época em que mulheres não eram oprimidas pelo patriarcado e que esse seria um “estado natural” onde havia autoridade por parte delas, incitando que há a necessidade de recordação desse período matrístico (CROWLEY, 2011).

Bolen, explica que para as integrantes do CM que o círculo carrega “uma forma arquetípica que parece familiar à psique da maioria das mulheres”. Ele é pessoal e igualitário (...) O círculo intensifica as cooperações e aproxima emocionalmente as pessoas que trabalham juntas, proporcionando uma relação menos hierárquica” (BOLEN, 2003, p. 20). Para as integrantes, seu significado também remete à ciclicidade feminina conectada aos ciclos lunares e da natureza, remetendo a uma capacidade geradora e de renovação.

Outro aspecto que é considerado de grande relevância é o centro do círculo, já que é o que o torna especial ou sagrado (BOLEN, 2003).

“A conexão com o centro é sentida intuitivamente, é puramente subjetiva. Em silêncio ou cantando ou murmurando, cada mulher se conecta com seu próprio centro e com o centro do Círculo e percebe-se tanto como um raio da roda quanto como o aro. Uma parte invisível da roda, conectada com todas as outras

do Círculo através do Centro. Isto é o que torna o Círculo um espaço sagrado. Isto é o que faz com que as mulheres nele, mesmo que estranhas no começo, sintam-se em casa.” (BOLEN, 2003, p. 54).

O centro do círculo carrega consigo o profundo simbolismo arquetípico do Self, que pode ser entendido como o Deus ou a Deusa, representando o reino do invisível e incorporando a cosmovisão espiritual (BOLEN, 2022). É nesse ponto central que o altar, considerado fundamental, é preparado para os encontros.

Em resumo, Bolen argumenta que, embora os Círculos de Mulheres possam parecer simples encontros de mulheres, sua dinâmica abriga um potencial revolucionário, desafiando os pressupostos patriarcais. Eles fundamentam-se no “despertar da consciência feminina”, buscando resgatar os valores intrínsecos das mulheres e incentivando a busca pela independência emocional, econômica, social e espiritual. Portanto, esses círculos se transformam em movimentos com um potencial transformativo, unindo-se em torno de uma causa comum (BOLEN, 2013).

Em sua maioria os círculos são divulgados com suas intenções estabelecidas, podendo ser a promoção da conscientização de arquétipos específicos de deusas, a elaboração de alguma atividade, contação de história que exalte o feminino e sua sacralidade, ciclo menstrual ou lunar, “meditação, grupos de estudos ou para uma causa.” (BOLEN, 2003, p.46).

Com base em minha experiência em participação em encontros que realizei para a pesquisa, é comum que essas reuniões ocorram em espaços reservados, a fim de evitar interferências externas e criar um ambiente intimista. A duração do encontro varia de acordo com a intenção pré-estabelecida. Pode ser um encontro único de quatro horas, encontros quinzenais ou mensais de duas horas, ou algum outro formato escolhido pelo grupo. Quando necessário, são trocadas mensagens com solicitações de materiais específicos para o dia do encontro. Esses materiais podem incluir itens pessoais, papel sulfite, lápis de cor, canetas coloridas, giz ou outros materiais, dependendo das atividades planejadas.

No início do encontro, antes de as mulheres se acomodarem em seus lugares e antes da introdução do tema principal, é comum a realização de rituais de defumação e purificação. Esses rituais podem incluir o uso de um bastão de sálvia branca, música e o som de tambores xamânicos.

Ao redor de um altar especialmente montado, que incorpora uma variedade de objetos, como pano, velas, imagens de deusas, cristais, incensos e outros elementos simbólicos, além de itens relacionados aos quatro elementos da natureza (água, terra, fogo e ar), as mulheres formam um círculo.

Geralmente, o encontro começa com uma breve apresentação da facilitadora e, em seguida, das participantes. O próprio ritual é uma combinação de conversas sobre temas relevantes para as mulheres, exploração das intenções de cada uma naquele espaço, músicas, danças e uma série de atividades criativas, como a elaboração de uma mandala astrológica da deusa. Essa mandala é criada de forma intuitiva ou até mesmo oracular, com imagens de deusas colocadas em cada mês, simbolizando a influência da deusa ao longo do ano. Além disso, há uma deusa associada a cada elemento (terra, água, ar e fogo) e uma deusa madrinha que influenciará o ano inteiro. Também são realizados desenhos que expressam desejos futuros, juntamente com outras atividades que podem variar de acordo com a condutora do encontro. Todas essas práticas são planejadas para trabalhar com as quatro funções psicológicas definidas por C.G. Jung: intuição, sensação, pensamento e sentimento.

Os aspectos femininos, como o corpo, a criatividade e a intuição, são exaltados e enfatizados ao longo dessas atividades, permitindo que as práticas sejam abordadas de maneira subjetiva e pessoal. A troca entre as mulheres é baseada no compartilhamento de suas experiências individuais e na busca de objetivos comuns, o que as une em uma jornada de crescimento pessoal e conexão espiritual.

#### 4. Análise dos resultados

Nesta pesquisa, exploramos uma série de categorias fundamentais relacionadas à espiritualidade feminina e à ascensão dos Círculos de Mulheres. Inicialmente, concentramos nossa atenção na “Espiritualidade e espiritualidade feminina”, examinando os momentos-chave em que as mulheres começam a reconhecer a importância da espiritualidade em suas vidas, especialmente em um contexto feminino. Além disso, analisamos a “Jornada Pessoal do Círculo de Mulheres”, identificando as circunstâncias que levam as mulheres a participarem desses grupos. Também exploramos as “Origens dos Círculos de Mulheres no Brasil”, traçando a história e evolução desses círculos em nosso país. Além disso, abordamos o “Aspecto Político e Social”, investigando como os Círculos de Mulheres se relacionam com essas questões. Por fim, examinamos as Críticas e Aproximações das correntes feministas e da Nova Era a essas práticas espirituais, analisando as tensões e os pontos de convergência entre esses movimentos e os Círculos de Mulheres.

Como parte da segunda geração de precursoras dos círculos de mulheres no Brasil, conduzi entrevistas com quatro mulheres notáveis: Cristina Balieiro, Patrícia Santos Machado (conhecida como Patrícia Fox) Soraya Ferreira Mariani, e Patrícia Cuocolo. Neste contexto, apresentarei um resumo das trajetórias que essas que elas percorreram ao longo de suas jornadas no movimento dos círculos de mulheres. É importante destacar que, além dessas quatro, há outras precursoras do movimento que desempenharam papéis importantes. Esse resumo foi realizado a partir das entrevistas realizadas e pesquisas na internet.

Cristina Balieiro é formada em Psicologia pela PUC-SP e tem 47 anos de experiência na área e trabalha como psicoterapeuta junguiana. Em 2003, deu início à sua atuação como condutora de círculos de mulheres. Além de sua prática terapêutica e condução de círculos, é autora dos livros “O Feminino e o Sagrado” (2010), “Mulheres na Jornada do Herói” (2012) e “Círculos de Mulheres: As Novas Irmandades” (2019), em coautoria com Beatriz Del Picchia. “O Legado das Deusas: Caminhos Para a Busca de uma Nova Identidade Feminina” (2016) e “O Legado das Deusas: Novos Mitos e Arquétipos do Feminino (Volume 2)” (2020), ambos acompanhados por um baralho de cartas com imagens das deusas desenhadas por ela.

Patrícia Santos Machado, também conhecida como Patrícia Fox, formou-se em Filosofia em 2011 e obteve os títulos de mestre e doutora em Comunicação Social, com o mestrado concluído em 2016, com a dissertação intitulada “A Mulher Além do Bem e do Mal: Malévola e a Representação Cinematográfica do Feminino Integrado”, e o doutorado em 2021, com a pesquisa “Nossa Senhora Integradora dos Mundos: o Mito Mariano e a Potência Imagético-comunicativa do Arquétipo do Grande Feminino”, ambos pela Universidade Metodista. Além de sua carreira acadêmica, Patrícia é pesquisadora e terapeuta com experiência em círculos de mulheres que se estende por mais de 20 anos. Ela fundou o “Hera Mágica”, um espaço que, inicialmente, era dedicado à produção de cosméticos relacionados às deusas. Em um outro momento, o espaço evoluiu para a realização de palestras abrangendo uma variedade de temas, incluindo eco feminismo e dança do ventre. A Hera Mágica, inaugurada na Vila Mariana em São Paulo, teve sua abertura em 1999.

Soraya Ferreira Mariani é uma figura conhecida no meio dos círculos de mulheres. Com mais de 20 anos de experiência, é considerada “mulher medicina, *Moon Mother* e *Womb Keeper*”. Possui conhecimentos na área de psicologia junguiana, arteterapia, além de outras atividades como coaching e constelação familiar sistêmica. Sua jornada com círculos de mulheres se inicia através das danças circulares, o que se expandiu para os círculos de mulheres. Durante 14 anos coordenou a Cirandda da Lua, um espaço localizado em São Paulo, onde realizava os encontros. Em 2014 escreveu o livro “Cirandda da Lua: Uma Colcha de Retalhos” e em 2015, em coautoria com Jean Shinoda Bolen e Mirella Faur, escreveu “Cirandda da Lua. Sob a Tenda Vermelha” e em 2018 criou o “Oráculo das 13 Anciãs”. Além desses trabalhos, realizou 6 encontros em um evento que denominou como “Encontro Mundial de Círculo de Mulheres”, com início em 2014 e o último em 2019.

Patrícia Cuocolo é formada em Psicologia pela PUC-SP e acumula mais de 27 anos de experiência na área. É condutora de círculos de mulheres desde 2001 e idealizadora do projeto “Mulheres Despertadas” desde 2014, unindo as dimensões espiritual e psicológica em seu trabalho. Atua como mentora de mulheres em programas como "Nós Por Elas" do Instituto IVG e "Voces Vitales" na Argentina. Possui certificações em Liderança Feminina por Sally Helgensen; Sensibilidade de Gênero pela ONU Mulheres; Aconselhamento de Carreira pela ABOP; Facilitação de Grupos pelo Núcleo Syntese; Psicossíntese pelo Centro de Psicossíntese de São Paulo e Firenze na Itália; MBA | Empreendedorismo Feminino pelo Programa 10.000 Mulheres da FGV/SP. Além disso,

ela ministra palestras, cursos, workshops e rodas de diálogo com foco em questões de gênero, liderança feminina e saúde mental.

#### **4.1 Espiritualidade e Espiritualidade Feminina**

Durante as entrevistas, emergiu um tema recorrente: a busca religiosa que floresceu nos lares das entrevistadas. Machado compartilhou suas experiências como neta de uma benzedeira, destacando como sua mãe a conduziu por uma variedade de espaços espirituais desde a infância.

“Eu venho de um lar, de uma religiosidade super híbrida, super, toda mestiça brasileira, e minha mãe muito buscadora dessas coisas, os dois artistas, meu pai e minha mãe. Desde muito pequenininha, eu me lembro da minha mãe levar a gente na igreja católica, na Umbanda, no Seicho-no-ie... a gente só não ia em igreja evangélica, porque eu não sei... nos anos 70 a coisa era bem mais fechada também, pode ser, e... mais tudo quanto é lugar. Então, minha mãe era uma pessoa, uma mulher neta de uma baita benzedeira, como várias de nós, a grande maioria dos brasileiros tem uma ali uma índia ou uma negra ou uma índia negra portuguesa. Então, essa coisa do interior de fazer chá de reza, etc., em casa sempre foi muito presente.” (P.S.M)

Mariani revelou um ambiente sagrado que permeou sua infância, onde as mulheres de sua família compartilhavam conhecimentos sobre ervas e rituais, criando um espaço espiritual íntimo.

"A nível de trajetória de vida, eu fui uma criança que foi criada na casa da vó. Isso foi muito importante para mim. Acho que até essa minha relação com o sagrado e com o círculo vem muito desse lugar. Eu morei em um fundo de quintal. Sou a filha mais velha de quatro irmãos. A conexão com a natureza sempre foi muito forte nesse lugar de infância. E quando a gente fala de sagrado, a minha avó, a casa da minha avó, ela tinha muito essa conversa na cozinha. Ela tinha muito esse espaço ritualístico do preparo da refeição, do aconchego. Era um lugar quente, gostoso. Eu dei, dava muita importância para escutar as histórias daquelas mulheres mais velhas. Aquelas mulheres mais velhas que chegavam ali e que vinham com aquele novelo de lã contando mil coisas. Eu olhando hoje para aquela menina, eu percebo que eu me identificava muito com aquelas histórias. Eu achava muito incrível para onde as histórias iam e a troca que elas tinham, né? E isso tudo acontecendo naquele ambiente extremamente sensorial que é a cozinha, que é o que a gente está fazendo aqui

agora, que é o cheiro do bolo, que é o barulhinho da panela, o filtro de barro....A mãe da minha mãe era aquela que levava na benzedeira, a vó Zica, que era a mãe do meu pai, era a benzedeira...ela falava “ah Soraya vai lá pegar uma arruda no quintal...” (S.F.M.)

Balieiro mencionou como seus pais tinham uma mente aberta, o que pode ter influenciado sua busca espiritual, além de reflexões profundas sobre as diferenças de gênero que já lhe eram familiares desde a infância.

“Eu acho que desde muito pequenininha meus pais tinham uma cabeça mais aberta do que a época em que eu nasci, então isso também ajudou muito, mas desde pequena, eu acho que eu tinha uns oito ou nove anos, eu me perguntava assim ‘por que tem coisas que eu não posso fazer porque sou mulher?’” (C.B.)

Também surgiu o tema de um hibridismo religioso e uma inclinação a abordagens espirituais não tradicionais.

“O primeiro círculo que eu fui como participante, Karina, só para você saber, foi em 89. Eu morava em Franca no interior de São Paulo e uma amiga minha trouxe uma colega dela, uma terapeuta, que depois virou minha terapeuta. Fiquei anos com ela. Ela ia muito a Pune, na Índia, ela fez toda aquela formação do sannyasa com o Osho, onde se trabalhava muito a questão da espiritualidade feminina. Então ela começou a mexer com isso, só que não chamava círculo...eram grupos, workshops.” (C.B.)

Neste tema Cuocolo compartilha que:

"A adolescência, acho que tem dois movimentos, né? Essa Patrícia que se apaixonava muito, mas que tinha essa frustração de não conseguir os meninos que ela queria. E essa outra buscadora. Eu fui para o centro espírita, centro de umbanda, eu fui entender o hinduísmo, budismo. Fui fazendo esse percurso espiritual." (P.C.)

Esse hibridismo religioso também influenciou a jornada de Machado em conjunto com seu marido, que era amigo na adolescência. Ela compartilhou:

"Começamos a explorar várias tradições espirituais, incluindo a Wicca e o druidismo. Encontros com pessoas influentes, como Heloisa Galves e Edmundo Pellizari, contribuíram para o nosso crescimento espiritual. Começamos a buscar livros sobre a cultura Celta. Não tínhamos nada, havia

uma confusão entre cultura Celta e Wicca. Acabamos entrando por essa porta da Wicca, da bruxaria moderna, toda essa experiência. E mergulhamos nisso. Isso sempre foi muito iconoclasta, o que é mais curioso porque, desde aquela época, já existiam alguns grupos." (P.S.M.)

Outro ponto relevante que emergiu nas entrevistas é o encontro da espiritualidade, agora direcionada para a questão do feminino, por meio da leitura de livros. Machado e Balieiro destacaram a importância do livro “As Brumas de Avalon” como uma influência significativa em suas jornadas. Balieiro diz que:

"Em 86, a minha filha já estava com quatro anos. Eu li 'As Brumas de Avalon' que tinha acabado de sair. Aí eu falei: 'É isso!' Porque as Brumas têm uma pegada bem da espiritualidade. Não é política, é política porque tem uma coisa política de gênero, mas tem essa coisa desse feminino mais profundo da Deusa. Aquilo me encantou assim e aí foi." (C.B.)

Machado conta que o livro, presente do marido, apareceu em um período crítico de sua vida, quando a mãe estava doente e morrendo, e trouxe um alento:

"Quando ela estava morrendo. Eu já estava ali, pensando 'por que isso tudo tá acontecendo?' E, nessa época, eu li As Brumas de Avalon. Então, a minha porta de entrada foi as Brumas de Avalon ...e deparei com a Morgana, ultra marginal, questionadora, meio 'mistissona' e aquela pegada do feminino fortíssimo, né? Aquelas Brumas é uma aula, né? a Marion para", né? Ela foi um veículo para mim, mesmo que a Clarissa, elas são veículos, como tantas outras...Ele me deu um livro para ler. Então, imagina, eu estava perdendo a minha mãe e outra mãe chegando, a grande mãe chegando...fez muito sentido, como lidar com a morte, a questão das estações do ano, toda a base da questão da espiritualidade feminina eu encontrei ali. E, bom, juntou à fome com a vontade de comer. Então, a porta de entrada foi essa, um livro de ficção, a lenda arturiana que eu já amava desde moleca. Fuçava aí, com uma perspectiva feminina. Eu falei, puta que pariu, morri." (P.S.M.)

Por sua vez, Cuocolo mencionou o livro “A Deusa Interior” como uma fonte essencial de inspiração para sua exploração da espiritualidade feminina, além de outras imagens femininas:

“Eu comecei toda a minha relação com o sagrado feminino através de um livro que eu ganhei de uma amiga querida, que é "A Deusa Interior". Esse livro foi um super divisor de águas para mim na minha vida inteira, ganhei lá por 2003,

e assim, e nunca tinha ouvido falar sobre Deusas, tinha, mas nunca desta maneira, nunca tinha ouvido falar. Eu vou te contar até um pouquinho antes disso porque eu comecei a ter umas imagens, eu comecei ter muitas imagens sobre o Egito, foi muito louco, agora estou fazendo uma ponte antes das gregas, eu comecei a ter muitas imagens de Isis, na verdade. Até historicamente você vê a Isis vem antes da Grécia, assim, essa Deusa, ela vem antes, né, e ainda depois, nas minhas pesquisas, depois de Inana, Inana é ainda anterior a esse processo.” (P.C.)

Esse diversificado leque de influências espirituais as levou a desenvolver uma espiritualidade que, embora já contivesse preceitos de dualidade entre o feminino e o masculino, evoluiu em direção a uma espiritualidade feminina mais específica. Este processo de construção da espiritualidade feminina foi uma fusão do conhecimento prévio das entrevistadas com a aquisição de novos conceitos, abrangendo estudos sobre ervas, oráculos, dança circular e outros elementos.

"Eu comecei a fazer um curso na Hera Mágica de bruxaria. Aí depois eu fiz vários, fui fazendo vários cursos, procurando assim esse lugar do sagrado, né? Aí eu fui fazer curso de ervas, aí eu fui fazer curso de não sei o que lá, foi nesse lugar onde eu percebi aquilo que era minha maior dor, pertencimento e validação. Ali era onde tinha a cura, a cura no sentido de 'vai, Soraya'. E aí eu fiz, eu entrei num curso de bruxaria em Santo André, na Tânia. A Tânia já era minha amiga. A gente fez um curso de tarô juntas, de dança circular e tarô.” (S.F.M.)

Patrícia Cuocolo compartilha sua experiência: “Eu trabalhava muito com oráculos. Na verdade, então, eu tinha o oráculo da deusa, que não era só grega, né? Era o único oráculo. Eu usei muito esse oráculo. Então eu fazia um leque de oráculos”.

Balieiro, por sua vez, desenvolveu seu próprio oráculo, que acompanha os livros "O Legado das Deusas" 1 e 2. Ela conta:

“Eu fiz 20 deusas, o desenho. Eu adoro desenhar. A capa do livro eu desenhei, fiz uma ilustração para cada deusa, e saiu no livro. Aí o pessoal começou a usar esse livro ‘O Legado das Deusas’ como oráculo, abria em uma página e lia a deusa do dia. Aí estava numa livraria com a Lisandra, que a dona da editora, e uma pessoa falou ‘olha, eu estou fazendo isso’. Ela falou, inclusive, ‘eu vou xerocar as suas ilustrações e vou fazer um baralho’. Aí a Lisandra falou ‘não, você não vai fazer isso... quem vai fazer somos nós, a editora’. E aí,

quatro meses depois, saiu o baralho do livro. Então, as pessoas começaram a usar as cartinhas. Aí, quando eu fiz o dois, já saiu com as cartinhas juntas. Isso é legal, porque de repente, eu estou na internet, eu vejo a foto no Instagram de uma cartinha minha e alguém fazendo leitura. Isso é muito legal.”

Machado expandiu ainda mais seus horizontes acadêmicos e espirituais através de outros estudos ao longo de sua jornada: “O tempo foi passando, eu fui estudando muito, a terapia. Então, aromaterapia, florais...as deusas também chegando em mim, muito por conta do tarô mitológico, e depois que eu fui pegar os junguianos. E em 96 ou 97, eu dei a minha primeira palestra de ervas.”

Além disso, expressou o que sente como espiritualidade feminina:

"Eu me pus o serviço, né? Então, se eu for contribuir mais fazendo uma tese de doutorado, vamos fazer tese de doutorado. Se eu for contribuir mais ensinando dança, vamos lá. Se eu for contribuir mais simplesmente mostrando como eu faço uma kombucha e um iogurte, e como eu amo fazer a minha comida, eu acho que isso é espiritualidade feminina." (P.S.M.)

#### **4.2 Jornada Pessoal do Círculos de Mulheres**

Neste tópico, exploraremos como os círculos de mulheres tiveram início na vida das entrevistadas.

Antes de ser reconhecida como tal, Mariani já realizava círculos de mulheres. No entanto, ela teve essa consciência:

"Quando dentro das danças circulares eu comecei a ter o conhecimento de que aquilo que eu já fazia era um movimento mundial, eu comecei a apropriar desse lugar, comecei a perceber que aquilo que eu fazia, além de ser um encontro onde nós trabalhávamos alguns conteúdos, as jornadas que a gente fazia, ali dentro também eram algo muito poderoso. Quando eu descobri, um ano antes de eu abrir a Ciranda, eu comecei a pesquisar muito mais sobre esses conteúdos, sobre os arquétipos...E aí na ciranda, eu já percebia, eu já sentia o poder daquilo, um poder que foi sendo desenvolvido com o tempo, foi crescendo com o tempo, os conteúdos, as elaborações, o entendimento da forma arquetípica." (S.FM.)

Mariani narra como seu trabalho foi se desenvolvendo: "Eu lancei o primeiro curso presencial de formação de guardiãs do círculo de mulheres. Foi dali que eu falei “vou montar um curso sobre isso, eu quero ter uma didática”". Ela continuou seu trabalho com

os encontros: “eu montei a primeira online, depois de um curso de mandala astrológica da deusa”. E ainda compartilha a realização de um evento que ela nomeou como “Encontro Mundial de Círculos de Mulheres”, com o primeiro realizado em 2014 e edições nos anos seguintes até 2019. Sobre a primeira edição ela diz: “Eu não tinha arrumado lugar para fazer...Aí eu fechei o Parque da Água Branca. E aí foram quase 600 mulheres, foi muito incrível. A Mirella veio, tiveram muitas coisas nos bastidores. Mas foi muito bonito, assim, para mim foi muito forte, foi muito.”

Machado compartilha sua trajetória na condução de círculos de mulheres, um papel que desempenhou antes da popularização do termo. Ela destaca:

"Primeiro círculo de mulheres que eu conduzi, sem ter esse nome, porque dentro do meu conhecimento não tinha círculo de mulheres antes de 2003, era grupo de mulheres, era ritual, etc., mas o primeiro que eu fiz oficialmente, foi em 2001, um círculo, um trabalho só para mulheres chamado Mistérios Lunares, e junto com isso está tudo registrado nas nossas programações da Hera Mágica” (P.S.M.)

Quando teve a compreensão de que os círculos de mulheres era um movimento mundial: "Eu comecei a conduzir o círculo de mulheres mesmo, foi o primeiro, no final de 2003, foi o primeiro, deusa pessoal, deusa madrinha, que eu fiz com oráculo das deusas, eu fiz acho que até 2020”

Balieiro conta como iniciou os círculos de mulheres:

“Eu comecei a fazer grupos de mulheres com uma amiga, mas pago. Ao mesmo tempo, fiz um grupo com as minhas amigas aqui em casa. E eu acho que foi aí que isso foi aumentando. Com essa amiga e parceira, nós temos 2008, 2009, 2011, 2012, 2013, cinco anos. A gente fazia todo mês um grupo de mulheres, trabalhando uma deusa e uma princesa... Foi bem legal, bem legal mesmo. Passaram muitas mulheres pela gente, foram descobertas incríveis. Era um workshop de meio período, mas era tão potente que muita gente mudou a partir disso.” (C.B.)

O início da jornada de Cuocolo em relação aos círculos de mulheres pode ser traçado a partir do livro que lhe foi presenteado, que também marcou o início de sua inclinação à espiritualidade feminina:

"Em 2003, quando ganhei esse livro, eu falei: 'Vou começar a fazer os círculos femininos, vou fazer cada círculo com uma temática de Deusa específica.' Então comecei lá na Granja. Eu abri meu espaço lá, se chama Espaço Integração, ele existe ainda. E aí, em 2003, eu comecei a facilitar os círculos femininos. Foi ali que eu comecei a fazer os workshops das sete, né? Porque daí eu incluo Hestia, que no livro, uma pena, no livro do 'Deusa Interior' ele não inclui Hestia. A Jean Shinoda nas 'Deusas e a mulher' já inclui o que é ótimo, né? Ela já faz a inclusão porque é um arquétipo fundamental para nós." (P.C.)

Três relatam a experiência do círculo como um campo energético ou mórfico, uma força que emerge do encontro das mulheres em círculo:

"Eu não sei se o inconsciente constela, que raio de energia é essa, mas fica como se fosse um campo, sabe? Isso é uma coisa que quem participa percebe, existe esse campo. Eu não sei, não sei se há uma força aí desse feminino profundo que, ao se encontrar num ambiente acolhedor, emerge, mas é muito, é meio mágico. Por isso que a gente fala, é uma coisa meio mágica, você não sabe explicar por quê. E aí tem esse sagrado que é o que transforma." (C.B.)

Cuocolo relata que:

"A questão das quatro direções para mim era muito importante, e abrir o campo também, né? Então esse campo aí, eu acho que cada um tem sua crença. Na verdade, quando eu abria o campo, eu pedia mesmo a proteção dos seres espirituais, principalmente abria esse campo energético pedindo muita proteção da deusa... É um campo que se abre ali e aí as coisas vão acontecendo." (P.C.)

E Mariani conta que:

"Esse movimento todo me reconectou com o que é sagrado, com o que é de mais profundo na natureza humana. O quanto é difícil ser um ser humano, do quanto é desafiador. E se a gente não tiver um espaço de acreditar que tem algo, que tem um campo mórfico, que tem um campo, que as coisas têm, tem essa sintonia." (S.F.M.)

Sobre a parte corporal, principalmente ligada à dança, as entrevistadas compartilham suas experiências:

"Teve um ano que eu comecei a fazer a dança circular. A dança circular, ela foi a minha reconexão comigo mesma. Foi um lugar onde ela era a minha religião, virou a dança, porque era um lugar onde eu saía da culpa, do medo, e ia pro tesão. Começaram os círculos, aí começaram as jornadas, aí tive a Cirandda da Lua por 14 anos. Aí eu dava dança no parque. Aí começaram a montar, e eu fui evoluindo." (S.F.M.)

Cuocolo diz que "Botava as mulheres para dançar. Tinha algo assim mesmo, botava elas para vivenciarem a deusa no próprio corpo. Assim elas também vivenciavam aquele movimento arquetípico no próprio corpo". E Machado também comenta da dança em sua experiência:

"Eu fiz muita coisa, a dança sagrada feminina, que é um projeto do qual me orgulho muito. Foi uma coisa que foi meio... não levo essa coisa canalizada, né? Mas ali foi uma coisa meio misteriosa, porque o bagulho veio pronto para mim. Sabe quando vem? E eu usei muito em círculos, que é uma reza com o corpo. São movimentos individuais que a gente vai juntando, criando uma oração coletiva. É diferente da dança circular sagrada, mas tem algumas coisas em comum." (P.S.M.)

Balieiro prefere trabalhos com mitologia, mas comenta sobre o trabalho com danças:

"Tem gente trabalhando com isso, com rituais, as danças circulares sagradas também. É um círculo, bem, tem gente bem bacana fazendo isso. Eu gosto de trabalhar com mitologia e por aí que eu vou, porque é onde eu me sinto em casa, eu gosto, né? Os meus círculos, todos que eu conduzi, nunca teve nada físico, tem círculo que tem." (C.B)

No contexto surge o tema da sombra, e o livro de Cler Barbiero, "A Sombra nos Grupos e Círculos de Mulheres", também é mencionado:

"Tem discussões que não são feitas dentro de um círculo, se exclui muito ainda a sombra. Então, se encontrando, percebendo que existe uma possibilidade de nós sermos amigas incríveis, mas se você não olhar que tem uma sombra, entende? A psicologia é importante, porque não existe nenhum movimento que vai conseguir chegar no equilíbrio, no sentido de 'Ah, agora eu entendi, eu tô pisando na bola', se não houver um argumento ali que vem e fala 'gente, você tá sentindo isso porque isso é natural o que você tá sentindo'. Então, socialmente, quando a gente se torna um ser humano melhor, o que que vai acontecer no mundo?" (S.F.M.)

Balieiro fala sobre a relação dos círculos e a questão da sombra: "Acho que cria também uma sensação de confiança. Estou falando sempre de bons círculos, né? Ninguém aqui é santo, nem anjo... O que a Cler vai escrever, né? A sombra no círculo de mulheres".

Quando perguntei se sobre desafios nos círculos, Cuocolo relembra uma experiência que passou:

"Teve um círculo, nossa, aí vou até colocar uma outra mulher aqui que talvez você possa entrevistá-la, a Cler Barbiero. Já ouviu falar da Cler? Ela tá lá em Floripa. Tem muito isso da sombra, porque você perguntou isso e eu acessei a Cleir agora. Eu nunca participei de um círculo dela, mas já vi palestras dela, e eu vivi muito uma sombra de um círculo que me marcou demais. 'Eu fiz um círculo de 9 meses, mas eu acho que me traumatizei um pouco, na verdade, com o que aconteceu no final, assim, porque a gente veio caminhando, era um círculo muito ritualístico, nunca tinha feito, passava um pouco da psicologia. Era um círculo de psicologia das deusas e não era exatamente só das gregas. Eu colocava vários elementos, Isis e Inana. Eu ia trazendo os mitos para elas. E no final, no nono mês, elas começaram a entrar muito conflito, assim, ali naquele final, naquele último mês... Cara, mas começou a acontecer tanta sombra de uma vez." (P.C.)

E reforça a questão da idealização e sombra:

"Se você achar que círculo é só uma união de mulheres, sororidade, cara, você tá muito na roça, porque vai aparecer tanta sombra dentro do círculo que, se você não aprender a lidar com a sombra, se acontecer, você vai ser fuzilada e você vai ser alvo de projeção também, você, como facilitadora, né?...É muito sério isso, muito sério. Ou se você não souber conduzir uma projeção de sombra que acontece dentro do próprio círculo, como você faz? (P.C.)

Machado comenta do lado sombrio do movimento através de construções de grupos e eventos, como a "tenda vermelha":

"Outra coisa que é bobagem, também se deve saber que é a 'tenda vermelha', né, que é baseada num livro de ficção. Eu coloquei uma nota de rodapé desse tamanho que eu falo ali, né, mas tem grupos que se intitulam 'tenda vermelha' e vendem isso como cura, isso que me dá uma de... a coisa do Cacau. Quando as medicinas da floresta começam a chegar nos círculos, também eu percebo uma mudança." (P.S.M.)

Ou um esquema de pirâmide: "Chama Tear dos Sonhos, eu acho, isso aí é importante. É uma pirâmide baseada em círculos de mulheres. Isso aí é o lado mais podre da história do sagrado feminino, mandala da prosperidade."

E até uma questão de "mediatização":

Quando caiu na mídia, quando chegou 'benção do útero', agora tem um tal de 13 ritos, sei lá de onde que falam que vem, dos Andes, que é tudo papagaiada, não vem de lugar nenhum, não tem registro...o encontro mundial da Soraya, aquilo ali eu já achei muito. Sabe quando eu percebi que a coisa tá ficando mediatizada." (P.S.M.)

### 4.3 Origens dos Círculos de Mulheres no Brasil

Como pilares constitutivos dos Círculos de Mulheres no Brasil, destacam-se as influências feministas da Europa e dos Estados Unidos, bem como a presença de círculos políticos formados por brasileiras exiladas em Paris nas décadas de 1960 e 1970 devido à ditadura militar, como citado por Cristina Balieiro (C. B.):

“Na década de 60, final dos anos 50, as mulheres começaram a se reunir em grupos isso especialmente nos Estados Unidos e em certos lugares da Europa para conversar sobre as suas experiências de ser mulher e isso foi uma onda muito forte do feminismo americano e europeu, era a parte mais privada mais íntima da parte política do feminismo. E quando na ditadura militar, quando muitos dos homens foram exilados e algumas mulheres, mas muitos foram exilados, elas foram para Paris. E em Paris essas mulheres começaram a frequentar rodas de mulheres e elas começaram a perceber que os homens estavam muito centrados na coisa política, mas a questão de gênero não existia, então existiam duas Rodas dois grupos de mulheres em Paris brasileiras. Então isso começa antes da Anistia né e quando elas voltam para o Brasil aí começa. Mas ainda tem um ponto de vista feminista político, direito de mulheres. E aí eu não sei te dizer onde começa, a Mirella também teve muito a ver com isso. A Mirella já morreu, mas ela foi muito pioneira disso e ela começou também a olhar isso sobre o ponto de vista da espiritualidade também, a Jean Bolen nos Estados Unidos. Então foi acontecendo o movimento político e o movimento da espiritualidade feminina mais ou menos uma em consequência da outra. E aí surge isso na década de 80.” (C. B.)

Podemos perceber que figuras importantes para o movimento, como Mirella Faur no Brasil e Jean Shinoda Bolen nos Estados Unidos, atuaram como um ponto de convergência entre os aspectos políticos e espirituais. Essa convergência pode ser observada nos livros de Faur, como “Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas” (2011), e nos livros “*Urgent Message from Mother: Gather the Women, Save the World*” (2005) e “*Moving Toward the Millionth Circle*” (2013) de Bolen. No segundo livro, Bolen escreve sobre a iniciativa “Missão Milhão”, que surge em resposta à ausência de uma 5ª Conferência Mundial das Mulheres liderada pelas Nações Unidas, desde as conferências anteriores em 1975, 1980, 1985 e 1995. A “Missão Milhão” é uma ação independente do Fórum Econômico das Mulheres (WEF) que busca preencher essa lacuna e criar oportunidades para as mulheres em todo o mundo, embora não esteja diretamente vinculada à ONU. Além disso, a autora escreve um capítulo sobre “Ativismo Centrado no Coração”, que, segundo ela, representa

“um sagrado feminino feminista ou simplesmente um ativismo centrado no coração, destinado a realizar trabalhos no mundo, na comunidade ou na família em nome das mulheres e meninas, pelo princípio da igualdade, ou como defensora do que é verdadeiro para você.” (tradução nossa, BOLEN, 2013, p. 18)

Faur e Bolen são citadas por todas as entrevistadas como iniciadoras e propagadoras dos círculos de mulheres, uma a nível nacional e outra internacional. Neste tópico, seguem os relatos das entrevistadas Patrícia Santos Machado (P.S.M.), também conhecida como Patrícia Fox, Soraya Ferreira Mariani (S.F.M.), Patrícia Cuocolo (P.C.) e um complemento de C.B. Além da menção de Carminha Levy por duas das entrevistadas como precursora da espiritualidade feminina e xamanismo no Brasil.

Segundo P.S.M., o livro “O Milionésimo Círculo” (2003) de Jean Shinoda Bolen foi fundamental para nomear e dar reconhecimento aos círculos de mulheres, além de seu comentário sobre as práticas de bruxaria de Mirella Faur em Brasília.

“Você tinha a Mirella lá em Brasília, fazendo os trabalhos dela, não era círculo de mulheres, ela era uma bruxona, ela era super Wiccana, ela tinha um Coven lá em Brasília e não era círculo de mulheres. Depois vira os círculos, eles chegaram aqui com um livro da Shinoda Bolen... e continua acontecendo na sua camadas mais profundas e eu acho que vou falando do milionésimo círculo da ideia da Shinoda Bolen, e eu já falava isso há anos, que eu sentia isso, e acho que já aconteceu o milionésimo o círculo, já foi formado, o que é também esse furdunço que a gente tá vendo, é por isso, porque o feminino se levantou.” (P.S.M.)

S.F.M. lembra que, antes da popularização do termo círculos de mulheres, já existiam grupos femininos com objetivos semelhantes, embora conhecidos por diferentes nomes.

“O livro O milionésimo... para mim já existia um círculo de mulheres, mas não com essa visão de que éramos. Tinha os círculos de bruxaria que a Mirella já fazia, tinha uns grupos de mulheres, as redes de apoio, não era esse nome que se usava, mas eu acredito que esse lugar tinha o curso de bruxaria que as mulheres se encontravam, uma coisa mais feminista, mas não com o nome.” (S.F.M.)

P.C., além de mencionar Mirella Faur e Carminha Levy como referências, adiciona Soraya Mariani como uma influência significativa em sua vida:

“Eu acho que chegou pela Mirella mesmo pela minha investigação, acho que pela Teia de Thea. Acho que foi o primeiro porque a Mirella é milenar aqui, vamos dizer, é uma mulher que já foi tudo, mas eu acho que a Teia de Thea é muito antiga...E aí vai passando de referência. Eu acho que essa espiral das referências...a Soraya tem referências como a Mirella Faur, a Carminha Levy e outras tantas que eu sei que ela conhece que eu nem conheci, mulheres do xamanismo, eu nem conhecia essas mulheres. Tem várias aí que ela já... imagina, a Soraya o que ela conhece de gente dessa área aí, mas a minha referência é a Soraya, ela sabe disso, falei pra ela. Então toda essa espiral precisa continuar sendo tecida né. (P.C.)

E C.B. acaba por sintetizar os comentários anteriores:

“Eu acho que a Mirella e também a Carminha Levy, que fala dos femininos, são as duas pioneiras...Então elas já começaram a mexer com esse ponto de vista mais espiritual, eu acho que veio mais ou menos por aí. A Bolen deu um nome para um negócio que estava acontecendo, né? É uma coisa assim...é um fenômeno, quem vive percebe, experimenta.” (C.B.)

Em relação a expansão dos círculos no Brasil, todas as entrevistadas convergem na preocupação com a rápida expansão do movimento, destacando a ênfase na formação e apontando o risco de banalização devido à repercussão acelerada.

Segundo C.B., houve um crescimento acelerado do movimento, o que causou sua banalização. Ela relaciona isso com a mistura de medicinas da natureza, como ayahuasca e rapé, e complementa que “a pessoa faz um workshop de um fim de semana e vai conduzir, a gente toma ayahuasca... Então, assim, virou uma coisa que teve um lado bem banalizado nos círculos de mulheres”. Ela acrescenta que alguns grupos perderam sua essência porque “muitas mulheres entraram nessa para ganhar algum dinheiro”.

P.C. percebe o crescimento dos círculos e direciona sua atenção a formação das mulheres:

“Me preocupo muito com a formação dessas mulheres...não precisa ser psicóloga, sabe, não é isso que eu tô falando, mas a gente tem que ter conhecimento sobre psicologia, sobre estrutura psíquica.... talvez não seja a psicologia, mas conhecimento de estrutura psíquica, de espiritualidade também.” (P.C.)

Como comentando anteriormente por Baleiro, Cuocolo também reflete a preocupação com cursos de um final de semana e a atuação das mulheres como condutoras:

“...Me preocupa muito uma pessoa que faz um curso um fim de semana e vai viver. Vai comandar um círculo feminino, isso é uma grande preocupação. Acho que vai crescer, que está em crescimento, eu vejo que as mulheres estão buscando, vejo mesmo, mas eu acho que talvez a gente teria que ter referências de pessoas que dão formação para as mulheres poderem estar mais antenadas mesmo.” (P.C.)

Machado conta de uma situação que passou em um dos cursos que realizava e como resolveu essa questão:

"Pararam de chegar mulheres que estavam realmente buscando algo e querendo saber mais delas, e começaram a chegar pessoas que estavam em busca de informação. Então vou te dar um exemplo: uma mulher que me chega para fazer aula no círculo de formação. Ela fez duas aulas, saiu do curso, começou a fazer círculo, beleza, ok, podia estar fazendo antes, né, mas colocava 'formada pela Patrícia Fox Machado'...Você imagina, eu já nessa pegada de academia, de universidade, tendo que seguir um monte de regras, respeitar um monte de coisa se não vira um furdunço. E vendo isso acontecer, e de novo com aquela ideia do que é uma academia e o que é essa coisa da gente ter um... honrar quem veio antes, etc., Então, a coisa ficou muito conturbada, e eu realmente notei essa diferença, para chegar num ponto: olha, o que eu fiz da última turma, eu fiz entrevista com as alunas do mesmo jeito que a gente vai lá conversar com orientador. Eu queria saber quem era, com quem eu estava...mandava questionário, eu só queria saber quem é que quer fazer esse curso, porque eu falei, eu não vou mais ficar contribuindo para algo que eu não concordo.” (P.S.M.)

Para refletir o contexto abordado nesta temática sobre o amplo crescimento que está ocorrendo atualmente, P.S.M. utiliza-se da seguinte metáfora xamânica: “Quando o rio está poluído, o espírito do rio vai se recolhendo, se recolhendo, se recolhendo mais próximo da nascente que ele puder, porque ali a água vai estar pura... Então, eu acho que hoje isso garante um futuro bom”.

Essa perspectiva pontua novamente a difusão do movimento e acrescenta que “essa onda mercadológica vai passar, essa onda histórica, tem um pouco de histeria ali”, e que, assim como contemplado na metáfora, é uma fase que terá outros caminhos, afinal “círculos de mulheres sempre existiram mesmo sem esse nome...vai passar essa loucurinha que eu tô vendo”.

Em relação a projeções futuras, S.F.M. diz que

"Por essa conversa nossa, pela tua pesquisa, pela pesquisa desse grupo de outras mulheres que eu tenho escutado, eu acho que cada vez mais vai ser algo incrível. Que cada vez mais vai ter também pessoas que vão participar e que não vão entender e que vão usar de uma maneira..., mas eu acredito que isso vai ser, vai crescer muito, inclusive dentro do científico, eu acredito, porque é um recurso terapêutico pedagógico, é muito incrível e muito sagrado. Porque os nossos ancestrais sempre se sentaram em círculo, a gente tem essa memória, assim como uma criança quando sobe numa árvore, cientização falando muito isso. Ela tem uma memória dos nossos anteriores lá atrás que subiam em árvores para fugir dos animais, as crianças têm essa sensação. Por isso que é tão importante." (S.F.M.)

#### **4.4 Aspectos Políticos e Sociais**

Quando questionadas sobre os aspectos políticos e sociais do movimento, as seguintes respostas emergiram:

"Eu comecei a perceber que aquilo que eu fazia era um movimento social, cultural, político. Até então não me achava nada política, imagina!...Caráter político, tudo que você questiona, tudo que você coloca em dúvida. Tudo que você diz existe uma hipótese melhor para isso, para mim já é político. A nível social, eu vejo que quando você faz uma mudança na tua vida, isso impacta a sociedade como um todo." (S.F.M)

Balieiro concorda e comenta que:

"Eu acho que política é tudo. Não estamos falando de política partidária, nós estamos falando de poder. Então, se você mexe, se um grupo, um círculo de mulheres dá mais autonomia, poder pessoal a uma mulher, você já mexeu com político. No social, vem com consequência, né? Eu acho que não tem transformação profunda que não mexa em todos os aspectos da pessoa. Você não muda de um lado só." (C.B.)

Machado diverge em parte sobre a questão social:

"Político, da polis, político no stricto sensu, todo é um movimento de uma potência política incrível. Impacto social é, eu acho que não, ele não tem essa,

não tem um tamanho, não é uma palavra boa, sabe? Ele não é grande o suficiente para ter um impacto social, eu acho. No sentido social consciente, vai, mas no inconsciente coletivo, acho que impacta bastante."

Cuocolo acrescenta que:

"No sentido político-social, quando você começa a fortalecer esse tecido em você, que você começa a se apropriar...então, no sentido de a voz de uma pode ser solução para outra, isso é muito político, isso é muito... isso é uma... é um impacto social muito grande, né? A própria rede de apoio que eu vejo que as mulheres saem de lá e fazem conexão, né? Tem conexão pra identidade no círculo, a própria rede de apoio que elas fazem lá dentro e depois continuam fora já é uma forma de impacto social muito grande." (P.C.)

#### **4.5 Feminismo**

Apesar das entrevistas estarem permeadas por conceitos do feminismo e da nova era, é relevante destacar algumas declarações que surgiram durante os encontros. Essas declarações fornecem insights sobre as experiências pessoais das entrevistadas e as complexidades do movimento, indo além das teorias e abordagens predominantes.

Em relação ao feminismo e ao círculo de mulheres, Cuocolo reflete uma separação entre os movimentos:

"Eu sinto que tem uma divisão entre as mulheres do sagrado feminino e as mulheres do feminismo. O feminismo, eu vou colocar ele todo num baú, só que ele não é, na verdade, porque eu não vou entrar nisso. Então eu vou pegar bloco feminismo, bloco sagrado feminino. Eu sinto que o bloco feminismo tem um olhar muito julgador para o sagrado feminino, porque no sagrado feminino a gente não vê uma exclusão dos homens, né?" É difícil pôr em um bloco, porque tem o feminismo radical, tem o feminismo que não é radical, tem o feminismo negro, e tal, então assim, não dá para você falar sobre feminismo porque é muito diverso...eu vim do sagrado feminino, hoje em dia se você me perguntar 'Ah, você é feminista?' Obviamente, eu sou. O meu feminismo ele passa pelo direito de igualdade, de salário, de igualdade econômica, política, de ter voz, nessa questão de igualdade, mas nem toda feminista faz parte do sagrado feminino, também eu vejo que tem mulheres que simpatizam pelo sagrado feminino, mas que não se veem feministas também...na verdade, no

meu entender, precisava ter uma integração, né? Assim, porque eu acho que os dois lados iam ganhar muito. Mas muitas mulheres daqui são feministas, muitas, eu não sei dizer a porcentagem, mas eu diria assim, talvez as facilitadoras sim, não tem como, eu acho que não tem como ser facilitadora como é feito de verdade, não sei, mas talvez as integrantes, talvez por sentirem às vezes que tem uma exclusão do homem e tem mulheres que são casadas, elas não se veem muito aqui, né? Como é que eu vou excluir o homem se eu sou apaixonada pelo meu marido? Às vezes, eu acho que tem uma dificuldade mesmo, né?" (P.C.)

Ao analisar o panorama do feminismo e as diversas correntes presentes no "bloco" do feminismo, Cuocolo observa um distanciamento entre esses dois movimentos, sendo o distanciamento entre as correntes do feminismo e o movimento do sagrado feminino. Além disso, como destacado anteriormente em nossa pesquisa, esse afastamento também pode ser interpretado a partir de uma perspectiva social e política. O feminismo, de certo modo, não reconhece esses aspectos no movimento do sagrado feminino, uma vez que tende a enfatizar a evolução individual em detrimento da abordagem coletiva. Isso resulta na consideração desse grupo como não político, e há uma preocupação de que ele possa ser rotulado como "feminismo terapêutico", um conceito que já foi discutido anteriormente. Entretanto, é importante observar que, como vimos, as participantes do grupo acreditam que o desenvolvimento individual tem implicações sociais e políticas significativas, uma vez que transforma não apenas a vida daquelas que fazem parte do grupo, mas também daqueles que as rodeiam.

Mariani, ao examinar a relação entre feminismo e sagrado feminino, destaca outro ponto importante que se relaciona ao debate sobre grupos fechados que podem acabar diminuindo outros grupos. Ela compartilha um incidente que ocorreu no Instagram, no qual fez uma postagem e inadvertidamente deixou de dar créditos à autora da arte. No entanto, quando Mariani se tornou consciente da autoria, ela imediatamente conversou com ela e atribuiu os devidos créditos. Mesmo assim, as participantes do grupo da autora se uniram para atacá-la em sua própria página, o que resultou na exclusão da postagem.

“Eu vejo muitas mulheres feministas, que eu amo de paixão, criticando muito o movimento do sagrado feminino, exatamente pela postura que aconteceu no meu perfil ontem. E que, para algumas mulheres, elas vão enxergar exatamente o que a pessoa disse. Ela disse que elas estavam em sororidade e, portanto, elas foram lá na minha página metralhar, invalidar o meu trabalho, porque eu não coloquei

um nome. Olha que cruel, por causa de uma pequena falha...Eu sou uma mulher feminista, mas existem movimentos radicais. A luta está sendo contra outra mulher do mesmo jeito." (S.F.M.)

Machado, que se considera feminista, mas faz ressalvas em relação ao movimento:

“É mesma coisa eu falo sobre o feminismo, que eu sou uma feminista que tem muita crítica com o feminismo, do que ele se tornou, foi outra coisa que foi apropriada aí por um sistema que só usa, chupa o ossinho e daqui a pouco vai jogar fora. (P.S.M.)

E também reflete sobre diferentes feminismos e a religião: “Eu acho que tem essa briga também porque tem o feminismo materialista, que tem essa coisa mais racional etc, que briga com o religioso, briga com o espiritual...”

Retoma a questão midiática e a política partidária:

“A gente percebe dentro do movimento de círculos, você vê esse feminismo de prateleira também que é esse feminismo midiático... começou a ter umas questões políticas dentro do círculo, politicagem partidária dentro do círculo, era uma coisa muito estranha sabe, para mim foi mudando, eu vi a mudança.” (P.S.M.)

Na entrevista realizada com Balieiro, o feminismo esteve bastante presente, tanto em sua jornada pessoal quanto em seu conhecimento histórico. Ela compartilhou sua experiência de aproximação com o feminismo, descrevendo inicialmente uma perspectiva política, e como gradualmente se voltou para uma abordagem mais espiritual.

"Eu entrei na faculdade, entrei em 72 na PUC, e foi mesmo estando em plena ditadura, era um mundo novo que se abria. E aí entrei em contato com a coisa do feminismo, do feminino. Não foi só na PUC, fiz um curso (agora nem lembro quando nem por quê) na Fundação Carlos Chagas, que preparava para os vestibulares, e lá tinha um grupo feminista bastante forte. Acho que foi uma das primeiras, sabe, assim, quando você vai se cercando, vai pensando. Em 72, a grande pergunta na minha classe, né, porque psicologia novamente só tinha mulher, muito poucos homens, era: 'amor livre ou não?' Essa coisa assim, 'eu não serei autônoma se eu não for dona do meu corpo, nem do meu dinheiro.' Isso é uma coisa que a gente conversava, que a gente... Então, acho que foi uma conjunção de fatores. A ditadura junto e uma pergunta, sabe, um desejo de liberdade, uma história toda foi assim se construindo.... Acho que, como

esses grupos, eles foram chamados de grupos de consciência do feminismo, nenhum assunto era proibido. Então, se falava de aborto e sexualidade, de trabalho, de grana, de relacionamento, mas também do ponto de vista da espiritualidade, sabe..." (C.B.)

E comenta sobre a formação de grupos que refletiram sobre o feminismo e círculos de mulheres:

"Você tem também, por exemplo, a questão da mulher negra, que também foi incluída. Então, você tem o feminismo negro. Você tem também, uma pessoa que estava fazendo esses grupos, mas só para mulheres negras. Tem uma outra que fez só para mulheres lésbicas. Então, você vai, sabe, acho que tudo isso foi acontecendo sem um planejamento muito claro. Sabe, é uma coisa que é história." (C.B.).

#### **4.6 Nova Era**

Quanto à Nova Era, é relevante mencionar que, de forma mais explícita, alguns relatos surgem como elementos cruciais para a nossa reflexão. Nesse contexto, emerge algumas críticas, mas também um certo relacionamento com conceitos da Nova Era. Vale destacar que durante as entrevistas aspectos em diversos contextos emergem com essa temática. Quando se trata das medicinas da floresta e de sua interseção com os círculos de mulheres, observam-se opiniões variadas:

Quando as medicinas da floresta começam a chegar nos círculos, eu percebo uma mudança. E eu vou te falar uma coisa que eu ouvi de um xamã, tá, de uma entidade. Na verdade, ele virou para mim, ele falou, ele tava falando da maconha... Eu tava conversando lá e começou a falar uma coisa. Ele falou assim: 'Ah, mas quem é que fuma aqui? O cara que tá fumando maconha ou a maconha que tá fumando o cara? Eu acho isso foda, esse raciocínio dele. Não percebi que era o que estava acontecendo com as medicinas da floresta, ayahuasca, por exemplo, porque tudo tem sombra, tudo tem luz. A lenda do tabaco fala sobre isso, que os indígenas viraram e fala assim 'ok, vocês escravizaram a terra agora o tabaco vai escravizar a humanidade'....quando chega essa coisa das medicinas da floresta dentro, e eu nunca usei tá, em círculo eu nunca quis usar, minha mãe era da União do Vegetal, imagina...então até conheço muita gente, mas eu falava não é por aí, não sei, não me soava bem, mas eu acho que daí virou, eu falo, uma vila madalenaização da espiritualidade, sabe aquela coisa dos jovens místicos? Não era assim, pelo menos ali onde eu

tava eu não via dessa forma, mas talvez seja, sabe, eu que não enxergava"  
(P.S.M.)

Os caminhos e entrelaçamentos, na visão dela, acabaram se tornando “uma espiritualidade de prateleira”, como ela chama, e considera como mercadológico e narcísico. Por outro lado, entende também que seu trabalho pode ser categorizado como Nova Era em outros aspectos, como ela diz:

"Eu entendo que, até o meu trabalho, ele se adequa a esse rótulo, mas eu nunca me considerei por aí, sabia, por conta do meu background, por conta da minha criação. Tanto é que eu falo de espiritualidade híbrida, sabe, porque tem uma coisa de um trânsito mesmo... acaba sendo vai, porque obviamente eu uso tambor, nem é daqui,, eu uso Maracá, eu coloco dança oriental. Eu não sei, que é uma coisa do caldeirão Brasil, eu tento pensar que é isso." (P.S.M.)

Essa mistura, que ela considera como um “um furdunço no meio dos círculos”, é caracterizada pelo termo “esquisoterismo” como ela intitula, e que seria “uma zoeirinha etimológica e semântica”.

Em relação a Nova Era, ela também comenta sobre o estabelecimento que abriu:

“Em 1998, abrimos a Hera Mágica, uma marca de cosméticos naturais com a simbologia das Deusas incorporada nos produtos, e no final de 1999, inauguramos oficialmente nossa casinha na Vila Mariana. O logotipo da Hera Mágica apresentava a inscrição "uma nova era, uma nova magia", com o "H" que faz referência a Hera e a expressão "Nova Era". A abertura oficial ocorreu em 1º de fevereiro de 2000, em homenagem a Santa Brígida e Brigit, a deusa irlandesa da inspiração, que é a patronessa da Hera Mágica. Essa ligação com a cultura Celta muito presente, mas a gente tinha palestra sobre Encantados, tinha tradições brasileiras..." (P.S.M.)

Em 2001, o espaço forneceu novas atividades: “eu comecei a fazer esse trabalho, e aí a coisa foi girando, tinha a questão dos saraus, tinha dança do ventre. Então essa questão simbólica do feminino sempre estava lá.”

Balieiro também aborda a questão das medicinas da floresta, vendo-as como uma forma de banalização, como já mencionado brevemente em outra passagem sobre as “origens dos círculos de mulheres”, o que imbrica-se a essa categorização.

Cuocolo tem outra concepção, já que existem círculos específicos que utilizam as medicinas da floresta. “Tem outros círculos que vão colocar ayahuasca no meio. Aí não sei, porque ainda tem isso no Brasil. Eu não sei em outros países, mas aqui a gente ainda tem os círculos da medicina da floresta”. E sobre o próprio círculo, comenta que o modelo do círculo, ele é um modelo xamânico: “O arquétipo do círculo começou com eles lá. É milenar essa história do arquétipo do círculo, das tribos que já se reuniam em círculo”.

## 5 Conclusão

Esta dissertação apresenta uma investigação das interconexões entre o feminismo e Nova Era nos círculos de mulheres no Brasil. A pesquisa revelou uma complexa rede de influências que moldou as práticas espirituais e as crenças dos círculos, oferecendo uma visão pelas quais as mulheres exploram a espiritualidade em um contexto feminino.

Os círculos de mulheres são um exemplo de como diferentes correntes espirituais se entrelaçam, formando uma teia multifacetada de influências. Essa teia abrange o feminismo, o paganismo, a Nova Era, bem como a adoção de conceitos wiccanos, elementos da cultura celta, tradições druídicas, práticas xamânicas e até mesmo conceitos orientais, entre outros. No Brasil, ainda há a interligação das culturas indígenas e afro-brasileiras. Além disso, os círculos incorporam divindades femininas de diversas culturas e promovem discussões abrangentes sobre as mulheres, que desempenham um papel central nesses grupos, abrangendo as esferas espirituais, sociais e políticas, o que os torna uma forma identitária para as mulheres. Nesse contexto diversificado, também observamos a incorporação de influências psicológicas, notadamente as de origem junguiana. Dentro dessa diversidade, aparecem grupos com abordagens variadas, com perspectivas mais sincréticas e outros com práticas específicas.

O desenvolvimento do feminismo, até chegar ao movimento da deusa, percorre uma jornada que se inicia nas lutas políticas, o que, por sua vez, desperta um aprofundamento das questões religiosas das mulheres. Tornando-se um espaço onde mulheres reivindicam igualdade de gênero e direitos. A teologia feminista emerge como uma reinterpretação das escrituras sob uma perspectiva feminina, pavimentando o caminho para uma compreensão espiritual mais abrangente.

Com a convicção de que a transformação dentro das religiões patriarcais é limitada, o movimento da deusa estabeleceu sua própria espiritualidade centrada nas mulheres. Essa espiritualidade reconhece a divindade feminina e a incorpora como parte fundamental de sua identidade, sendo essa reconhecida como teologia.

A Nova Era, por outro lado, trouxe uma abordagem espiritual centrada no indivíduo, onde a busca pela autodescoberta e a exploração de uma variedade de crenças desempenham um papel fundamental. Essa influência da Nova Era ofereceu um espaço onde as mulheres podem explorar a espiritualidade com um viés mais voltado para o feminino, ultrapassando as fronteiras tradicionais e permitindo a fusão de diversas tradições espirituais. Por outro lado, é importante notar que a pesquisa realizada realça

preocupações em relação aos aspectos mercadológicos e narcísicos da Nova Era, uma preocupação que se reflete nas declarações das entrevistadas, que observam a difusão rápida dos círculos de mulheres como "espiritualidade de prateleira". Além da pesquisa teórica realizada, é possível perceber a visão das mulheres que participaram das entrevistas no tópico "Nova Era" na parte de análise de dados.

Nesta pesquisa, tornou-se evidente como as teorias abordadas convergem com as práticas das precursoras dos círculos de mulheres. As entrevistas revelaram que a parte teórica se manifesta de forma concreta nas práticas diárias dessas mulheres, influenciando suas jornadas espirituais. Essa convergência entre as teorias abordadas na pesquisa e a prática das precursoras proporciona uma visão esclarecedora das interações complexas entre o feminismo e a Nova Era nos círculos de mulheres.

As precursoras, como Mirella Faur e Carminha Levy, são citadas como figuras importantes no desenvolvimento dos círculos de mulheres no Brasil. Suas contribuições são apontadas como iniciadoras do movimento e disseminadoras da espiritualidade feminina. Internacionalmente, Jean Shinoda Bolen também desempenhou um papel importante ao nomear o movimento e possibilitar seu reconhecimento em escala global.

Outro tópico destacado na pesquisa é o conflito percebido entre o feminismo e o movimento do sagrado feminino. Esse conflito se manifesta na percepção das feministas de que o movimento do sagrado feminino é muitas vezes voltado para o indivíduo e não contempla participação principalmente política, uma abordagem que rotulam como "feminismo terapêutico". As participantes dos círculos de mulheres sentem esse distanciamento da parte das feministas, o que pode ser encontrado na parte "feminismo" da análise de dados.

A complexidade dessa rede de influências abre portas para futuras pesquisas que podem aprofundar nossa compreensão desses fenômenos. Possíveis áreas de estudo futuro podem incluir investigações mais aprofundadas sobre a influência da psicologia junguiana, a incorporação de elementos culturais indígenas e afro-brasileiros, outras precursoras do movimento, entre outras possibilidades. Além disso, a relação entre a espiritualidade feminina e a luta por igualdade de gênero pode continuar a ser um campo fértil para pesquisas e reflexões.

Este estudo contribui para uma compreensão mais profunda de como as mulheres moldam suas próprias narrativas espirituais e culturais em um mundo em constante transformação.

## 6 Referências

- National Organization for Women*, <https://now.org/>. Accessed 4 January 2023.
- ABREU, Z. Luta das Mulheres pelo Direito de Voto: Movimentos Sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. *Arquipélago*, vol. 6, no. 2, 2002, pp. 443-469, <http://hdl.handle.net/10400.3/380>.
- ALVARADO, C. S., et al. “Perspectivas Históricas da Influência da Mediunidade na Construção de Ideias Psicológicas e Psiquiátricas.” *Revista de Psiquiatria Clínica*, vol. 34, no. 1, 2007, pp. 42-53, <https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000700007>.
- ALVES, B. M., e J. PITANGUY. *Feminismo no Brasil: memórias de quem fez acontecer*. 1 ed., Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2022.
- ALVES, B. M., e J. PITANGUY. *O que é Feminismo?* São Paulo, Brasiliense, 1991.
- AMARAL, L. As Implicações Éticas dos Sentidos Nova Era de Comunidade. *Revista Religião & Sociedade*, 1996, <https://religioesociedade.org.br/revistas/v-17-no-01-02>.
- AMARAL, L. *Carnaval da Alma: Comunidade, Essência e Sincretismo na Nova Era*. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.
- AURELIANO, W. A. e CARDOSO, V. Z. Spiritism in Brazil: from religious to therapeutic practice. In: Cathy Gutierrez. (Org.). *Handbook of Spiritualism and Channeling*. 1ed. Leiden/Boston: Brill Books, 2015, v. , p. 275-293.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: 70, 2015.
- BARRANCOS, D. *História dos Feminismos na América Latina*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2022.
- BECKFORD, J. A. Novos Novimentos Religiosos. *PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, vol. 26.2, 2019, pp. 326-339.
- BENJAMIN, M. H. Tracing the Contours of a Half Century of Jewish Feminist Theology. *Journal of Feminist Studies in Religion*, vol. 36, no. 1, 2020, pp. 11-31, <https://www.marabenzamin.com/articles>.
- BOLEN, J. S. *Moving Toward the Millionth Circle: Energizing the Global Women's Movement*. São Francisco, Red Wheel Weiser, 2013.
- BOLEN, J. S. *O Milionésimo Círculo: Como Transformar a Nós Mesmas e ao Mundo. Um Guia para Círculo de Mulheres*. 2 ed., São Paulo, Triom, 2003.
- BOLEN, J. S. *Urgent Message From Mother: Gather The Women, Save The World*. Boston, Conari Press, 2005.

- BROWNMILLER, S. *In Our Time: Memoir of a Revolution*. Nova Iorque, Random House Publishing Group, 1999.
- BUESCHER, J. B. Spiritualism. *Encyclopedia of Religion*,, edited by L. JONES, 2 ed., vol. 13, Thomson Gale, 2015, pp. 8715-8718.
- CAMPOI, I. C. O livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. *História (São Paulo)*, vol. 30, no. 2, 2011, pp. 196-213, <https://doi.org/10.1590/S0101-90742011000200010>.
- CAMPOS, M. L. Lideranças Femininas no Gnosticismo Samaeliano: Uma Análise a Partir da Biografia de Arnold Garro de Gomez (1920-1998). *Melancolia*, vol. 3, 2018, pp. 92-107.  
[https://www.academia.edu/39749767/Lideran%C3%A7as\\_femininas\\_no\\_gnosticismo\\_samaeliano\\_uma\\_an%C3%A1lise\\_a\\_partir\\_da\\_biografia\\_de\\_Arnolda\\_Garro\\_de\\_Gomez\\_1920\\_1998\\_](https://www.academia.edu/39749767/Lideran%C3%A7as_femininas_no_gnosticismo_samaeliano_uma_an%C3%A1lise_a_partir_da_biografia_de_Arnolda_Garro_de_Gomez_1920_1998_).
- CÉLEM, E. R. Descolando Gênero e Sexualidade: uma investigação sobre processos feministas de subjetivação e o fenômeno do Consciousness-Raising. *Dissertação de Mestrado - Departamento de Artes & Design, PUC-RJ*, 2020, <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/50874/50874.PDF>.
- CHEVALIER, J. *Dicionario de simbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, numeros*. J. Olympio, 1988.
- CHRIST, C. P. *Rebirth of the goddess: finding meaning in feminist spirituality*. Boston, Da Capo Press, 1997.
- CHRIST, C. P. *She Who Changes: Re-imagining the Divine in the World*. Nova York, Palgrave Macmillan, 2003.
- CHRIST, C. P., e J. PLASKOW, editors. *Womanspirit Rising: A Feminist Reader in Religion*. Nova York, HarperCollins, 1992.
- CORDOVIL, D. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos Círculos de Mulheres. *Revista Estudos Feministas*, vol. 23, no. 2, 2015, pp. 431-449, <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n2p431>.
- COSTA, A. A. A., e C. M. B. SARDENBERG. "O Feminismo no Brasil: Uma (Breve) Retrospectiva." *O Feminismo no Brasil: Reflexões Teóricas e Perspectivas*, Salvador, UFBA, 2008, pp. 23-47, <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>.
- Crises e Círculos como o ponto de mutação no limiar da mudança*. Performance by J.S. Bolen, Thiasos, 2022, <https://www.youtube.com/watch?v=WO6c-REtnho>.

- CROWLEY, K. *Feminism's New Age: Gender, Appropriation, and the Afterlife of Essentialism*. Albany, State University of New York Press, 2011.
- CUSACK, C. M. The Return of the Goddess: Mythology, Witchcraft and Feminist Spirituality. *Handbook of Contemporary Paganism*, edited by J. R. R. LEWIS e M. PIZZA, Brill, 2009, pp. 335 - 362.
- DAMM, C.G. As Deusas dos Ramos e o Sagrado Feminino. *Dissertação (mestrado em Ciências e Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2019, [https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos\\_literarios/5000.pdf](https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos_literarios/5000.pdf)*.
- D'ANDREA, A. A. F. *O Self Perfeito e a Nova Era: Individualismo e Reflexividade em Religiosidades Pós-tradicionais*. São Paulo, Edições Loyola, 2000.
- DE LA TORRE, R. The Feminization of Red Path: a Neo-pagan Network of Female Sacralization. *International Journal of Latin American Religions*, vol. 2, no. 18, 2018, pp. 234-247, <https://link.springer.com/article/10.1007/s41603-018-0052-7>.
- DJIK, D. The Goddess movement in the U. S. A.: A Religion for Women Only. *Archiv Für Religionspsychologie / Archive for the Psychology of Religion*, vol. 18, no. 1, 1988, pp. 258-266, 258–66. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/23918114>.
- DYKEMAN, T. B., editor. *The Neglected Canon: Nine Women Philosophers: First to the Twentieth Century*. Berlim, Springer Science+Business Media, 1999.
- ELLER, C. *Living in the lap of the Goddess: the feminist spirituality movement in America*. Crossroad, 1993.
- ELLER, C. *The myth of matriarchal prehistory : why an invented past won't give women a future*. Boston, Beacon Press, 2000.
- ESTÉS, C. P. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. 1 ed., Rio de Janeiro, Rocco, 2018.
- FITZGERALD, M. F. *A Woman's Circle: Create a Peer Mentoring Group for Advice, Networking, Support and Connection*. Centerpoint Media, 2016.
- GADON, E. *The once and future goddess : a symbol for our time*. HarperCollins, 1989.
- GAMBLE, S., editor. *The Routledge Companion to Feminism and Postfeminism*. Abingdon, Routledge, 2001.
- GARCIA, C. C. *Breve história do feminismo*. São Paulo, Claridade, 2011.
- GELLES, E. B. *Portia : the world of Abigail Adams*. Indiana, Indiana University Press, 1992.
- GIMBUTAS, M. *The Civilization of the Goddess*. São Francisco, Harper SanFrancisco, 1991.

- GIMBUTAS, M. *The Language of the Goddess : Unearthing the Hidden Symbols of Western Civilization*. São Francisco, Harper & Row, 1989.
- GOMES, A. Q. P. As Mulheres Britânicas, A Grande Guerra e a Conquista do Sufrágio: Uma Luta Entre os Anos de 1867 e 1928. *O Cosmopolítico*, vol. 5, no. 2, 2018, pp. 40-49, <https://periodicos.uff.br/ocosmopolitico/article/view/53829>.
- GOTTSCHALK, S. Christian Science. *Encyclopedia of Religion*, 2 ed., vol. 3, Thomsom Gale, 2005, pp. 1745-1748.
- GOUGES, O. *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*. Translated by Isabel Robalinho, Funchal, Euthalia Editora, LDA, 2010.
- GROSS, R. M. *Feminism and Religion: An Introduction*. Boston, Beacon Press, 1996.
- GUERRA, L. G. Pequeno Histórico do “Matriarcado” como Hipótese para a Interpretação da Pré-História. *Mare Nostrum*, vol. 12 (1), 2021, pp. 1-25, <https://doi.org/10.11606/issn.2177-4218.v12i1p1-25>.
- GUERRIERO, S. A Diversidade Religiosa no Brasil: A Nebulosa do Esoterismo e da Nova Era. *Correlatio*, vol. 2, no. 3, 2003, pp. 128-140, <https://doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v2n3p128-140>.
- GUERRIERO, S. Esoterismo e Astrologia na Nova Era: Do Ocultismo à Psicologização. *Reflexão*, vol. 41, no. 2, 2016, pp. 211-224, <https://www.redalyc.org/journal/5765/576561913008/576561913008.pdf>.
- GUERRIERO, S. Os componentes constitutivos da Nova Era: A formação de um novo ethos. *Rever*, no. 2, 2016, pp. 10-14, <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/29280>.
- HANEGRAAFF, W. J. New Age religion. *Religions in the Modern World: Traditions and Transformations*, edited by L. WOODHEAD, et al., Routledge, 2002, pp. 297-304.
- HANISCH, C. The Personal is Political. *The Women's Liberation Movement Classic With a New Explanatory Introduction*, 1969, <https://carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html>.
- HARLEY, G. M. Church of Christ, Scientist. *Religions of the World: A Comprehensive Encyclopedia of Beliefs and Practices*, edited by J. G. MELTON e M. BAUMANN, 2 ed., Bloomsbury Academic, 2010, pp. 671-6736.
- HEELAS, P. *The New Age Movement: The Celebration of the Self and the Sacralization of Modernity*. Oxford, Blackwell, 1999.
- HEELAS, P. *Spiritualities of Life: New Age Romanticism and Consumptive Capitalism*. Oxford, Blackwell Publishing, 2008.

- HEELAS, P., e L. WOODHEAD. *The Spiritual Revolution: Why Religion is Giving Way to Spirituality*. Oxford, Blackwell, 2005.
- JUNG, C. G. *O eu e o inconsciente*. 27 ed. ed., vol. 7/2, Petrópolis, Vozes, 1971/2015.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 11 ed. ed., vol. 9/1, Petrópolis, Vozes, 1976/2014.
- JUNG, C. G. *Psicologia do inconsciente*. 19 ed. ed., vol. 7/1, Petrópolis, Vozes, 1971/2011.
- KAPPKE, N. S., e M. R. OLIVEIRA. “Margaret Fuller: A Primeira Mulher a Publicar uma Obra Feminista nos Estados Unidos.” *Editora do Instituto de Letras UFRGS*, 2018, pp. 1-19, <https://www.ufrgs.br/ppgletras/wp-content/uploads/2020/06/26.pdf>.
- KEMP, D., e J. R. LEWIS, editors. *Handbook of New Age*. Boston, Brill, 2007.
- KING, U. *Women and Spirituality: Voices of Protest and Promise*. 2 ed., Nova York, Macmillan Education UK, 1993.
- King, Ursula, editor. *Religion and Gender*. Nova Jersey, Wiley-Blackwell, 1995.
- KRAVETZ, D. Consciousness-Raising Groups in the 1970's. *Psychology of Women Quarterly*. vol. 3(2), 1978, pp. 168-186, <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/j.1471-6402.1978.tb00532.x>.
- LANG, A. B. S. G. Espiritismo no Brasil. *Cadernos CERU*, vol. 19, no. 2, 2008, pp. 171-185, <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11863>.
- LERNER, G. *A Criação da Consciência Feminista: A Luta de 1.200 Anos das Mulheres para Libertar suas Mentes do Pensamento Patriarcal*. São Paulo, Cultrix, 2022.
- LERNER, G. *A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens*. São Paulo, Cultrix, 2019.
- MACHADO, P. S. Processos Comunicacionais nos Círculos de Mulheres e suas Relações com a Teologia Ecofeminista. vol. 23, 2017, pp. 33-48.
- MAGNANI, J. G. C. The New Age Movement and Urban Shamanism in Brazil. *New Age in Latin America: Popular Variations and Ethnic Appropriations*, edited by R. TORRE, et al., Brill, 2016, pp. 60-88.
- MAGNANI, J. G. C. *O Brasil da Nova Era*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.
- MALUF, S. W. Gender and New Age. *Encyclopedia of Latin American Religions*, edited by H. GOOREN, Springer International Publishing, 2019, pp. 498-502.
- MCCANN, H., e et. al. *O livro do feminismo*. 1 ed. ed., Rio de Janeiro, Globo Livros, 2019.
- MCPHILLIPS, K. Rituals, Bodies and Theology: Some Questions. *Feminist Theology*, vol. 6, no. 18, 1998, pp. 9-28, <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/096673509800001802>.

- MELTON, J. G., e M.BAUMANN, editors. *Religions of the World: A Comprehensive Encyclopedia of Beliefs and Practices*. 2 ed., Santa Barbara, Califórnia, ABC-Clio, 2010.
- MÉNDEZ, N. P. Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. *Mulher e Trabalho*, vol. 5, 2005, pp. 51-63, <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2712>.
- MESKELL, L. Goddesses, Gimbutas and archaeology “New Age” *ANTIQUITY*, no. 69, 1995, pp. 74-86, <https://doi.org/10.1017/S0003598X00064310>.
- MONROE, J. W. Crossing Over: Allan Kardec and the Transnationalisation of Modern Spiritualism. *Handbook of Spiritualism and Channeling*, edited by C. GUITTIEREZ, Brill, 2015, pp. 248-274.
- MONTEIRO, K. F., e L. S. GRUBBA. A Luta Das Mulheres Pelo Espaço Público Na Primeira: Onda Do Feminismo: De Suffragettes Às Sufragistas. *Direito e Desenvolvimento*, vol. 8, no. 2, 2017, pp. 261-278, [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277667680\\_ARQ\\_UIVO\\_Feminismoelutadeclasse.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277667680_ARQ_UIVO_Feminismoelutadeclasse.pdf).
- MORENO, C. D e MORENO, L.J. *Cordis*. Mulheres na história, São Paulo, n. 12, p. 31-56, 2014.
- MYERSON, J., et al., editors. *The Oxford Handbook of Transcendentalism*. Nova York, Oxford University Press, 2010.
- OLIVEIRA, A. Corpos e Corporeidade no Universo da Nova Era no Brasil. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, vol. 4, no. 9, 2012, pp. 52-64, <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3999087.pdf>.
- OLIVEIRA, A. C. O Movimento Católicas pelos Direitos de Decidir na América Latina: experiências em prol dos direitos sexuais e reprodutivos. E-cadernos CES. 2009. P.158–176 <http://journals.openedition.org/eces/240> ; DOI : 10.4000/eces.240
- OLIVEIRA, A., e F. BOIN. A Pluralidade de Experiências do Sagrado nas Sociedades Contemporâneas. *Religare*, vol. 14, no. 2, 2017, pp. 343-362, <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/36455>. Accessed 05 12 2022.
- OLIVEIRA, F. M. C., et al. Ciência e Espiritualidade em Ação: O Legado de Rudolf Steiner. *SAJEBTT*, vol. 7, no. 1, 2020, pp. 583-603, <https://teste-periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/2772/2280>.

- OSTETTO, L.E. Na Dança e na Educação: O Círculo como Princípio. *Educação e Pesquisa*, vol. 35, no. 1, 2009, pp. 165-176, <https://www.scielo.br/j/ep/a/bjphmXRN7jYRNGVp4wZK3Qb/abstract/?lang=pt>.
- PEDRO, J.M., e C. S. WOLFF. Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: Feminismo Tropical em Paris. *ArtCultura*, vol. 9, no. 14, 2007, pp. 55-69, <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/40109>.
- PINTO, C. R. J. *Uma história do Feminismo no Brasil*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- PRESOTI, V. C. O Espiritismo no Brasil Breve Leitura da Entrada e Difusão da Doutrina no País. *II Simpósio Nacional de Estudos da Religião da UEG - Éticas e Religiões em Tempos de Crise*, 11 2021, <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-federal-de-juiz-de-fora/introducao-a-ciencia-da-religiao/presoti-o-espirtismo-no-brasil-breve-leitura-da-entrada-e-difusao-da-doutrina-no-pais/36514120>.
- RAPHAEL, M. *Introducing Theology: Discourse on the Goddess*. Cleveland, Ohio, Pilgrim Press, 2000.
- REGALLA, G. J. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789 e sua Influência nos Direitos Individuais das Constituições Liberais Portuguesas (1822-1911). *Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Universidade de Lisboa, Lisboa*, 2019, <https://run.unl.pt/handle/10362/96122>.
- REID-BOWEN, P. *Goddess as nature: towards a philosophical theology*. Reino Unido, Bath Spa University, 2007.
- RODRIGUES, M. H. Religião, Deus e Símbolos em C. G. Jung: Tecendo Considerações. *Revista Contemporânea*, vol. 12, 2015, pp. 183-197.
- NUNES, M. J. F. R. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, no. 16, 79-86, p. 2001. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644538>.
- ROUNTREE, K. *Embracing the Witch and the Goddess: Feminist Ritual-Makers in New Zealand*. Londres, Routledge, Taylor & Francis Group, 2004.
- RUETHER, R. R. The emergence of Christian feminist theology. *The Cambridge Companion to Feminist Theology*, edited by S. F. PARSONS, Cambridge University Press, 2002.
- RUETHER, R. R. *Goddesses and the Divine Feminine: A Western Religious History*. Los Angeles, University of California Press, 2005.
- SCOBELL, S. Judith Sargent Murray: The "So-Called" Feminist. *Constructing the Past*, vol. 1, no. 1, 2000, pp. 4-23,

<https://digitalcommons.iwu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1067&context=constructing>.

- SILVA, D. S. Gênero, Sexo e Sexualidade Segundo o Espiritismo. *ANPUH-Brasil -31 Simpósio Nacional de História. Universidade Federal de Juiz de Fora*, 2021, [https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1627502638\\_ARQUIVO\\_55fbd818008f1aa7057350c16f44145c.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1627502638_ARQUIVO_55fbd818008f1aa7057350c16f44145c.pdf).
- SILVA, J. P. A., et al. As Quatro Ondas do Feminismo: Lutas e Conquistas. *Revista de Direitos Humanos em Perspectiva*, vol. 7, no. 1, 2021, pp. 101-122, <https://indexlaw.org/index.php/direitoshumanos/article/view/7948>.
- STERN, F. L., e S. GUERRIERO. *Terapias Holísticas: Uma Análise do Sistema Médico da Nova Era*. São Paulo, Educ, 2020.
- STONE, M. *Quando Deus era Mulher*. Translated by A. L. de Andrade, São Paulo, Goya, 2022.
- SUTCLIFFE, S. *Children of the New Age: A History of Spiritual Practices*. Londres, Routledge, 2003.
- WAYNE, T. K. *Encyclopedia of Transcendentalism*. Nova York, Facts On File, 2006.
- WEAVER, M. J. Who Is the Goddess and Where Does She Get Us?. *Journal of Feminist Studies in Religion*, vol. 5, no. 1, 1989, pp. 49-64, <http://www.jstor.org/stable/25002097>.
- WILSON, L.P. *CliffsNotes Thoreau, Emerson, and Transcendentalism*. Foster City, CA, IDG Books Worldwide, Inc, 2000.
- WOLLSTONECRAFT, M. *Reivindicação dos direitos da mulher*. 1 ed., São Paulo, Boitempo Editorial, 2016.
- WOODHEAD, L. As diferenças de gênero na prática e no significado da religião. *Estudos de Sociologia, Araraquara*, vol. 18, no. 34, 2013, pp. 77-100, <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/5974>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- WOODHEAD, L. Post-Christian Spiritualities. *Religions*, vol. 23, no. 2, 1993, pp. 167-181, <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1006/rel.1993.1015>.
- WOODHEAD, L., et al. *Religions in the Modern World: Traditions and Transformations*. Londres, Routledge, 2005.
- WOODHEAD, L., e P. HEELAS, editors. *Religion in Modern Times: An Interpretive Anthology*. Nova Jersey, Wiley-Blackwell, 2000.
- WOODHEAD, Linda. Women and Religion. *Religions in the Modern World: Traditions and Transformations*, edited by Linda WOODHEAD, et al., Routledge, 2003, pp. 384-411.
- ZANGARI, W., et al. Estados Alterados de Consciência e Religião. *Compêndio de Ciência da Religião*, edited by J. D. PASSOS e F. USARSKI, Paulinas, 2013, pp. 423-435.

## Apêndice A

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA - PUC**  
**Comitê de Ética em Pesquisa Sede Campus Monte Alegre**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidada para participar como voluntária deste estudo intitulado “Representações Sociais do Sagrado e do Feminino nos Círculos de Mulheres: Aspectos Simbólicos Psicossociais e Intrapsíquicos”. A pesquisa tem como objetivo investigar as características psicológicas e sociodemográficas de mulheres que participam dos Círculos de Mulheres, a fim de compreender as motivações psicossociais que levam essas pessoas a se dedicarem à essa prática, e os significados/sentidos dessa prática para elas. Suas informações são extremamente importantes para o sucesso da iniciativa. Sua participação, porém, não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Apenas pessoas com 18 anos de idade ou mais podem participar desta pesquisa, que sejam frequentadoras de círculos de mulheres.

Após ler e esclarecer sobre as informações a seguir, no caso de fazer parte do estudo, assine este documento que está em duas vias: uma delas é sua e a outra da pesquisadora responsável. Em caso de dúvida você pode entrar em contato com a pesquisadora pelo e-mail [karinakris.psi@gmail.com](mailto:karinakris.psi@gmail.com) ou pelo telefone (11) 98330-8653, e também com o Orientador desta pesquisa Prof. Dr. Everton de Oliveira Maraldi, pelo endereço de e-mail [omaraldi@pucsp.br](mailto:omaraldi@pucsp.br) ou pelo telefone (11) 3670-8529. Você pode também contatar a Secretária do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP - CEP- PUC/SP, localizada no térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo), Rua Ministro Godói, 969, sala 63-C - Perdizes - SP - CEP: 05015-001. Telefone: (11) 3670.8466. E-mail : [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br)

Rubrica da pesquisadora \_\_\_\_\_

Rubrica da entrevistada \_\_\_\_\_

### **Tema e objetivo do estudo**

O presente projeto tem como objetivo verificar como as entrevistadas compreendem o sagrado e o feminino nos círculos de mulheres e sua influência na saúde mental. A pesquisadora tem estreita ligação com a temática da mulher e do feminino, sendo assim seu estudo tem objetivos pessoais, sociais e culturais sendo de interesse ao diálogo científico e as questões que envolvem a mulher.

### **Informações sobre a participação nesta pesquisa**

A sua participação é extremamente importante para o sucesso da pesquisa. Você ajudará a compor uma amostra do universo de mulheres participantes dos círculo de mulheres. Basicamente, a principal tarefa das colaboradoras será participar de entrevistas pessoais ou online com a pesquisadora, conforme seu tempo e comodidade, dentro de um prazo previamente acordado com a pesquisadora. A entrevista poderá ser realizada tanto em local acessível a você ou online, tal como for acordado com a pesquisadora, em horário marcado previamente, com a sua anuência e sem maiores impedimentos às suas atividades diárias. A entrevista tem duração prevista de 60 minutos.

Por se tratar de uma pesquisa que envolve relatos de história de vida é possível que você sinta algum desconforto, constrangimento ou angústia ao tocar em algum tema delicado do ponto de vista emocional durante a entrevista. As entrevistas serão realizadas por uma psicóloga capacitada a oferecer acolhimento necessário no caso dessa ocorrência. Você terá também resguardado seu direito de interromper sua participação e mesmo sair do estudo em qualquer momento.

Sua participação não terá nenhuma remuneração decorrente da pesquisa, mas sua contribuição pessoal será de grande valia para a expansão do conhecimento científico acerca dos temas abordados neste projeto. Também não haverá despesa para as participantes que seja decorrente da participação nesta pesquisa. Por se tratar de uma dissertação de mestrado realizada em uma universidade conhecida, a pesquisa pode ajudar a visibilidade do círculo de mulheres, auxiliando com dados demográficos e

suscitando a importância coletiva, ainda que as participantes estejam protegidas pelo anonimato.

Será preservado o sigilo quanto aos dados pessoais, sendo as informações obtidas usadas apenas para fins de pesquisa, havendo a possibilidade de publicação dos resultados em revista científica, ou em alguma outra publicação, sendo assegurado o anonimato. Isso significa que o nome das pessoas não aparecerá em publicações ou divulgações do estudo, e os poucos dados de identificação que você vier a fornecer serão de utilização apenas dos pesquisadores.

O único material a ser utilizado é um gravador de áudio que facilitará a coleta de dados, cabendo a você a aprovação ou não do uso desta forma de registro. Posteriormente, o relato gravado será analisado com base na fundamentação teórica e o material de áudio proveniente dessas entrevistas será arquivado pelos pesquisadores, caso sejam necessárias análises posteriores dos originais, tendo você o direito de acesso a esse material.

**Consentimento da participação da pessoa como voluntário (a)**

Eu,

\_\_\_\_\_

RG ou CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa detalhada acima. Fui devidamente informado (a) e esclarecido(a) por este documento e pelos pesquisadores sobre os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou prejuízo. *Assinarei este documento que está em duas vias; uma delas é minha e a outra do pesquisador responsável.*

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Assinatura do (a) participante:

\_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador:

\_\_\_\_\_